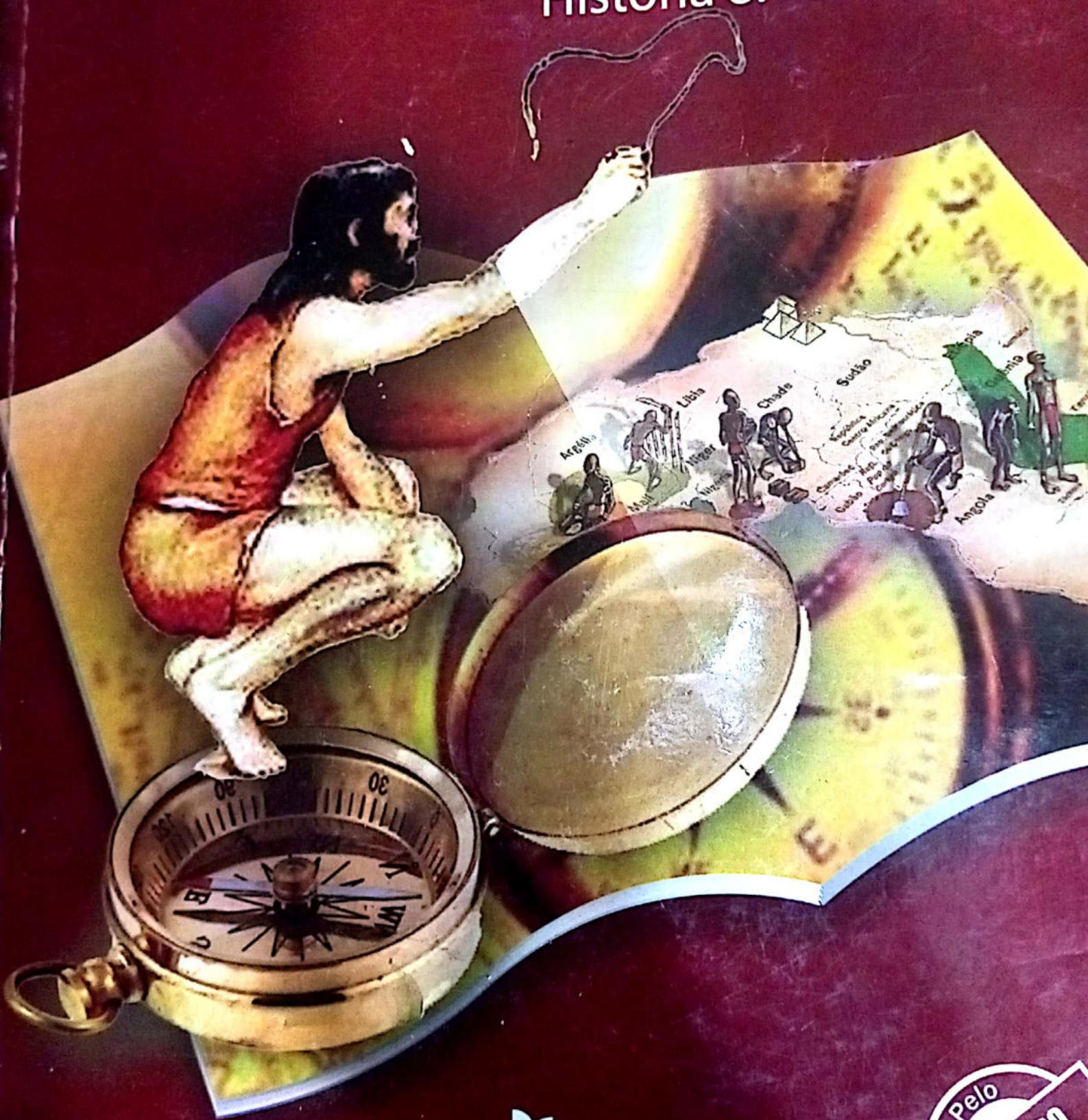


Lázaro Impuia

# H8

## História 8.ª Classe



Texto Editores

Pelo  
ADOPTADO  
MINEDU

---

**f i c h a   t é c n i c a**

---

titulo	<b>H8 • História 8.º Classe</b>
autor	<b>Lázaro Impuia</b>
coordenação	<b>Célia Rodrigues</b>
editor	<b>Texto Editores, Lda.</b>
capa	<b>Décio Simango</b>
arranjo gráfico	<b>Darlene Mavale e Décio Simango</b>
paginação	<b>Belmiro Armando e Cassamo Moiane</b>
Pré-impressão	<b>Texto Editores, Lda. – Moçambique</b>
Impressão e acabamentos	<b>Texto Editores</b>

---

 **Texto Editores**

Av. Para o Palmar Q. 35, n.º 141A • Sommerchield II • Maputo • Moçambique

Tel: (+258) 21 49 73 04

Fax: (+258) 21 49 73 05

Cels: (+258) 82 326 1460 • (+258) 84 326 1460

E-mail: [info@me.co.mz](mailto:info@me.co.mz)

---

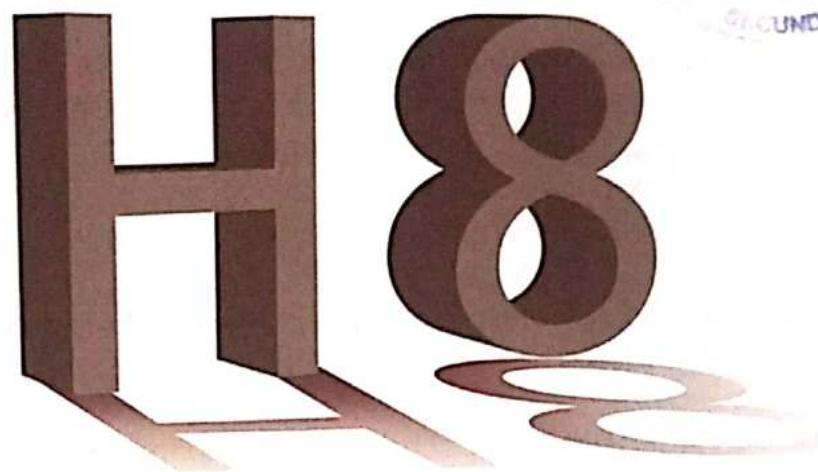
**© 2008, Texto Editores, Lda.**

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, offset, fotografia, etc) sem o consentimento escrito da Editora, abrangendo esta proibição o texto, a ilustração e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no Código do Direito de Autor. D.L de 27 de Fevereiro de 2001.

---

MAPUTO, JANEIRO de 2017 • 2.ª EDIÇÃO • 2.ª TIRAGEM • REGISTADO NO INLD SOB O NÚMERO: 5285/RLINLD

Lázaro Impuia



# História 8.ª Classe

# Introdução

Caros Alunos,

O presente Manual foi organizado em unidades temáticas, que em seguida se apresentam:

**Unidade 1 – A História como Ciência.** Nesta unidade estabelece-se um percurso em que se coloca ao aluno a possibilidade de desenvolver o conceito de História. Mais adiante nesse percurso, é referida a importância de que se revestem as fontes para a reconstituição da História e a consequente necessidade de conservá-las. O objectivo primordial desta unidade é mostrar a importância que assume a História na formação do cidadão.

**Unidade 2 – Origem e Evolução do Homem.** Para a abordagem deste tema recorreu-se a uma teoria religiosa, nomeadamente a católica, advogada pela Bíblia, e a uma teoria não religiosa, a teoria evolucionista. Este facto pode levar o aluno a comparar estas teorias e a produzir, por isso, um julgo. Ao longo desta unidade procura-se mostrar o papel que o trabalho (o fabrico de instrumentos, por exemplo) desempenhou na evolução do próprio Homem.

**Unidade 3 – A Diferenciação Social e a Formação de Estados.** Ao longo desta unidade são tomados como exemplos de Estados as sociedades que se desenvolveram nas margens dos grandes rios, no Próximo Oriente e no Mediterrâneo, na Europa. Na abordagem destes Estados, procurou-se evidenciar os aspectos comuns e particulares que os caracterizaram. Por outro lado, procura-se nesta unidade, igualmente, referir a importância daqueles Estados para a sua época e o legado dos mesmos à Humanidade.

Por fim, trata-se do percurso de Moçambique, da Comunidade Primitiva no advento da diferenciação social e formação dos primeiros Estados. Assim, possibilita-se nesta unidade uma comparação entre a evolução de Moçambique e de algumas sociedades do Próximo Oriente e do Mediterrâneo europeu.

**Unidade 4 – As Relações Sociopolíticas na Europa e na África entre os séculos V e XV.** Nesta unidade estabelece-se um paralelismo entre as relações sociopolíticas prevalecentes na Europa e em África, num mesmo período. Para o efeito, no continente europeu é tomado o exemplo da Europa Ocidental, e a Etiópia é tida como o exemplo de África. Finalmente, faz-se nesta unidade uma sistematização geral da situação da Europa Ocidental e de África. Para o caso de África, Moçambique é igualmente abordado.

As unidades estão divididas em pequenos subcapítulos, permitindo, assim, uma leitura e uma interpretação fáceis.

As notas explicativas e os comentários constituem um outro aspecto marcante do presente Manual. Mesmo não fazendo parte do texto que o aluno deve obrigatoriamente ler e interpretar, as notas explicativas contribuem para o enriquecimento do conhecimento do aluno quanto a um determinado assunto. Sendo assim, é aconselhável que o aluno os leia.

Por outro lado, o Manual apresenta um glossário, distribuído ao longo das unidades e actividades, sendo algumas destas integradas em documentos. Ao interpretar os documentos, o aluno constrói o seu próprio saber, não estando assim sujeito à simples memorização. A interpretação de documentos constitui um instrumento valioso para o domínio da língua portuguesa, facto que pode contribuir, por seu lado, para a fácil compreensão de outras disciplinas.

Algumas das referidas actividades apresentam palavras cujo significado pode não ser conhecido pelos alunos. A não apresentação destas palavras no glossário tem por objectivo incentivar o aluno a fazer uso do dicionário, seleccionando, assim, o significado mais apropriado para cada situação que lhe é colocada.

A par das actividades distribuídas ao longo do manual, o fim de cada unidade integra igualmente, uma página de actividades concebidas para que o aluno consolide as matérias tratadas nesta mesma unidade. No fim do manual são apresentadas as soluções das mesmas.

As actividades sugeridas integram, por vezes, conteúdos que não se encontram desenvolvidos no Manual. Esta situação pode encorajar o professor e os alunos a associarem ao Manual outras fontes que estiverem ao seu alcance, nomeadamente: livros, revistas, jornais, testemunhos de anciãos, atlas históricos e geográficos, Internet, etc. Entendemos, igualmente, que esta mesma situação pode levar o professor e os alunos a associarem estes conhecimentos extra-escolares àqueles que são adquiridos na escola.

Nesta perspectiva, a escola deixa de ser um centro exclusivo de aquisição de saber, transformando-se num centro de troca de saberes. A escola deixa de ser uma ilha em relação à sociedade, transformando-se em parte integrante desta.

As linhas gerais do Manual que acabámos de apresentar testemunham que na sua conceção e elaboração esteve sempre presente a preocupação de interpretar os novos programas do Ensino Secundário, que privilegiam o desenvolvimento das competências, que compreendem um conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários à vida.

O Autor

## Unidade 1 – A História como Ciéncia



O que é a História? .....	8
Exercícios de aplicação .....	10
A importância da História .....	10
Exercícios de aplicação .....	11
As fontes da história .....	11
Tipos de fontes .....	12
As fontes da história de África e de Moçambique:	
O papel da fonte oral .....	14
Exercícios de aplicação .....	15
Os locais de interesse histórico .....	15
Exercícios de aplicação .....	17
A História e as outras ciências .....	17
O tempo e a História .....	19
Exercícios de aplicação .....	20
A periodização em História.....	20
A periodização da História de África e de Moçambique.	21
A História é uma ciéncia?.....	25
Exercícios de aplicação .....	26
Exercícios propostos .....	27

## Unidade 2 – A Origem e a Evolução do Homem

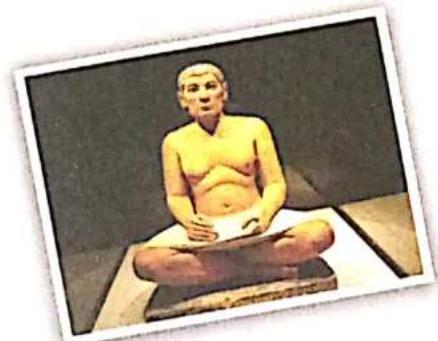


Como surgiu o Homem? .....	30
Como se deu este longo processo de evolução? ....	31
A conquista do fogo.....	32
O controlo do fogo. Como conseguiu	
Homem este grande feito? .....	33
Exercícios de aplicação .....	34
A evolução da vida económica, social	
e espiritual do Homem.....	35
A arte e os ritos no Paleolítico .....	37
Exercícios de aplicação .....	38
A economia de produção e os progressos técnicos	
A arte e os ritos no Neolítico .....	42
Exercícios de aplicação .....	44
Exercícios propostos .....	45

## Unidade 3 – A Diferenciação Social e a Formação de Estados



As civilizações dos Grandes Rios e do Mediterrâneo Oriental .....	48
O Egipto .....	49
Exercícios de aplicação .....	50
Exercícios de aplicação .....	52
Exercícios de aplicação .....	53
Exercícios de aplicação .....	59
A Mesopotâmia .....	60
Exercícios de aplicação .....	62

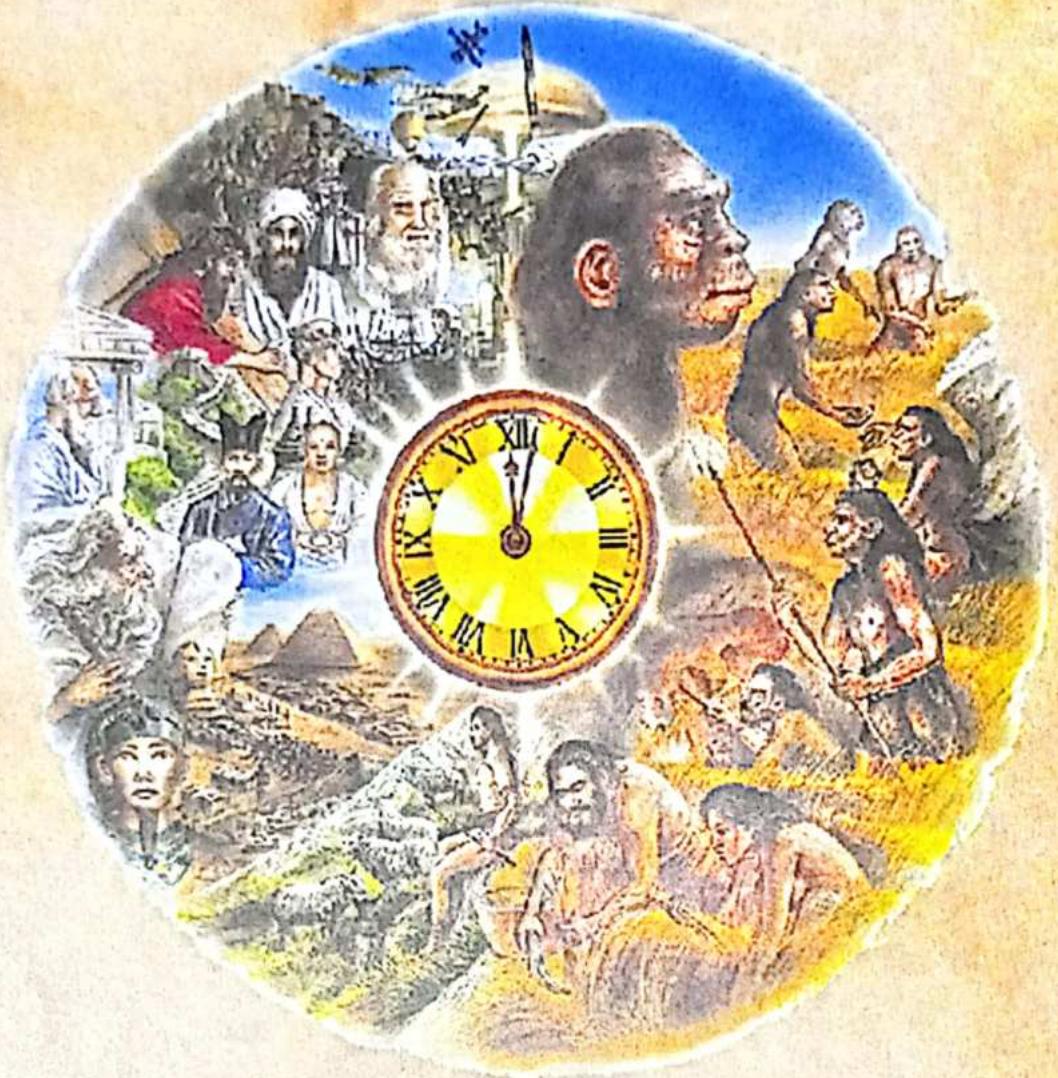


Exercícios de aplicação .....	63
A Babilónia .....	65
Exercícios de aplicação .....	66
Surgimento e desenvolvimento da sociedade esclavagista na Europa: Grécia e Roma .....	67
Grécia Antiga .....	67
Exercício de aplicação .....	69
As características da democracia ateniense .....	72
Exercícios de aplicação .....	76
A tua contribuição na construção da Democracia e Cultura de Paz em Moçambique .....	77
Roma Antiga .....	78
Exercícios de aplicação .....	80
A origem e características da escravatura em Roma .....	80
A formação do Império Romano .....	83
Exercícios de aplicação .....	85
A crise e a queda do Império .....	85
Exercícios de aplicação .....	90
Moçambique: da comunidade primitiva à formação dos primeiros estados .....	91
Os khoisan – organização económica, social e ideológica .....	91
Exercícios de aplicação .....	92
Os bantu – organização económica, social e ideológica .....	92
O Reino do Zimbabwe .....	95
O Império de Mutapa .....	97
Exercícios de aplicação .....	100
Exercícios propostos .....	101

#### Unidade 4 – As Relações Sociopolíticas na Europa e em África entre os Séculos V e XV



O Feudalismo na Europa: séculos V-XV .....	104
Exercícios de aplicação .....	107
Características económicas, políticas e culturais do Feudalismo .....	108
Exercícios de aplicação .....	111
Exercícios de aplicação .....	114
A crise do Feudalismo .....	115
Exercícios de aplicação .....	117
A África: do século V ao século XV .....	117
A Etiópia .....	117
Exercícios de aplicação .....	118
Exercícios de aplicação .....	119
Sistematização .....	122
Exercícios de aplicação .....	123
Ontem, foi a peste negra. Hoje, é o SIDA .....	124
Exercícios propostos .....	126
Soluções .....	127
Bibliografia .....	128



## OBJECTIVOS

O aluno deve ser capaz de:

- Definir História.
- Explicar a função e importância da História.
- Explicar a primazia das fontes orais na reconstrução da História da África e de Moçambique.
- Valorizar os locais de interesse histórico nacionais.
- Relacionar a História com as outras ciências.
- Situar acontecimentos no tempo e no espaço.



## CONTEÚDOS

### A História como ciência

- Definição de História
- Importância da História
- As fontes da História
  - Definição de fonte Histórica
  - Os tipos de fontes
  - As fontes da História da África e de Moçambique: o papel das fontes orais
- A História e outras Ciências (Geografia, Economia, Arqueologia, Antropologia e Cronologia)
- O tempo e a História
  - A contagem do tempo em História
  - A periodização em História
  - A periodização da História da África e de Moçambique

### A História como Ciência

## UNIDADE

Págs. 6 a 27

## O que é a História?

Esta é uma pergunta que muitas vezes é colocada por professores, alunos e estudiosos em geral.

A procura de uma resposta para esta pergunta, vamos juntos imaginar o que deve ter acontecido contigo, na qualidade de aluno e até ao momento presente, em que estás a ler este texto.

No dia 12 de Outubro celebrou-se mais um aniversário do «Dia do Professor» em todo o país. Estás na 8.ª classe, turma A, na Escola Secundária de Laulane. Para assinalar esta data, algumas escolas da cidade de Maputo procederam à deposição de flores na Praça dos Heróis Moçambicanos. Tu foste à Praça dos Heróis integrando a tua turma, que foi seleccionada para representar a Escola naquela cerimónia.

No exterior da Praça ficaste a observar, com atenção e admiração, o mural da autoria de João Craveirinha (Fig.1), que para ti era de difícil interpretação. O teu professor aproximou-se prontamente para te dizer que o mural que te causava admiração era a representação da heróica e secular resistência do povo moçambicano à colonização portuguesa. Já no interior da Praça, lado a lado com os teus colegas, identificaste nomes de Homens que, sob diversas formas, lutaram e morreram pela libertação de Moçambique.



Fig. 1 Mural, de autoria de João Craverinha

Nesta nossa viagem imaginária podemos assinalar os seguintes acontecimentos:

- A resistência do povo moçambicano contra a penetração, fixação e dominação colonial ao longo dos séculos.
- A resistência do povo moçambicano, mais concretamente a que esteve associada a luta de libertação nacional durante dez anos.
- A ida da tua turma à Praça dos Heróis.
- A celebração do dia 12 de Outubro, «Dia do Professor», organizada pelas escolas da cidade de Maputo.

Estes acontecimentos tiveram lugar num tempo e num espaço geográfico determinados. Em alguns destes acontecimentos, tu foste um dos protagonistas. Noutros tu não tiveste, certamente, uma participação activa.

Todos estes acontecimentos dizem respeito à vida das pessoas, organizadas em pequenos ou em grandes grupos.

À descrição ou o tratamento destes acontecimentos que marcaram a vida dos Homens (povo moçambicano em geral, combatentes da luta de libertação nacional, professores da cidade de Maputo e a tua turma) num determinado tempo e espaço geográfico chama-se História.

Por outras palavras, a História é o estudo da vida aos humens ou das sociedades humanas num determinado tempo e num determinado espaço geográfico.



### Nota Explicativa

**Resistência heróica e secular:** luta de um povo, que pode durar centenas de anos. Nesta luta o povo entrega-se de forma corajosa para libertar a terra e os indivíduos ou para alcançar os objectivos que deseja. Por durar muitos anos e, por ser uma luta de verdadeira valentia, esta é designada «luta secular e heróica».

**Protagonista:** diz-se que uma pessoa é protagonista quando esta tem um papel importante numa determinada missão ou obra cujos resultados marcam um tempo e um espaço determinado. Presta atenção aos exemplos que se seguem:

1. Na campanha de qualificação para o Ghana 2008, Tico-Tico foi um dos grandes protagonistas da vitória dos Mambas sobre Burkina Fasso, no Estádio da Machava, ao marcar dois dos três golos da partida.
2. Samuel Magassoso, agricultor do distrito de Báruè, em Manica, foi um grande protagonista na luta contra a fome e a pobreza ao obter bons resultados agrícolas e empregar setenta camponeses. Por este feito, Magassoso recebeu um prémio internacional na sede das Nações Unidas, a 22 de Setembro de 2004.

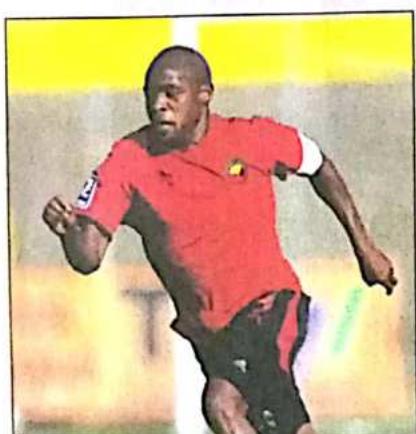


Fig. 2 Manuel José Bucuane (Tico-Tico), um dos protagonistas na campanha de qualificação para o Ghana 2008.



Fig. 3 À semelhança de Samuel Magassoso, este camponês é protagonista da luta contra a fome.



## Exercícios de aplicação

1. Assinala com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações que se seguem. Justifica a tua resposta.

- A. A turma da 8.ª Classe, que visitou a Praça dos Heróis no dia 12 de Outubro, passou a integrar o grupo de protagonistas da História da Praça dos Heróis de Maputo.
- B. A turma da 8.ª Classe, que visitou a Praça dos Heróis no dia 12 de Outubro, passou a ser protagonista da resistência secular retratada pelo mural de João Craveirinha.

## A importância da História

Continuemos na nossa aventura imaginária relativa à participação da turma A da 8.ª classe da Escola Secundária de Laulane, nas festividades do dia 12 de Outubro, «Dia do Professor».

Na viagem à Praça dos Heróis, a tua turma passou por avenidas asfaltadas e por outras em obras de manutenção. Nesta caminhada viram homens devidamente fardados, de capacete na cabeça, em grande labor (Fig. 4).

Na Praça dos Heróis, a tua turma juntou-se a outras e em conjunto assinalaram o «Dia do Professor».

Desta nossa aventura imaginária podemos extraír as seguintes lições:

- Ao comemorar o 12 de Outubro, os professores das escolas da cidade de Maputo pretendiam tornar presente o dia da criação da Organização Nacional dos Professores (ONP).
- Ao desfrutar das comodidades da estrada asfaltada a tua turma pensou, certamente, nos Homens que viveram no passado e construíram estas mesmas avenidas. Este pensamento pode ter criado em ti e nos teus colegas a necessidade de conservar estas avenidas, em reconhecimento e expressão de apreço pelo trabalho dos seus construtores.
- O exterior e o interior da Praça dos Heróis mostram a dimensão da colonização e das suas consequências para os moçambicanos.

A partir das lições extraídas da nossa viagem imaginária podemos concluir que o estudo da História contribui para a compreensão do passado da sociedade em que vivemos e valorizamos, assim, os feitos humanos ao longo dos tempos.



Fig. 4 Reconstrução de uma avenida. Nesta obra, os Homens valorizam os feitos dos antepassados.

Por outro lado, a História ajuda-nos a reflectir sobre os problemas actuais a assumir um espírito crítico sobre estes mesmos problemas e a procurar, assim, as soluções mais apropriadas.

Em conclusão, pode-se dizer que a História contribui para que os indivíduos assumam conscientemente o seu papel de cidadãos defensores do bem-estar, progresso e justiça social.



## Glossário

**Labor** – trabalho

**Deslizar** – escorregar suavemente, ir correndo de forma regular

**Desfrutar** – gozar, apreciar, tirar benefício de alguma coisa

**Perpetuar** – tornar para sempre vivo um acontecimento

**Apreço** – consideração, estimação, valorização

**Feito** – realização de grande importância



## Exercícios de aplicação

1. No exterior da Praça dos Heróis observa-se um mural da autoria do pintor João Craveirinha.

Explica como aquele mural ajuda-nos a identificar os antecedentes de alguns problemas actuais.

2. A História ajuda-nos a assumir um espírito crítico para com os problemas existentes.

Explica o significado da expressão «espírito crítico».

## As fontes da História

Vimos que a História é o estudo da vida das sociedades num determinado tempo e num determinado espaço geográfico.

Como conhecer a vida destes Homens?

Para conhecer a sua vida, os historiadores servem-se de vestígios materiais que estiveram ligados à vida daqueles, como, por exemplo, enxadas, machados, ruínas de habitações, etc. Os registos deixados pelos próprios ou os escritos sobre a vida daqueles, como, por exemplo, inscrições em pedra, jornais e cartas são igualmente utilizados para se estudarem as características da sua vida quotidiana. Finalmente, os historiadores podem servir-se de testemunhos de pessoas que conviveram com as pessoas que são estudadas ou ainda de testemunhos dos seus descendentes.

Todos estes meios de que os historiadores se servem para reconstituir a vida das sociedades no tempo e no espaço ou para fazer a História da Humanidade constituem fontes da História.

Podemos, igualmente, afirmar que as fontes documentam a vida das pessoas ou das sociedades num determinado tempo e espaço. Por isso, as fontes constituem também documentos históricos.

## Tipos de fontes

Os historiadores usam, portanto, as referidas fontes para reconstituírem a História das sociedades. As fontes dividem-se em tipos ou categorias, que podem variar de autor para autor. Assim, é de admitir que possas encontrar uma classificação ou divisão diferente daquela que te vamos apresentar.

Na nossa classificação, as fontes de História dividem-se em arqueológicas, escritas e orais.

### Fontes materiais ou arqueológicas

São vestígios ou restos materiais deixados pelo Homem que podem ser encontrados em estações arqueológicas ou em outros espaços.

Exemplos: ruínas de construções, instrumentos de trabalho, utensílios domésticos, ossadas, pinturas rupestres, etc.



Fig. 5 Ossada de um mamute

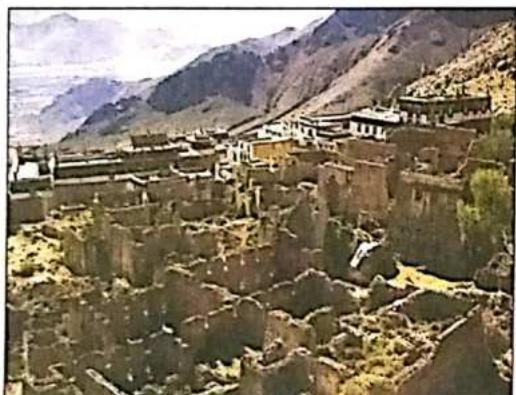


Fig. 6 Ruínas de Jerusalém



Fig. 7 Pintura rupestre

### Fontes escritas

São registos de acontecimentos que começaram a aparecer com a invenção da escrita e foram-se desenvolvendo ao longo dos tempos. A interpretação das fontes escritas exige, por vezes, conhecimentos de escritas antigas como a cuneiforme (escrita suméria) e a hieroglífica (escrita egípcia).

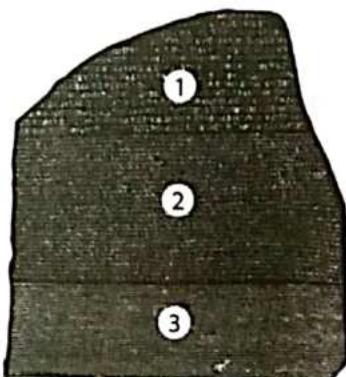


Fig. 8 Fonte escrita. Pedra de Roseta, contendo texto escrito em três línguas: a hieroglífica (1), a demótica (2) e a grega (3).

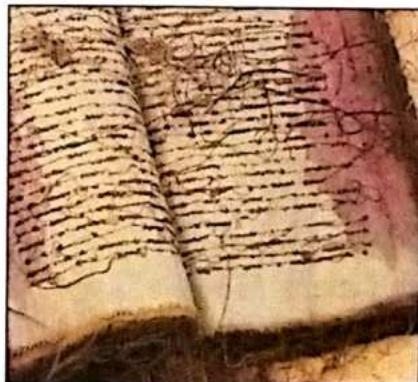


Fig. 9 Fontes escritas (um livro)

## Fontes orais

São narrativas ou práticas transmitidas oralmente de geração em geração ou dos mais velhos para os mais novos. Também podemos dizer que são testemunhos de pessoas que viveram ou ouviram acontecimentos do passado.

Exemplos: danças, canções, contos, lendas, etc.

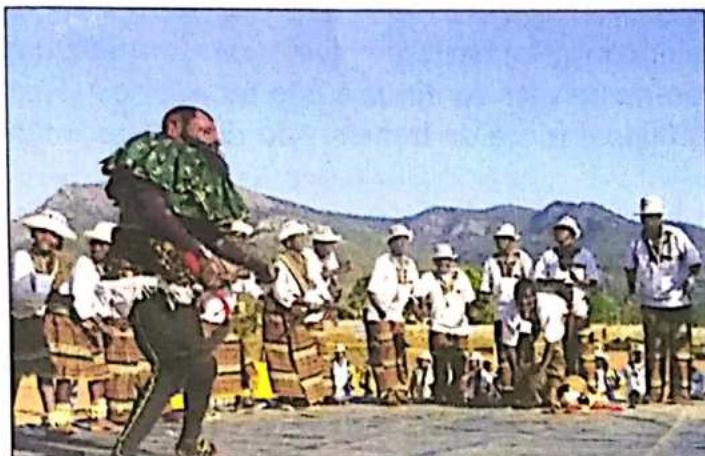


Fig. 10 Mapico (dança tradicional originária de C. Delegado)



### Documento A

#### Tradição oral dos Bapende

«Os nossos pais viviam confortavelmente numa planície de Luabala. Tinham vacas e culturas; tinham salinas e bananeiras. De repente, viram sobre o grande mar surgir um grande barco. Este barco tinha asas brancas, brilhantes como punhais.

Os homens brancos saíram da água e disseram palavras que não se comprendiam. Os nossos antepassados intimidaram-se, disseram que eram Vumbis, os espíritos que regressam. Repeliram-nos para o mar por meio de flechadas.

Mas os Vumbis vomitaram fogo com um barulho de trovão. Muitos homens foram mortos. Os nossos antepassados fugiram.

Os notáveis e adivinhos disseram que estes Vumbis eram os antigos possuidores da Terra. Os nossos pais deixaram a planície de Luabala, receando o regresso do barco Ulungu.

Retiraram-se para o rio Lucala. Outros ficaram junto do grande mar.

O barco voltou e os homens brancos reapareceram. Pediam galinhas e ovos; davam tecidos e pérolas. Os brancos regressaram outra vez. Trouxeram milho e mandioca, facas e enxadas, amendoim e tabaco...»

G. L. Haveaux, *La tradition historique des Bapende orientaux*.

## As fontes da História de África e de Moçambique: o papel da fonte oral

A reconstituição da História das sociedades é feita a partir das fontes orais, materiais ou arqueológicas e escritas. A História de África e de Moçambique serve-se igualmente dessas fontes para reconstituir o passado das suas sociedades.

As fontes orais, porém, ocupam um lugar de grande importância para a História de África e de Moçambique, pois foi a oralidade que por muitos anos garantiu a transmissão dos conhecimentos e experiências.

Nos nossos dias a escrita encontra-se bastante divulgada. Contudo, uma parte considerável do continente africano e do nosso país continua a não ter acesso à escrita. Assim, esta parte utiliza a oralidade como principal fonte de transmissão de acontecimentos, saberes e experiências.

A História da resistência à ocupação colonial portuguesa e os episódios da Primeira Guerra Mundial em Moçambique são exemplos de acontecimentos transmitidos por pessoas, geralmente mais velhas, que ouviram contar dos seus pais ou avós.

Os estudiosos da História de África e de Moçambique têm-se servido deste conjunto de saberes, acontecimentos e experiências transmitidos de geração em geração para reconstituir a História dos povos deste continente e deste país.

Mas, a reconstrução da História a partir deste conjunto de saberes (lendas, mitos e contos) não constitui tarefa fácil. O tempo vai apagando a memória e, por isso, os saberes transmitidos de geração a geração vão-se tornando pouco fiáveis ou credíveis. Assim sendo, para tornar esses acontecimentos (fontes orais) credíveis, o historiador deve ser bastante cauteloso e ter em consideração o seguinte:

- Recolher informações junto do maior número possível de pessoas para poder confrontá-las.
- Entrevistar os mais velhos para a recolha de informações, pois estes estão mais próximos dos antepassados e, consequentemente, dos depositários do saber.
- Ser humilde nas suas pesquisas, renunciando o hábito de julgar que sabe tudo e é superior em relação aos velhos e às outras pessoas de quem ele recebe as informações, os saberes e as experiências.

Tierno Bokar, especialista em tradição oral, dá o conselho que se segue (Documento B) ao pesquisador ou historiadores que procura fontes orais:

### Documento B

«Se queres saber quem sou,  
Se queres que te ensine o que sei,  
Deixa um pouco de ser o que tu és  
E esquece o que sabes»

Comité Científico Internacional para a Redacção de uma História Geral de África (UNESCO),

*História Geral da África. Metodologia e Pré-História de África. Vol. I.*

**Exercícios de aplicação**

1. Observa atentamente as figuras 7 e 9. Identifica as fontes que elas representam.
2. A utilização da tradição oral exige bastante cuidado. Contudo, ela é uma fonte indispensável para a História de África, como ilustra o Documento A. Comenta esta afirmação.
3. Refere o outro tipo de fonte que é bastante valioso para períodos mais remotos da História de África e de Moçambique. Justifica.
4. Explica por palavras tuas o significado do Documento B.

**Glossário**

**Fidedigno** – credível, em que se pode confiar.

**Depositário do saber** – que acumula conhecimentos, experiências. Os mais velhos, por exemplo, são considerados depositários do saber.

**Remoto** – antigo

## Os locais de interesse histórico

Os locais de interesse histórico (Figs. 11, 12 e 13) representam património cultural do nosso País. Fazem ainda parte do património cultural os instrumentos musicais tradicionais (Fig. 14) as pinturas rupestres, as vias de comunicação, como estradas e pontes, os espólios dos museus, contos, música popular, as línguas nacionais, incluindo aquelas que se encontram em risco de extinção.

A compreensão da situação actual dos transportes ferroviários e rodoviários, de algumas manifestações religiosas, culturais e de outros aspectos da vida depende da preservação do património cultural. Esta tarefa é reservada ao Governo, aos municípios, aos habitantes dos postos administrativos, das aldeias, a cada indivíduo e a toda a população.



Fig. 11 Praça dos trabalhadores

## UNIDADE 1

O Governo, por exemplo, desenvolve acções de restauro. As empresas podem, igualmente, financiar acções do género. Os municípios, os habitantes dos postos administrativos e das aldeias, tu e a tua turma podem participar na preservação dos locais de interesse histórico, efectuando a limpeza destes locais e utilizando cuidadosa e respeitosamente estes locais.



Fig. 12 Antiga catedral de Quelimane

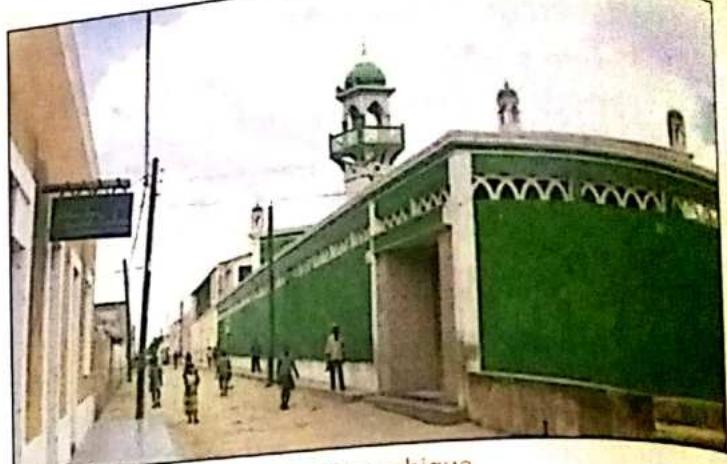


Fig. 13 Mesquita da Ilha de Moçambique



Fig. 14 Alguns instrumentos musicais tradicionais (timbila e batuque)



### Glossário

**Restauro** – reconstrução, renovação, reabilitação

**Espólio** – restos; bens que restam, após a morte de qualquer pessoa

**Extinção** – aniquilamento, abolição, desaparecimento



### Exercícios de aplicação

A turma pode ser dividida em dois grandes grupos. Os dois grupos realizam as actividades enunciadas em A e B.

- A. Um dos grandes grupos divide-se em subgrupos, de acordo com o critério que o professor definir ou a turma sugerir. Cada subgrupo de trabalho efectua a recolha de informações relativas a áreas como: monumentos religiosos, monumentos civis e instrumentos musicais. Em seguida, faz a exposição dos resultados ou divulgação no jornal da escola.
- B. O outro grande grupo organiza-se, igualmente, em subgrupos de trabalho à semelhança do anterior. Cada subgrupo faz o levantamento de locais de interesse histórico ou do património cultural descritos na alínea A, que estejam abandonados ou mal preservados. Afixa-se esta lista no quadro de anúncios da turma ou no jornal da escola.

Os dois subgrupos redigem cartas ao presidente do município, ao chefe do posto ou ao chefe da aldeia, conforme a localização da escola, apresentando os resultados do seu trabalho, preocupações e sugestão para a preservação do património cultural.

## A História e as outras ciências

À semelhança de outras disciplinas, a História busca subsídios em outras ciências. Por outro lado, as outras ciências encontram, igualmente, na História subsídios valiosos para se desenvolverem. Assim, as ciências complementam-se. Passamos a descrever o contributo das áreas da Geografia, Economia, Arqueologia, Antropologia e Cronologia para a História.

### Geografia

Os homens vivem num determinado espaço territorial onde desenvolvem as suas actividades. As condições climáticas, alimentares de higiene e, igualmente, a assistência médica, contribuem para o comportamento demográfico da população. Este estudo da relação entre os indivíduos e a ocupação da terra é feito pela Geografia. Como podes verificar, a História necessita da Geografia, pois a primeira estuda a sociedade e a segunda ocupa-se de dar à História subsídios sobre o espaço ocupado por esta sociedade e as suas relações com a terra.

### Economia

A produção das sociedades condiciona bastante a sua qualidade de vida (alimentação, transportes, serviço de saúde, educação, entre outros aspectos).

A História estuda a vida das sociedades num determinado tempo e espaço.

Ao fazer este estudo, a História procura, também, analisar a produção destas mesmas sociedades e, consequentemente, a sua qualidade de vida. Neste caso, a História apoia-se na Economia, que é a ciência que estuda o modo pelo qual as sociedades produzem e distribuem os bens e serviços que desejam consumir ou acumular. Assim, a Economia contribui para que a História caracterize as relações de produção de uma determinada sociedade e explique assim o processo de evolução desta mesma sociedade.

## Arqueologia

Os vestígios materiais do passado humano (sepulturas, ruínas de monumentos, instrumentos de produção) constituem fontes de História. Isto significa que são estas fontes que permitem a reconstituição da vida das sociedades num determinado tempo e espaço. A História serve-se, assim, da ciência que se ocupa do estudo dos vestígios materiais do passado humano para reconstituir a vida de uma determinada sociedade. Os Homens que se ocupam deste estudo são os arqueólogos. Esta ciência, que se ocupa da análise e descrição dos objectos que encontra, de forma a fornecer estes mesmos resultados ao historiador, chama-se Arqueologia.

## Antropologia

Como já vimos, a História estuda a vida das sociedades num determinado tempo e espaço geográfico. As sociedades de que a História se ocupa são caracterizadas por aspectos da sua vida cultural e material como os rituais religiosos, as danças, os utensílios, as habitações e o vestuário.

O estudo destas características da sociedade permite efectuar comparações entre os povos africanos e, a partir daí, estabelecer as possíveis ligações que existiram no passado entre eles.

Como podes ver, a História necessita também destes conhecimentos para reconstituir a vida das sociedades. A ciência que se ocupa deste estudo é a Antropologia.

## Cronologia

Os Homens não vivem eternamente. A sua vida decorre num período de tempo determinado. Assim, existem diferentes formas de contar o tempo e, por isso, diversas formas de indicar o período ou o tempo de existência de uma determinada sociedade. A ciência que se ocupa do estudo das várias formas de contar o tempo ou datar os factos chama-se Cronologia. Sendo assim, esta ciência é auxiliar da História, pois ajuda esta a situar as sociedades e os seus feitos no tempo.



### Nota explicativa

**Arqueologia:** as pessoas que se ocupam dos estudos arqueológicos chamam-se arqueólogos. Estes procedem a escavações em local previamente identificado, que passa a chamar-se estação arqueológica. Os vestígios podem ser encontrados tal e qual um indivíduo, ou indivíduos os abandonou (o que é raro). Quando isto acontece, diz-se que os vestígios foram encontrados no contexto primário. Quando forças da Natureza como vento, chuva, erosão e sismos alteram a disposição dos vestígios (o que é o mais frequente) diz-se que os vestígios foram achados no contexto secundário.

**Antropologia:** esta palavra deriva do grego e significa «ciência do homem» (*Anthropos* – homem, *logos* – ciência, tratado). A Antropologia divide-se em: Física, Social e Cultural.

# O tempo e a História

## A contagem do tempo em História

Viajemos de novo na imaginação:

Em 2002, o casal Juliasse construiu uma casa em Chiúta, Tete. Passados dois anos, nasceu a pequena Juliana. Perante dificuldades financeiras, o casal vendeu a casa que construíra em Macossa, Manica. Para o casal Juliasse, que não sabe ler, nem escrever, «a pequena Juliana nasceu no ano ou na época em que a casa de Macossa foi vendida».

Esta nossa pequena viagem de imaginação leva-nos a concluir que para a contagem do tempo é necessário que exista um ponto de partida ou de referência.

Deixemos a família Juliasse. Encontramo-nos no ano de 2017. Qual é o nosso ponto de referência ou de partida? O nosso ponto de partida é o nascimento de Cristo (Fig. 15). Isto quer dizer que passaram 2017 anos após o nascimento de Cristo.



Fig. 15 Representação do nascimento de Cristo

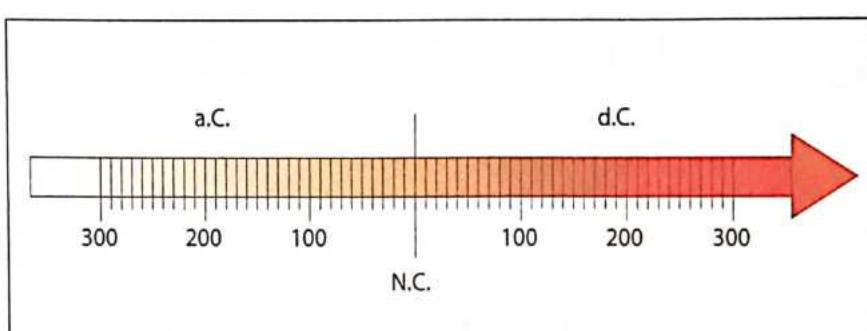


Fig. 16 Exemplo de contagem do tempo da era cristã.

A forma de contagem do tempo da era cristã não é, contudo, o único sistema existente, tendo sido adoptados outros, ao longo dos tempos.

Na Grécia Antiga, por exemplo, o ponto de referência para a contagem do tempo foram os primeiros Jogos Olímpicos, realizados em 776 a.C.

Os romanos tiveram como ponto de partida a data lendária da fundação da cidade de Roma, em 753 a.C.

Os muçulmanos adoptaram como ponto de referência a Hégira.

Na contagem do tempo destacam-se as principais unidades de tempo, ou seja, o milénio (conjunto de mil anos), o século (conjunto de cem anos), a década (conjunto de dez anos), o ano (doze meses) e, finalmente, o dia (vinte e quatro horas).

Para se saber a que século pertence uma determinada data soma-se um (1) ao número das centenas. Por exemplo, no ano de 1975 existem 19 centenas (recorda-se que o algarismo das centenas é sempre o terceiro a contar da direita). Assim, 19 mais 1 é igual a 20 (século XX, pois os séculos são sempre indicados em numeração romana). Mas existe uma excepção à regra aqui descrita. Nos anos que terminam em 00, como, por exemplo 500, o século é igual ao número das centenas. Sendo assim, este ano corresponde ao século V.



## Nota explicativa

### Unidades de tempo

A História serve-se das unidades de tempo para demarcar os eventos e feitos das sociedades. Exemplos: Moçambique celebrou quatro décadas da sua independência. No ano de 1994 realizaram-se as primeiras eleições multipartidárias em Moçambique.

**Era:** intervalo de tempo com um ponto de referência ou de partida para a contagem do tempo. Assim, a designação «era cristã» refere-se à contagem do tempo que tem como ponto de referência o nascimento de Cristo. Existem outras eras como, por exemplo, a era muçulmana, a era judaica, etc.

**Hégira:** fuga empreendida pelo profeta Maomé em 622 d.C., de Meca para Medina. Esta acção resultou da perseguição movida pela aristocracia da Arábia, que se insurgia contra a pregação daquele que defendia a igualdade entre os Homens.



### Exercícios de aplicação

1. Elabora um gráfico de tempo no teu caderno diário. Representa no gráfico os seguintes anos (a.C. e d.C): 100, 250, 25 e 50.
2. Procura saber quando foi construída a tua escola. A partir deste dado, diz quantas décadas tem a tua escola ou quantos anos faltam ainda para completar uma década, se for o caso.
3. Indica os séculos correspondentes aos anos que se seguem: 700, 1470, 1975 e 2008.
4. Refere duas unidades de tempo indicadas na nota explicativa.

## A periodização em História

A evolução e a transformação por que passaram as sociedades ao longo dos tempos contribuíram para que a História da Humanidade fosse dividida em períodos. Os critérios para esta periodização têm igualmente variado ao longo dos tempos.

A escrita, invenção antecedida de pictogramas (Fig.17) por exemplo, foi utilizada para demarcar dois grandes períodos para História: a **Pré-História** e a **História** (Fig.18).



Fig. 17. Exemplo de pictogramas, símbolos predecessores da escrita.

PRÉ-HISTÓRIA		HISTÓRIA
ANTES DA ESCRITA		DEPOIS DA ESCRITA
 Fontes materiais	3300-3200 a.C.	 Fontes materiais + Fontes escritas

Fig. 18. A escrita como marco divisório dos dois grandes períodos: a Pré-História e a História.

Contudo, esta divisão não é extensiva a todas as sociedades, pois existiram umas que, tendo descoberto a escrita mais cedo, saíram também mais cedo da Pré-História.

O período da **Pré-História** ficou marcado por diferentes características, ao longo da sua duração. Assim, é costume dividir este período em **Paleolítico, Neolítico e Idade dos Metais**.

A História, por sua vez, tem sido dividida em Idades: **Antiguidade ou Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea**. Esta divisão tem como critérios conquistas ou revoluções ligadas exclusivamente à História da Europa. Para além de ser uma divisão eurocentrista, ela centra mais as suas atenções nos grupos privilegiados. Assim, os outros continentes e os grupos populacionais desfavorecidos ficam reduzidos a meros espectadores da História.

A partir de **1929** desenvolveu-se a **História Nova** ou **Nova História**. Esta passou a defender uma História total, através da valorização de todos os grupos sociais. Esta nova visão da História influenciou a periodização da História, que passou a valorizar os feitos de todos os grupos sociais (políticos, intelectuais, operários, camponeses e outros) e os diferentes aspectos da vida destes grupos (aspectos como casamentos, nascimentos, mortes, entre outros).

## A periodização da História de África e de Moçambique

A História de África e, igualmente, a de Moçambique fazem parte da História da Humanidade.

Mas a periodização da História de África revela-se um problema delicado. Primeiro, porque o quadro cronológico ocidental (Antiguidade, Idade Média, e Revolução Francesa) não se reveste do mesmo sentido para o nosso continente. Segundo, porque a colonização, que constitui uma especificidade do continente, não se apresentou da mesma forma no tempo e no espaço africanos. Por exemplo, o ocidente africano esteve desde cedo em contacto com os europeus, enquanto a costa oriental ficou muito tempo ligada ao mundo árabe.

Perante estes problemas, a solução era marcar, para o continente africano, períodos que integrem grandes épocas históricas dominadas por um mesmo conjunto de fenómenos.

De acordo com esta solução, a História de África pode ser divida nos períodos seguintes:

- **Paleolítico**
- **Neolítico**
- **Revolução dos metais e formação de reinos**
- **Fixação e ocupação europeias e as suas repercussões**
- **Ocupação europeia e as resistências africanas**
- **Independências e suas repercussões**

Esta periodização valoriza factores sociais e económicos da sociedade, aproximando-se, assim, da História Nova ou Nova História. Mas nem todas as regiões de África se integraram nestes períodos da mesma forma. Assim, para o nosso país, integrado na região Austral e Oriental, podem-se distinguir os seguintes períodos:

**Paleolítico** (das origens à fixação bantu entre 200-300 d.C.)

Este período vai desde as origens das sociedades nesta região até ao advento dos Bantu, povos que estudarás mais adiante. À semelhança das outras sociedades que viveram este período, o Paleolítico, nesta região, foi caracterizado por actividades como a caça, recollecção e pesca em águas pouco profundas.

Na sequência destas actividades, os Homens eram nómadas ou seminómadas. Os instrumentos que utilizavam, quer nas suas actividades, quer para se defenderem, eram feitos de pedra, paus e ossos de animais. As comunidades mais representativas que viveram nesta região, durante este período, foram os khoisan. Tendo em conta o longo período da prática de caça, é de admitir que os khoisan não matassem todos os pequenos animais que apanhavam nas suas armadilhas. Esta prática terá levado aquele povo a afeiçoar-se a esses animais, iniciando, assim, experiências de criação de gado ainda antes da fixação dos povos bantu.

**O Neolítico ou Idade dos Metais** (da fixação bantu entre os anos 200-300 d.C. à penetração asiática nos séculos IX-XI)

Neste período, encontramos como características o processo de migração, fixação e miscigenação dos povos bantu com os povos que então habitavam a região. As principais actividades praticadas eram a agricultura e a criação de gado. Ao lado destas, os Homens praticavam igualmente a caça, a recollecção e a pesca. A utilização do ferro no fabrico de instrumentos e de armas foi substituindo o uso da pedra para os mesmos fins. Na sequência da metalurgia do ferro, as comunidades conheceram assinaláveis transformações económicas, sociais e políticas. Entre estas transformações, destaca-se a produção de excedentes, a organização em aldeias e a gradual diferenciação social entre os habitantes das aldeias, o que contribuiu para a formação dos primeiros estados.

**Penetração mercantil estrangeira asiática e europeia** (do século XI até à segunda metade do século XIX – 1880/90)

Ao longo deste período, desenvolveram-se diferentes estados, nomeadamente Zimbabwe, Monomotapa, Marave, Ajaua, Gaza, entre outros. Nas relações com os povos estrangeiros identificam-se **dois momentos**. O **primeiro**, de exclusiva presença asiática, nomeadamente os povos do Golfo Pérsico e da Península Arábica. A presença destes últimos deixou marcas económicas, sociais, políticas e culturais, ao longo da costa oriental incluindo Moçambique particularmente na costa norte (Ilha de Moçambique e Angoche). Entre estas marcas, ainda visíveis (Fig.19), a música, a miscigenação, a religião islâmica, o modo de vestir, (Fig20) e a própria língua swahili.

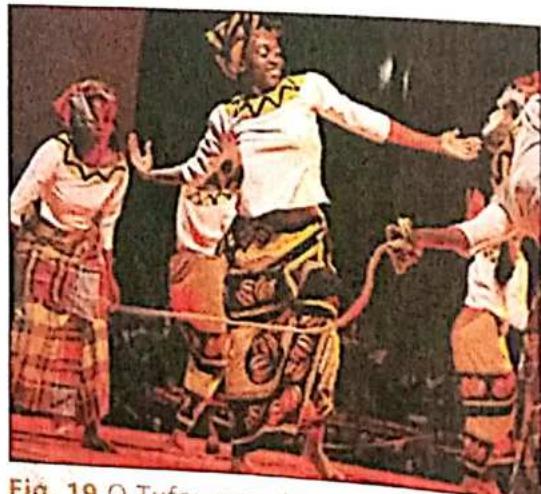


Fig. 19 O Tufo: uma das manifestações da presença árabe em Moçambique.



Fig. 20 O Islamismo e o vestuário: outra manifestação da referida miscigenação afro-árabe.

A nível económico, ocorreu a formação de cidades ao longo da costa, e no campo político verificou-se a formação de xeicados e sultanatos. Em Moçambique, as consequências da presença árabe são mais visíveis na costa norte, nomeadamente Ilha de Moçambique, Angoche, etc.

O **segundo** momento inicia-se no século XV, com a chegada dos europeus, em particular dos portugueses. Os dois grupos (árabes e portugueses) entraram em guerra pelo controlo do comércio de ouro. Assim, os portugueses ocuparam Sofala, que era o principal centro de comércio entre árabes e populações africanas. A partir de Sofala, os portugueses penetraram no reino de Monomotapa, facto que os levou à dominação neste período, bem como nos subsequentes.

Para além dos portugueses, as lutas pela posse do comércio e outras riquezas neste período envolveram, igualmente, outros povos europeus, como os holandeses e os austríacos, tendo terminado com a vitória portuguesa.

Nas relações entre os reinos então existentes e os povos estrangeiros desenvolveram-se fases ou ciclos comerciais, concretamente o **ciclo do ouro, do marfim, dos escravos e das oleaginosas**.

Neste período, realizou-se a Conferência de Berlim (1884/5), que teve como repercuções a ocupação efectiva e a continuação de lutas pela delimitação de fronteiras, que deu a Moçambique a configuração que ainda conserva nos nossos dias.

### A dominação colonial e a resistência à dominação (1880/90-1975)

Durante este período, grande parte do território esteve sob o domínio das companhias (Fig. 21). Assim, a **Companhia de Niassa** ocupava as actuais províncias de **Niassa** e **Cabo Delgado**, a **Companhia da Zambézia** ocupava as actuais províncias da **Zambézia** e **Tete** e a **Companhia de Moçambique** as actuais províncias de **Manica** e **Sofala**. Estes territórios eram administrados pelo estado português através daquelas companhias. Por isso, esta forma de administração é chamada administração indirecta. A administração directa do estado colonial confinava-se a Nampula e ao sul de Moçambique, dominado igualmente por capital mineiro sul-africano.

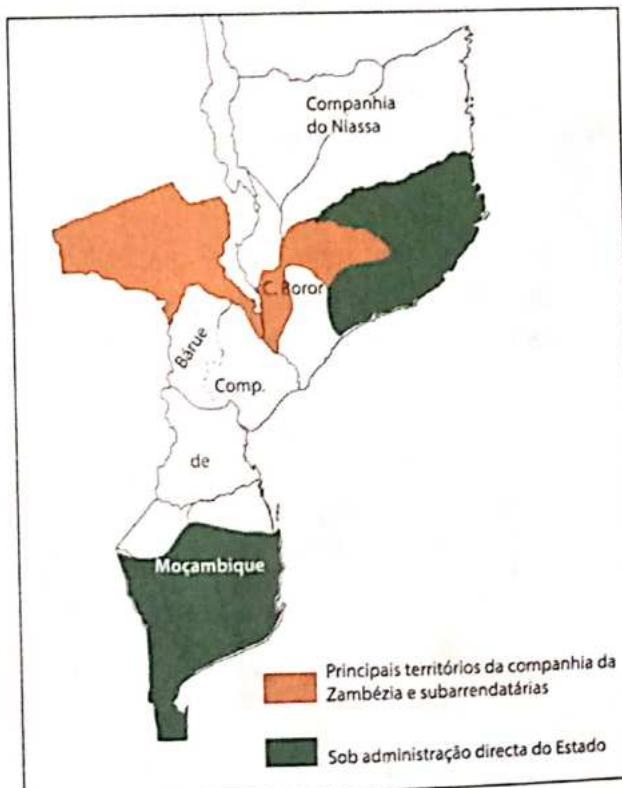


Fig. 21 O domínio do capital estrangeiro não português no território do Moçambique colonial.

A partir de 1933, Moçambique esteve sob a dominação do Estado Novo. Sob a direcção de Salazar, o Estado Novo acabou com a administração indirecta, passando assim, a controlar todo território. Paralelamente a esta medida, o Estado Novo adoptou uma política repressiva, servindo-se de meios como a PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) e a censura. A nova política a que Moçambique esteve sujeito contribui para o surgimento de formas de resistência cada vez mais organizadas, nomeadamente denúncias na Imprensa, fuga para os países vizinhos, organização de associações, entre outras. A formação da FRELIMO e a luta armada que esta organizou fazem parte da resistência à opressão colonial.

## A independência e os problemas de reconstrução nacional (de 1975 aos nossos dias)

Este período pode dividir-se em dois sub períodos: da independência às primeiras eleições multipartidárias (1975-1994) e das primeiras eleições multipartidárias aos nossos dias (de 1994 ao presente ano).

O **primeiro sub período** referido foi marcado pela proclamação da Independência Nacional a 25 de Junho de 1975 (Fig. 22), depois de cerca de um ano de Governo de Transição.

Ao longo deste período, o país conheceu grandes realizações, nomeadamente as nacionalizações de sectores importantes, tais como a saúde, a educação e a habitação. Contudo, Moçambique viveu uma prolongada guerra, opondo as forças governamentais às da RENAMO. Esta situação contribuiu, em grande medida, para a degradação da situação económica e social do país.

Mais tarde, a 4 de Outubro de 1992, realizaram-se os Acordos de Roma (Fig. 23), que deram por terminada esta guerra e prepararam o país para as primeiras eleições multipartidárias.



Fig. 22 A Independência Nacional: novo marco na história de Moçambique



Fig. 23 Acordos de Roma: a reconciliação, outro marco importante na história de Moçambique

O segundo sub período é marcado pela reconstrução política, nomeadamente a convivência democrática (Fig. 24), económica e social (Fig. 25) e pela consolidação da unidade nacional do apôs-guerra (Figs. 26 e 27).

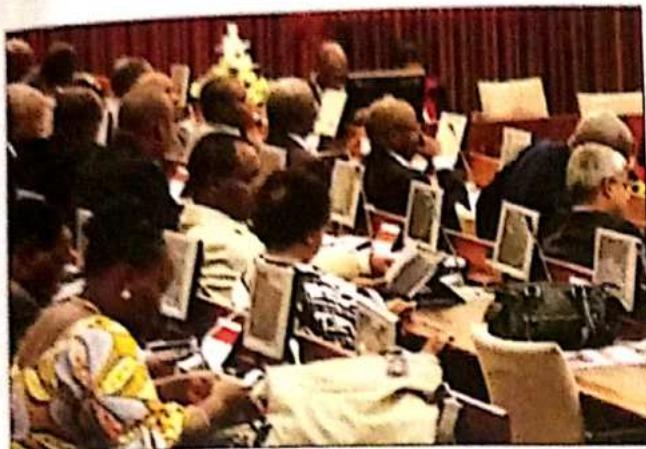


Fig. 24 Sessão da Assembleia da República: exemplo de exercício democrático



Fig. 25 Ponte sobre o Zambeze: exemplo de reconstrução económica

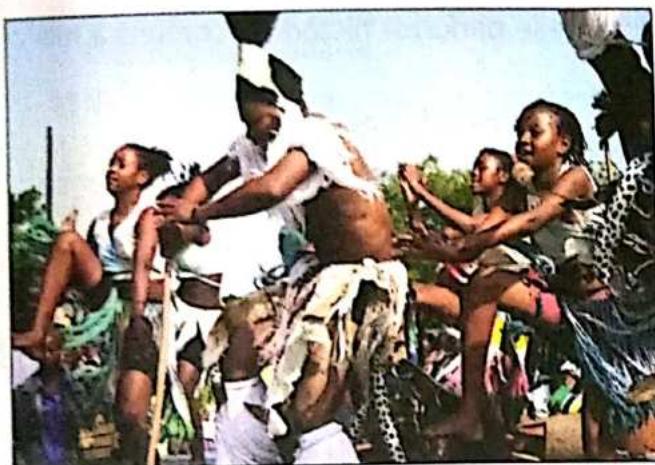


Fig. 26 Festival Nacional de Dança: manifestação de reconstrução social e consolidação da unidade nacional



Fig. 27 Festival Nacional de jogos desportivos escolares: outra manifestação de reconstrução social e consolidação da unidade nacional

Terminámos esta unidade com uma importante questão:

## A História é uma ciéncia?

Vamos então procurar responder a esta pergunta de forma breve:

Chama-se ciéncia ao conhecimento da Natureza, das sociedades e suas manifestações artísticas e culturais, do pensamento adquirido pela descoberta das leis que regem fenómenos e sua explicação.

A História ocupa-se do conhecimento das sociedades pelas suas próprias leis, nomeadamente a pesquisa das fontes e sua interpretação.

Sendo assim, pode-se afirmar que a **História é uma Ciéncia Social**.

## Glossário

**Paleolítico** - período da História em que os seres humanos usavam principalmente utensílios e armas de pedra lascada.

**Neolítico** - período da História em que os seres humanos usavam principalmente utensílios e armas de pedra polida. Neste período os seres humanos desenvolvem a prática de agricultura e criação de gado.

**Revolução dos metais** - período da História em que os seres humanos utilizavam utensílios e armas de metal. Como resultado desta prática, verificaram-se grandes transformações sociais e económicas.

**Meros** - simples

**Advento** - vinda, chegada, aparecimento, nascimento



## Exercícios de aplicação

1. Na periodização da História de África encontram-se períodos históricos comuns à história da Humanidade em geral.
  - a) Quais são estes períodos e porque é que se verifica esse facto?
  - b) Como explicas que, apesar de ser parte do continente africano, Moçambique tenha uma periodização particular?
  - c) Em que período da História de Moçambique nasceste? E os teus pais?
2. Explica como as Figs. 26 e 27 contribuem para a construção de unidade nacional.



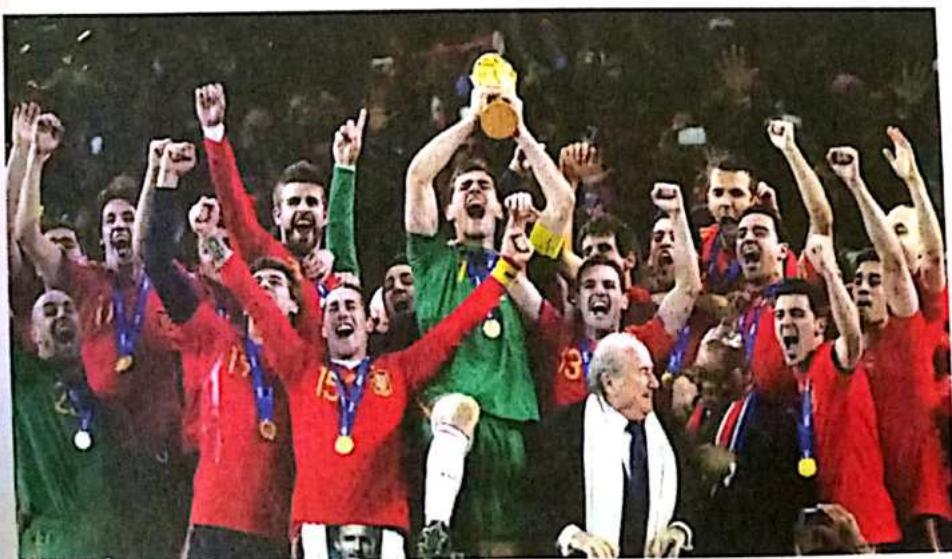
## Nota explicativa

**Estado Novo:** regime político ou forma de governação que entrou em vigor em 9 de Abril de 1933 e durou até 25 de Abril de 1974. Enquanto esteve em vigor, este regime foi autoritário, antiparlamentar e antidemocrático. Mas, para Salazar e seus apoiantes, este regime significava um Portugal novo, estável e diferente do Portugal da 1.ª República, que vigorou de 5 de Outubro de 1910 até 26 de Maio de 1926. Na qualidade de colónia portuguesa, Moçambique esteve sob o domínio deste regime.

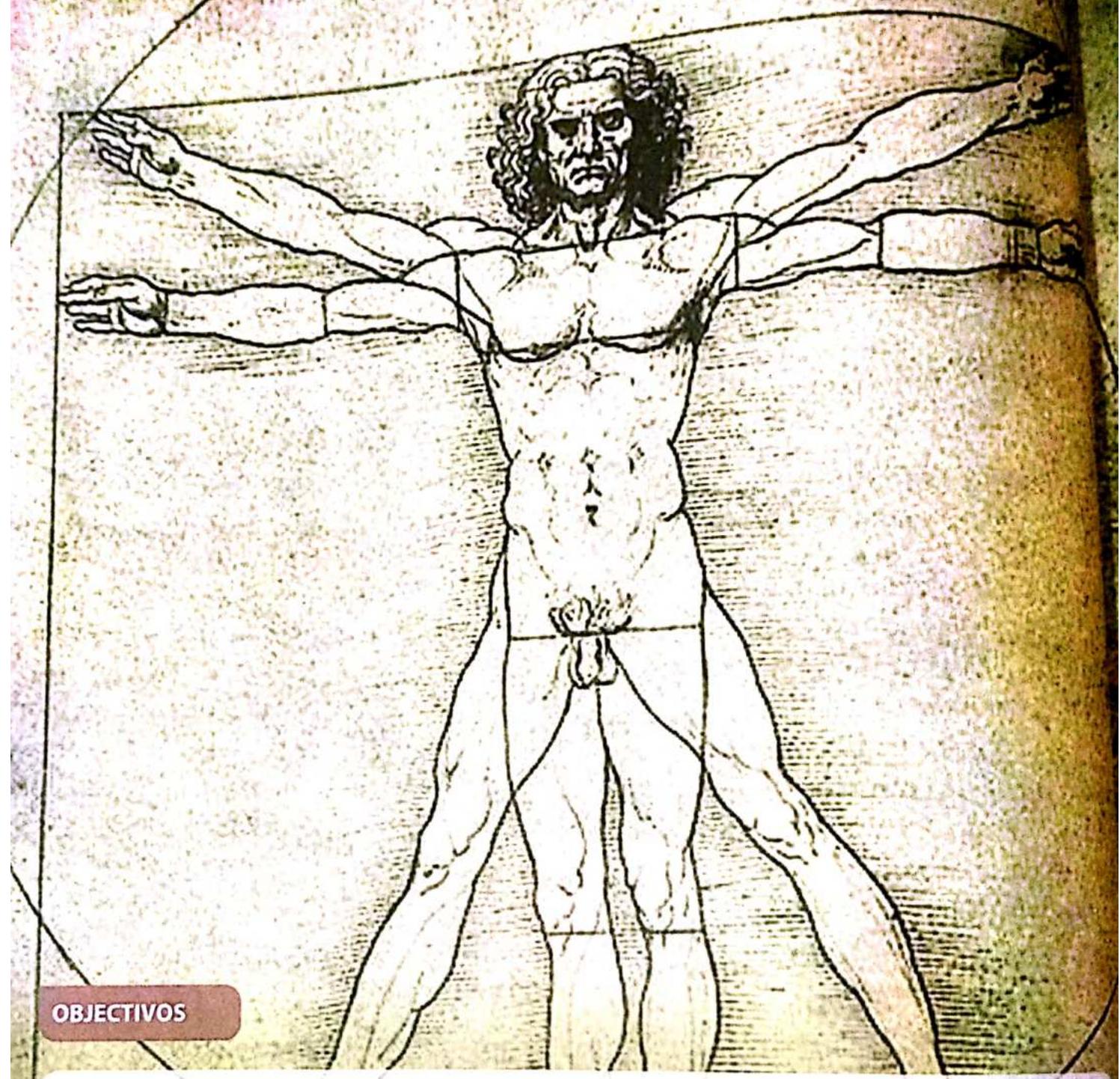
**PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado):** Criada por Salazar após a Constituição de 1933, a sua função era regulamentar o exercício da liberdade, de associação e manifestações. Para atingir este objectivo, esta polícia teve sempre como preocupação os **PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado)** e **DGS (Direcção Geral da Segurança)**.



1. Na viagem imaginária (pág. 8) são assinalados quatro acontecimentos.
  - Refere os acontecimentos em que o teu professor foi protagonista. Justifica.
2. Indica o tipo de fonte de história correspondente a cada um dos exemplos que se segue. Justifica a tua escolha para a afirmação **e**).
  - Revista tempo
  - Marrabenta
  - Constituição da República de Moçambique
  - Carro utilizado por 1.º Presidente (FRELIMO) durante a Luta Armada.
  - Vovó Difia (99 anos).
  - Moedas que circularam no território da Companhia de Moçambique.
3. Assinala com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) cada uma das afirmações. Corrige as falsas.
  - A montanha «cabeça do velho» (Manica) é um património cultural e também fonte escrita.
  - Francisco Manyanga foi um dos protagonistas da luta de libertação nacional.
  - A escrita é a fonte mais importante para a reconstituição da História de Moçambique dos tempos mais remotos, por exemplo, a fixação bantu.
  - A utilização da Geografia ou da Antropologia na reconstituição da História chama-se interdisciplinaridade.
  - Moçambique é um país independente há dez décadas.
  - As línguas Macua, Ronga e Sena constituem património cultural do nosso país.
4. Ordena, do mais remoto para o mais recente, os acontecimentos que se seguem:
  - Assinatura dos Acordos de Paz entre o Governo e a RENAMO realizadas em Roma.
  - A fixação Bantu na África Austral e em Moçambique.
  - Niassa e Cabo Delgado sob a administração da Companhia de Niassa
  - Independência de Moçambique
  - Jogos Olímpicos de China (2008)
  - Vinda e fixação árabe ao longo da costa oriental africana e norte de Moçambique
  - Mundial de Futebol realizado na vizinha África do Sul.



Campeões celebrando a vitória



### OBJECTIVOS

O aluno deve ser capaz de:

- Explicar a origem da vida humana segundo as teorias da criação e evolucionista.
- Explicar os principais factores da hominização.
- Caracterizar as fases da evolução dos hominídeos.
- Indicar no mapa de África, as regiões onde foram descobertos vestígios mais antigos dos hominídeos.
- Descrever a importância da conquista do fogo.
- Diferenciar as sociedades nómadas das sociedades sedentárias.
- Explicar a importância da agricultura e da pastorícia na organização da vida social do Homem.
- Explicar as manifestações religiosas e artísticas dos primeiros Homens.

**UNIDADE**

**2**

**CONTEÚDOS**

**A origem do Homem**

- As várias tentativas de explicar a origem e evolução do Homem – as teorias da criação e da evolução.

**África berço da Humanidade (revisões)**

- O lento processo de hominização
- As principais transformações físicas
- A conquista do fogo

**A evolução da vida económica, social e espiritual dos povos em Moçambique e em África**

**Págs. 28 a 45**

## Como surgiu o Homem?

Esta pergunta tem originado debates acesos e interessantes, entre diferentes estudiosos. Assim, na busca de resposta para esta pergunta são apresentadas muitas explicações. Nesta Unidade temática apresenta-se a Teoria da Criação defendida pela Igreja Católica e a Teoria Evolucionista, defendida pela Ciência.

Vejamos a primeira teoria e como a Igreja Católica, através da Bíblia, descreve a criação do Homem.



### Documento A

«Do pó da terra, o Deus Eterno formou o ser humano. Ele soprou no seu nariz uma respiração de vida, e assim esse ser se tornou um ser vivo.»

Génesis 1.26b, 26c, 31; 2.2, 7, 18, 21-23



### Nota explicativa

**Bíblia:** livro sagrado dos judeus e dos cristãos, tanto católicos como protestantes. Divide-se em duas partes: o Antigo Testamento, originariamente escrito em hebraico, e o Novo Testamento, que respeita a Jesus Cristo, à sua vida, à sua paixão (agonia) e morte, à sua ressurreição e à sua doutrina (o Cristianismo), escrito em grego. Os Judeus não aceitam o Novo Testamento. A Bíblia equipara-se ao Corão ou Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos.

A segunda teoria defende que o Homem é resultado de um longo processo da evolução de primatas que começou em África, há cerca de cinco milhões de anos.

O continente africano é apontado como o berço da Humanidade, pois foi precisamente na região Oriental deste, da Etiópia à África do Sul, que foram descobertos os primeiros vestígios de hominídeos, os australopithecinos (ou *Australopithecus*, na sua designação científica) (Fig. 1).



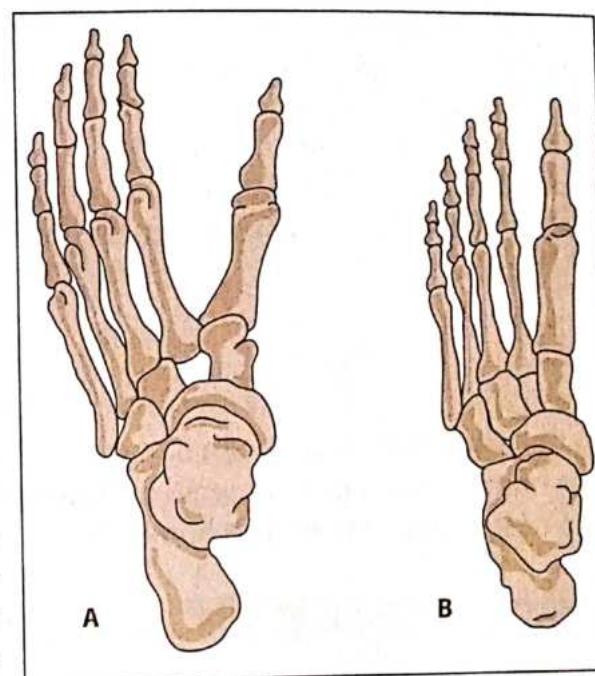
Fig. 1 África, continente considerado «berço da Humanidade».

## Como se deu este longo processo de evolução?

A viverem nas savanas, onde as árvores eram, por vezes, de pequeno porte e distantes umas das outras, estes primatas não podiam sobreviver levando exclusivamente uma vida arborícola. Assim, eles teriam sentido a necessidade de se erguerem sobre os membros inferiores e de se dirigirem a uma ou outra árvore, quer para se defenderem, quer para atacarem outros animais, utilizando paus ou pedras. Este exercício teria contribuído para o aparecimento de uma das grandes conquistas no processo de evolução – o bipedismo, isto é, a movimentação sobre os dois pés. O bipedismo, por sua vez, permitiu libertar as mãos da função locomotora e utilizá-las no manuseamento e fabrico de instrumentos. Assim, as pernas e os pés ficaram como meios de suporte e locomoção, tornando-se o dedo grande do pé o mais firme e fixo, (Fig. 2) permitindo, desta forma, a conquista gradual da verticalidade.

A verticalidade contribuiu para uma nova configuração dos ossos da bacia, para o equilíbrio do crânio no topo da coluna vertical e ainda, para o desenvolvimento físico do cérebro. De igual modo, a verticalidade e o manuseamento e fabrico de instrumentos estimularam o desenvolvimento do cérebro para novas aptidões. O fabrico de um instrumento, por exemplo, implicava um pensamento ou o exercício da imaginação que se reflectia no instrumento posteriormente executado. Como podes ver, esta prática obriga a que se estabeleça uma relação entre o fabrico de um instrumento e o desenvolvimento do cérebro (Documento B).

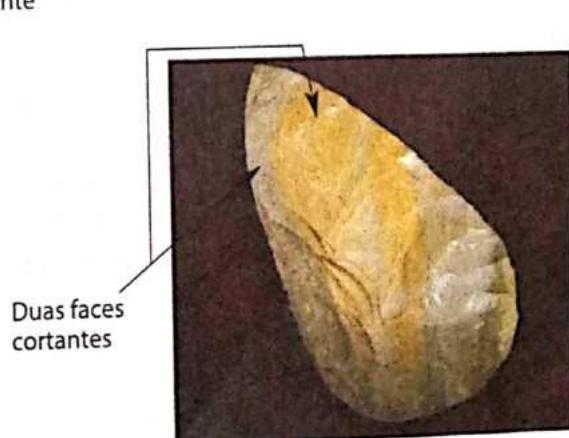
O fabrico de um instrumento contribuiu para o aperfeiçoamento do seguinte instrumento, como podemos verificar nas imagens (Figs. 3 e 4):



**Fig. 2** Ilustração comparativa (quanto à estrutura do esqueleto) do pé do gorila (A) e do pé do Homem (B)



**Fig. 3 Chopper**



**Fig. 4 Biface**



## Documento B

«Por muito rudimentar que ele (o utensílio) se afigure, a sua fabricação pressupõe um pensamento reflectido. O Homem só consegue fazer um utensílio se souber imaginar, antes mesmo do primeiro gesto (a primeira pancada sobre o sílex), aquilo que vai obter. Fabricar um utensílio é algo que significa ter na cabeça a imagem desse utensílio, o seu conceito. Eis uma abstracção de que os animais parecem incapazes e que será para o Homem um dos elementos a partir dos quais ele há-de construir a sua consciência e a sua cultura.»

Robert Clarke, *O Nascimento do Homem*

Os primatas que iniciaram o manuseamento e fabrico de instrumentos têm sido considerados hominídeos («pré-homens» ou antepassados dos Homens). Este longo processo de evolução designa-se processo de hominização (Fig. 5).

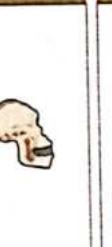
Australopithecus	Homo habilis	Homo erectus	Homo sapiens	Homo sapiens sapiens
				
				
3,6 a 2,9 milhões de anos	2,5 a 1,6 milhões de anos	1,7 milhões a 250 000 anos	200 000 a 30 000 anos	130 000 anos
				

Fig. 5 Representação esquemática do processo de hominização

## A conquista do fogo

Quer vivas no campo, quer vivas na cidade, sabes o quanto o fogo é importante para a vida dos Homens.

Lê o texto que se segue (Documento C), para veres o quanto o fogo era, igualmente, importante para os nossos antepassados.



## Documento C

«O domínio do fogo foi, provavelmente, o primeiro grande passo do Homem no domínio da Natureza. Aquecido pelo borralho, o Homem podia suportar as noites frias (...), iluminar e explorar os recantos das cavernas onde se abrigava (...) e afastar os animais selvagens. Cozinhadas, tornavam-se mais comestíveis as substâncias que, cruas, seriam impossíveis de digerir.

Com o domínio do fogo, o Homem ficava a controlar uma poderosa força física e uma transformação química notável.»

Gordon Childe, *O Homem Faz-se a Si Próprio*.

## O controlo do fogo

### Como conseguiu o Homem este grande feito?

Inicialmente, o Homem terá utilizado e conservado o fogo produzido pelos raios de uma trovoada (Fig. 6).

Mais tarde, este terá aprendido a sua produção através de percussão de duas pedras, sendo uma delas pirite, ou então pela fricção de dois pedaços de madeira. Quer numa técnica, quer noutra, o Homem servir-se-ia de musgo ou ervas secas para atear o fogo (Fig. 7).

A diversidade na utilização do fogo representou um enorme avanço na luta do Homem pelo domínio da Natureza. Este produziu igualmente alterações físicas e intelectuais no Homem. A cozedura de alimentos tornava-os mais tenros facilitando o processo de mastigação. Esta situação provocou alterações profundas nos maxilares e na dentição, que, libertando o espaço na caixa craniana, permitia o aumento do volume do cérebro.



Fig. 6 Primeiramente, os Homens teriam conservado o fogo produzido pelos raios de uma trovoada.



Fig. 7 Produção de fogo através de fricção de pedaços de pedra ou madeira.

Por outro lado, o fogo juntava muitas pessoas. À volta deste, os Homens podiam avaliar a caça do dia anterior e planejar a caça para o dia seguinte, entre outras ações. Como podes ver, tudo isto obrigava os Homens a gesticular e até a emitir sons para melhor se entenderem. Assim, os mesmos passavam a conhecer-se e a criar, relações de amizade. Por estas razões, pode-se dizer que o fogo estimulou a linguagem e o estreitamento de laços sociais (Fig. 8).

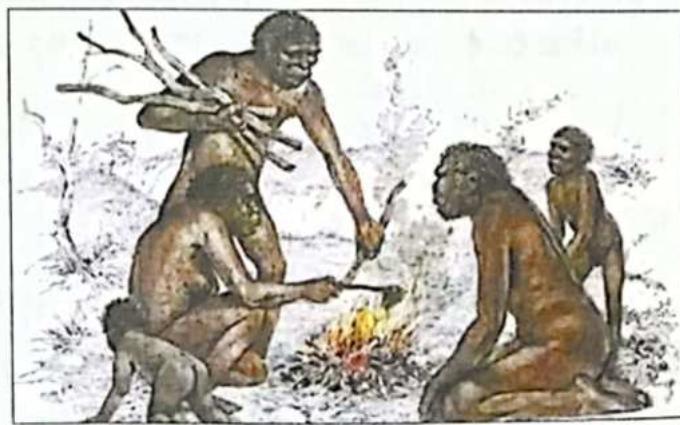


Fig. 8 O *Homo erectus* é considerado o hominídeo que pela primeira vez «domesticou» o fogo. À volta do fogo juntavam-se pessoas conversando ou avaliando caçadas anteriores (socialização).

## Glossário

**Primates** – grupo de mamíferos que compreendem o Homem e espécies animais que se assemelham a ele e que são caracterizadas por serem plantígradas, isto é, por se deslocarem sobre a planta dos pés e por terem polegares oponíveis aos outros dedos.

**Arborícola** – que vive nas árvores; relativo à cultura das árvores.

**Manusear** – mexer com as mãos, manejar.

**Feito** – façanha, grande realização. Exemplo: salvar uma pessoa de um incêndio.

**Fricção** – acto de friccionar, de esfregar; atrito de um objecto sobre outro.

**Musgo** – planta multicelular, com aparência de pequena «erva», que se desenvolve em locais húmidos, possuindo uma estrutura semelhante a um caule, com pequenas folhas.

**Porte** – capacidade, tamanho. Exemplo: animais ou plantas de pequeno porte ou pequena dimensão



## Exercícios de aplicação

1. «O Homem fez a sua entrada no Mundo na ponta dos pés».

Teilhard de Chardin (paleontólogo francês, 1881-1955)

- Relaciona a citação de Teilhard com o processo de hominização.
2. A origem do Homem é explicada através da Teoria da Criação, defendida pela Bíblia, e através da Teoria Evolucionista, defendida pela Ciência.
- Em qual das teorias integrais a afirmação: «O Homem fez-se a si próprio»? Justifica.
3. Pesquisa e responde às questões que se seguem:
- Faz corresponder a cada hominídeo o seguinte feito: controlo do fogo, início do fabrico de instrumentos, primeiros ritos funerários.
  - Diz o significado de: *Homo habilis*, *Homo erectus*, *Homo sapiens* e *Australopithecus*.
4. O domínio do fogo constituiu um grande feito para as populações do Paleolítico.
- Enumera as suas vantagens.
  - Escreva um pequeno texto (5-7 linhas) referindo as vantagens do controlo do fogo para o Homem do Paleolítico.

## A evolução da vida económica, social e espiritual do Homem

### A economia de recollecção, habitação e vestuário

Vimos que o continente africano é apontado como o berço da Humanidade. O *Homo habilis* foi o primeiro hominídeo a fabricar instrumentos. Assim, com estes instrumentos rudimentares, o *chopper* (Fig. 3), o *Homo habilis* caçava animais de pequeno porte. Para além desta actividade, o *Homo habilis*, dedicava-se, sobretudo, à apanha de ovos, raízes, frutos e tubérculos. Por isso se diz que o *Homo habilis* alimentava-se mais de produtos de recollecção, como vegetais e raízes, do que de caça.

Os hominídeos que se seguiram melhoraram a técnica de lascar a pedra, o que contribuiu para o aperfeiçoamento de instrumentos (Fig. 9). Com estes instrumentos, e com o domínio do fogo, os hominídeos passaram a caçar animais de grande porte (Fig. 10) e ainda a pescar em águas pouco profundas.

A caça passou então a constituir o mais importante recurso para a sobrevivência dos seres humanos, fornecendo alimento, peles para o fabrico do vestuário e das habitações e até matérias-primas para o fabrico de utensílios.

A necessidade de perseguir animais de grande porte reforçou a divisão de trabalho entre homens, mulheres e crianças. Assim, os homens tinham a tarefa de caçar, abastecendo o grupo de comida animal. As mulheres e os mais idosos ficavam nos acampamentos cuidando dos filhos e colhendo frutos, sementes, raízes, o que garantia uma alimentação mais variada.

As crianças realizavam actividades das mulheres ou acompanhavam os homens na caça. Assim, ficavam com a tarefa de vigiar o movimento dos animais ou de transportar pequenos animais mortos na caçada. A esta forma de divisão de tarefas chama-se divisão de trabalho por sexo e por idade (Fig. 11).



Fig. 9 A – Arpão. B – lança com ponta de silex. C – Propulsor. Estes instrumentos permitiram grandes caçadas.

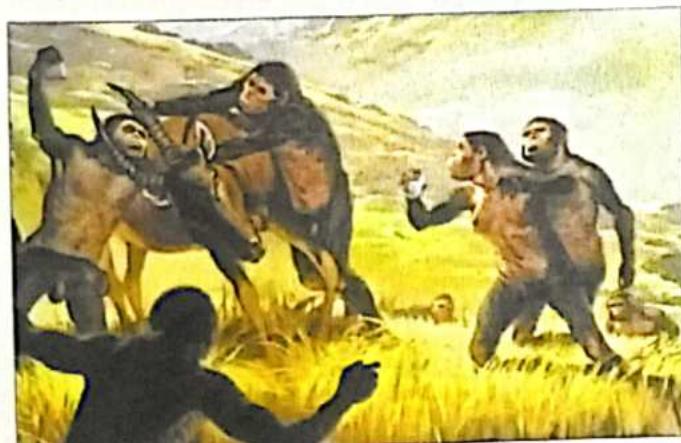


Fig. 10 Representação da caça de animais de grande porte.



Fig. 11 Na divisão de tarefas, homens, mulheres e idosos e crianças ocupavam-se de diferentes actividades.

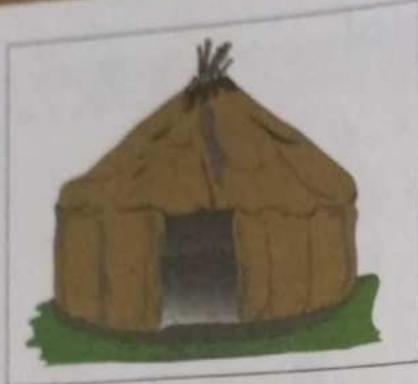


Fig. 12 Habitação construída com materiais de caça (ossos de animais, peles, chifres) e paus.

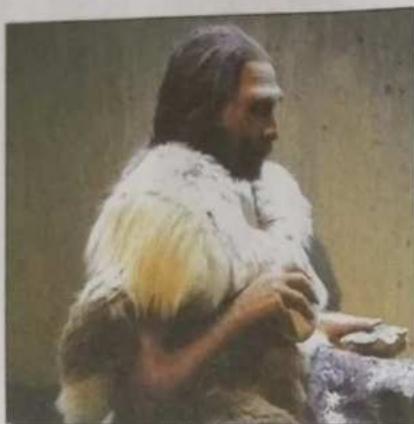


Fig. 13 A junção de diferentes partes de peles de animais levou ao fabrico de vestuário cada vez mais eficiente.

A certa altura, a recollecção e a caça começaram a provocar a escassez de frutos, grãos e vegetais e migrações de alguns animais. A economia de recollecção e caça obrigava, assim, os caçadores a mudarem frequentemente de lugar (nomadismo). Por viverem pouco tempo num determinado lugar ou por terem pouco domínio sobre a Natureza, os seres humanos desta época viviam em abrigos naturais, (as cavernas), ou em habitações mal-acabadas e pouco resistentes, cuja estrutura era feita de ossos de animais, paus e ramos de árvores e depois revestida de peles de animais e capim (Fig. 12).

Para se defenderem do frio fabricavam vestuário. Este era feito de peles de animais, folhas ou cascas de árvores.

Estas peles ou materiais vegetais eram cosidos, usando na junção das diferentes fibras vegetais ou tendões de animais (Fig. 13).

Nesta época dos grandes caçadores, verificou-se alguma melhoria na alimentação e nas condições de vida, comparativamente aos períodos anteriores. Daqui resultou um crescimento populacional, o que contribuiu para que as populações humanas se espalhassem por todos os continentes (Fig. 14).



Fig. 14 Representação esquemática das migrações e da colonização da terra

A pedra (técnicas da pedra lascada) constituiu o instrumento de trabalho mais importante. Por isso, este período ficou conhecido por Paleolítico. Os Homens aperfeiçoaram o fabrico de instrumentos de pedra, no período seguinte, o Neolítico, de que nos ocuparemos mais adiante.

## A arte e os ritos no Paleolítico

### A arte

O fabrico de certos instrumentos nesta época mostra já um sentido estético, quer pela simetria das suas faces, quer pelas formas geométricas com que se apresentam.

Contudo, as verdadeiras manifestações artísticas do Paleolítico compreendem duas categorias:

- **A arte rupestre ou parietal**, assim chamada por ter sido feita em paredes rochosas, sobretudo gravuras, pinturas, relevos, representando animais, figuras humanas e outros motivos (Figs. 15, 16 e 17). Em Moçambique, podemos encontrar exemplos desta arte em Chiúta (Tete), Mecuburi (Nampula) e Chimanimani (Manica).

- **A arte móvel**, assim chamada por ser constituída por peças de tamanho reduzido e, consequentemente, fáceis de transportar. Esta compreendia estatuetas (Fig. 18) ou gravações em instrumentos de caça ou pesca.

Os historiadores têm opiniões diferentes em relação ao significado da arte paleolítica. Para alguns, esta arte tinha uma função decorativa. Para outros, a arte tinha também uma função mágica, destinada a garantir o êxito nas caçadas e a procriação das fêmeas.



Fig. 17 Arte rupestre: representação de várias mãos em negativo. Esta técnica conseguia-se salpicando tinta (A) com um tubo ou com a boca, sobre a mão apoiada na parede (B).



Fig. 15 Arte rupestre: Chimanimani - Manica



Fig. 16 Arte rupestre: homem com cabeça de ave e bisonte



Fig. 18 Estantueta designada por Vénus de Willendorf, representativa da arte móvel.

## Os ritos

O Homem do Paleolítico enterrava os mortos em posição fetal com alguns dos seus pertences. Esta prática, que podemos já chamar de culto aos mortos, leva-nos a admitir que ele acreditava na vida para além da morte.



Fig. 19 Representação de rito funerário



## Glossário

**Rudimentar** – elementar, simples, primitivo.

**Rito mágico** – cerimónia composta por danças, gestos e cânticos com o objectivo de obter benefícios das forças sobrenaturais.

**Paleolítico** – período da História que se inicia com o aparecimento do Homem e prolonga-se até à invenção da agricultura. Idade da pedra «antiga» ou pedra lascada. A designação provém do grego *paleos* = antigo e *lithos* = pedra.

**Éxito** – sucesso, vitória.

**Arte rupestre** – (do latim *rupes* = rocha). Conjunto de pinturas e gravuras executadas nas paredes das cavernas em rochas.

**Procriação** – produção, germinação, multiplicação

**Economia recolectora** – actividade económica que consistia na recolha de vegetais selvagens, na caça e na pesca.

**Lascar** – partir em pequenos pedaços.



## Exercícios de aplicação

1. O *Homo habilis* alimentava-se mais de frutos, raízes e tubérculos do que de produtos de caça. Porquê?
2. Observa as figuras 10 e 12. A partir destas e dos teus conhecimentos descreve a vida dos Homens no Paleolítico.
3. Relaciona a figura 12 com o nomadismo no Paleolítico.
4. A economia do Homem do Paleolítico é designada «economia recolectora». Porquê?
5. Os grandes caçadores preocupavam-se cada vez mais com a arte e com os ritos mágicos e funerários.
  - Explica em que consistia a arte ou os ritos mágicos e funerários no Paleolítico.
6. O controlo do fogo trouxe uma verdadeira «revolução» à vida do Homem do Paleolítico. Relaciona o controlo do fogo com o conteúdo da figura 14.
7. A figura 19 representa um rito que mostra a crença na vida para além da morte.
  - a) Explica o que entendas por rito, dando exemplos concretos.
  - b) Achas que nos nossos dias ainda persistem práticas que revelem a crença na vida para além da morte? Justifica.

# A economia de produção e os progressos técnicos

## A economia de produção

Por volta de 10 000 a.C. verificaram-se mudanças climáticas que contribuíram para o aumento das temperaturas e o consequente recuo dos gelos para as regiões polares. Estas mudanças favoreceram o desenvolvimento de gramíneas e de animais (ainda em estado selvagem), que se tornaram base da alimentação em zonas como a Europa e o Próximo Oriente.

Na zona do Próximo Oriente, concretamente no Crescente Fértil, a observação do fenómeno natural de germinação das sementes e do crescimento das plantas teria contribuído para que os Homens fizessem as primeiras experiências de lançamento à terra de grãos de sementes. Esta prática, ao longo de anos, contribuiu para a descoberta da agricultura. Desta região, a prática da agricultura difundiu-se para as diferentes partes do Mundo (Fig. 20).

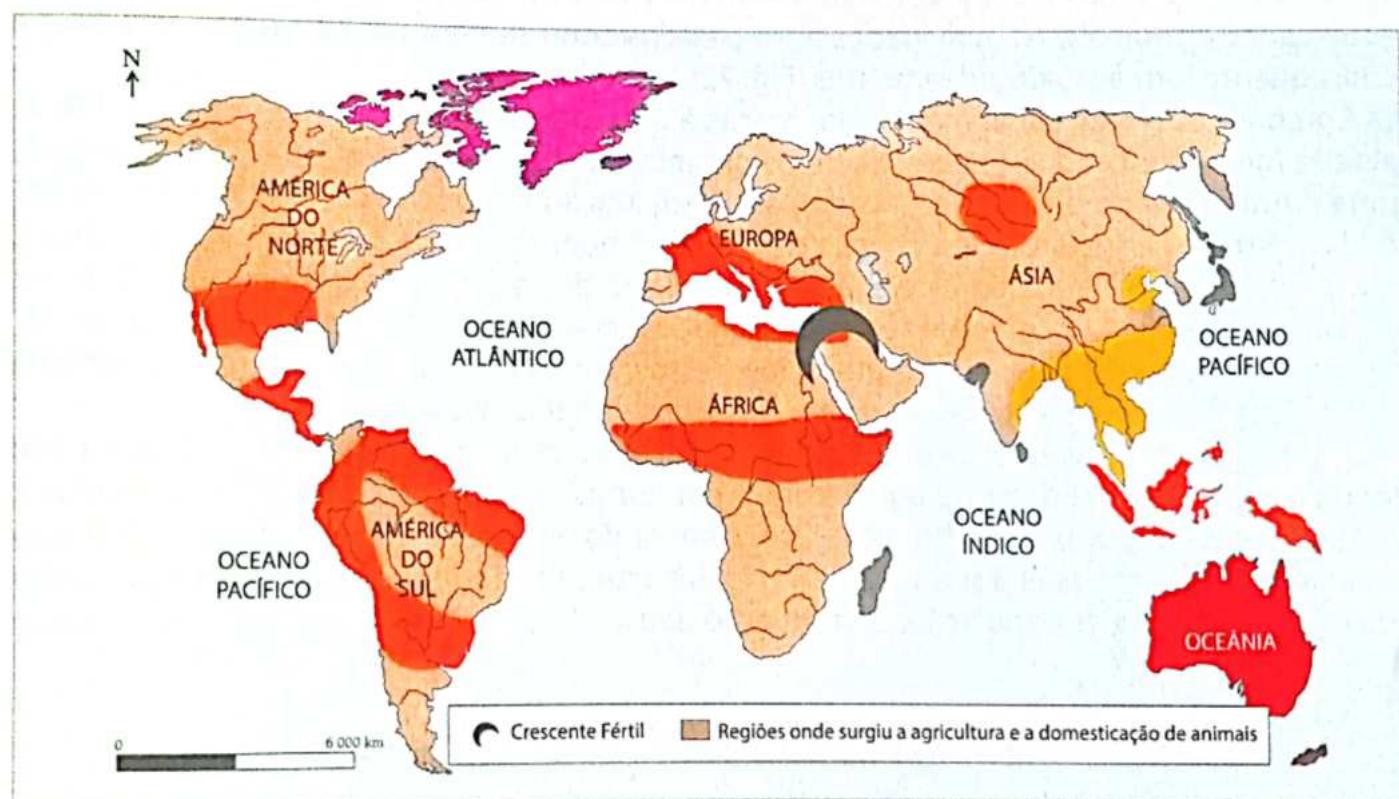


Fig. 20 O Crescente Fértil e outros locais de Revolução Neolítica. A expressão Crescente Fértil está relacionada com a forma de meia-lua (fase de Quarto Crescente). Esta região estendia-se desde o Egipto até à Mesopotâmia.

A prática regular da agricultura iria constituir a primeira parte da chamada Revolução Neolítica. Este período, também caracterizado pelo aperfeiçoamento dos utensílios em pedra (técnicas da pedra polida) ficou conhecido por Neolítico.

Em grande parte de África, sabe-se que foram cultivados inhames, sorgo e amendoim.

Ao seguir os animais nas caçadas, os homens aperceberam-se de que podiam apoderar-se das suas crias e atraí-los para terrenos fechados através de cercas. Assim, foram sendo domesticadas as primeiras espécies de animais, como a cabra, o boi, o porco e o carneiro. As duas actividades, agricultura e criação de gado, marcaram o início da economia de produção.

Por outro lado, aquelas actividades obrigavam-nos a fixarem-se no mesmo local para vigiarem as colheitas, a tratar do gado (sedentarização) e a viverem em aldeamentos (Fig. 21).

No Neolítico, acentuou-se a divisão do trabalho entre homens e mulheres iniciado no Paleolítico. Os homens realizavam os trabalhos agrícolas mais pesados, o pastoreio dos rebanhos, a caça e a pesca.

As mulheres efectuavam o trabalho doméstico e o tratamento dos filhos, as actividades agrícolas mais leves e as actividades artesanais. As actividades agro-pastoris contribuíram para a sedentarização e a consequente formação de aldeamentos (Fig. 22).

Como a população foi aumentando, graças à abundância e à variedade de alimentos, as aldeias foram crescendo. A necessidade de organizar a vida nas aldeias fez com que surgisse uma outra forma de divisão de trabalho, a especialização em diferentes funções. Assim, uns dedicavam-se à agricultura e à criação de gado (camponeses e pastores). Existia um grupo que se dedicava à defesa da aldeia, este era o grupo dos guerreiros. Outros estabeleciam a ligação entre a aldeia e os deuses e eram chamados sacerdotes. Outros, ainda, fabricavam instrumentos (machados, enxadas) e utensílios (cestos, vasos) e eram os artesãos. Para dirigir a aldeia estava um chefe e um grupo de anciãos (concelho dos anciãos).

Alguns grupos (chefes, sacerdotes e guerreiros) ficavam ocupados nas novas funções não tendo tempo para produzir na agricultura e em outras actividades. Para viverem recebiam contribuições das populações (tributo). Com o andar do tempo, alguns passaram a exigir mais do que necessitavam para a sua vida. Assim foram acumulando riquezas, poderes e prestíjos em relação ao resto da população. Esta situação deu origem à diferenciação social nas aldeias.

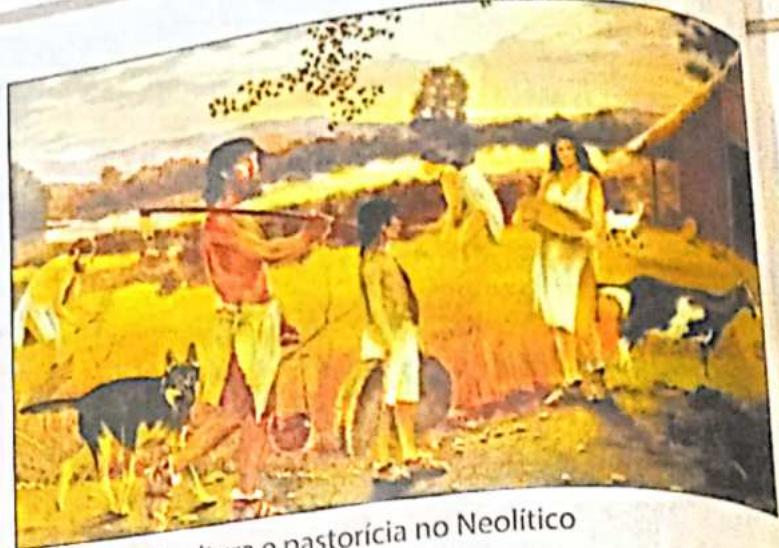


Fig. 21 A agricultura e pastorícia no Neolítico

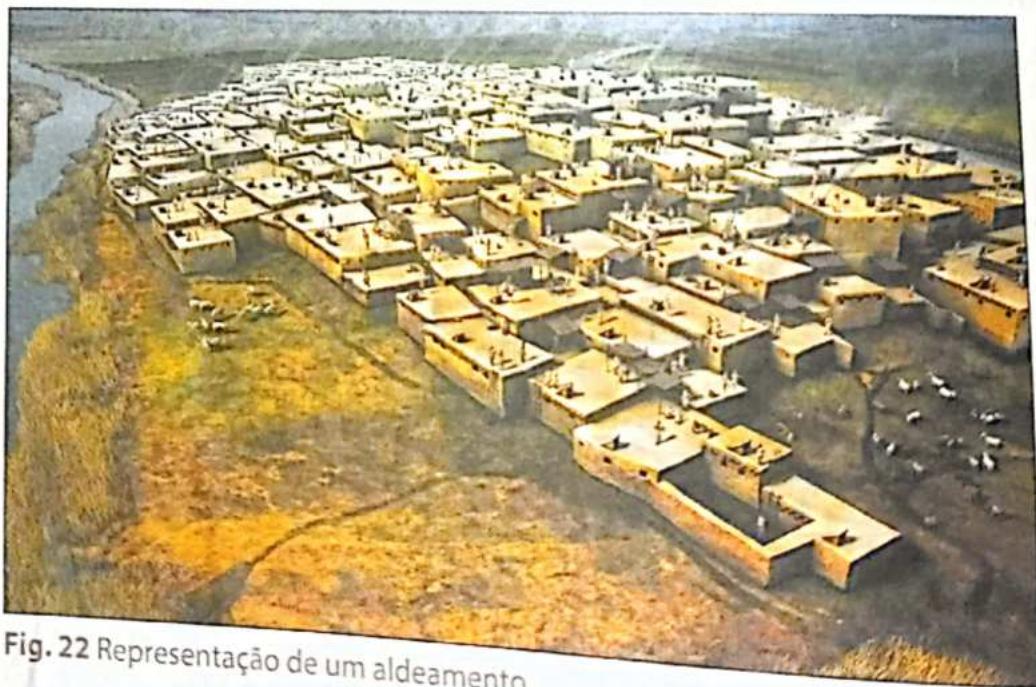


Fig. 22 Representação de um aldeamento

## Progressos técnicos

Já vimos que no Neolítico surgiram diferentes tarefas (defesa, artesanato, sacerdócio chefia) que contribuíram para o aparecimento de progressos técnicos.

Para desbravar e lavrar a terra bem como ceifar os cereais, os artesãos fabricaram machados e lâminas de sílex (Figs. 23 e 24).

A necessidade de transformar os grãos de cereais em farinha, armazenar cereais, água e outros alimentos, levou os artesãos a produzirem almofarizes e vasos em cerâmica (Figs. 25, 26 e 27).

A produção de lã, algodão e linho contribuíram para os artesãos inventarem o tear (Fig. 28), instrumento de fiação e tecelagem.

Como podes verificar, os progressos técnicos trouxeram profundas alterações na vida das aldeias do Neolítico.



Fig. 24 Lâminas de sílex. Eram usadas para ceifar os cereais.



Fig. 25 Almofariz (A) pilão (B)

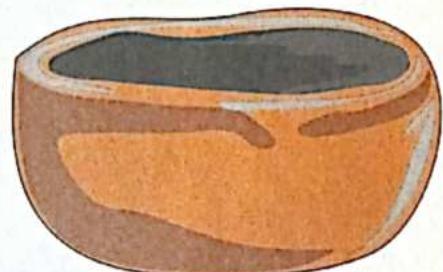


Fig. 26 Os cestos ou vasos (em vime ou barro) serviam para guardar cereais e outros produtos.



Fig. 27 Vaso em cerâmica. Servia para transportar e guardar cereais, leite, água e outros produtos.



Fig. 28 Tear

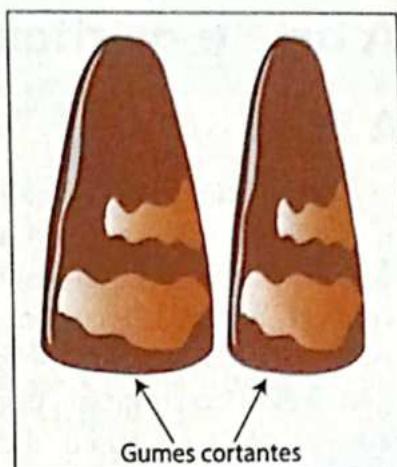


Fig. 23 Representação de machados de pedra polida. Serviam para desbravar o mato, abrir clareiras e rasgar a terra para a cultivar.

## A arte e os ritos no Neolítico

### A arte

À semelhança do Paleolítico, o Neolítico foi, igualmente, marcado por manifestações artísticas. Dedicando-se ainda à caça, o Homem do Neolítico continuou a desenvolver a arte rupestre e móvel. Os utensílios fabricados para o transporte e conservação de água e cereais (vasos de cerâmica e cestaria) e outros para abrir clareiras (machados) e moer os grãos (almoço e pilão) foram igualmente obra artística deste período.

No Neolítico surgiram, porém, as grandes construções de pedra – os monumentos megalíticos – associados ao culto dos antepassados e da Natureza (antas ou dólmenes, menires, e cromeleques ou alinhamentos de menires). Estes monumentos ainda hoje são visíveis em muitas regiões da Europa (Figs. 29 e 30).

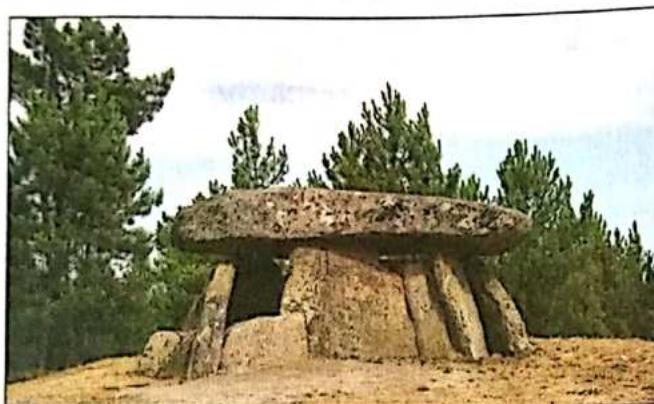


Fig. 29 Anta ou dólmen. Crê-se que estas construções eram sepulturas coletivas.

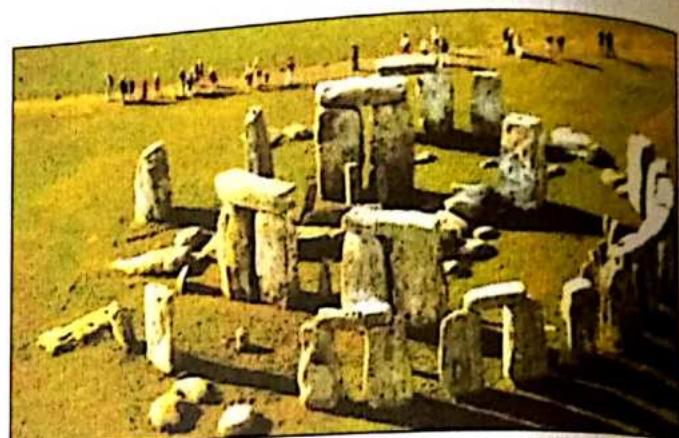


Fig. 30 Cromeleque. Provavelmente, estes monumentos eram santuários dedicados ao culto dos mortos.

### Os ritos

Os ritos mágico-religiosos do Paleolítico, de que já falámos, continuaram a ser praticados pelo Homem do Neolítico. Mas neste período o interesse do Homem pela terra e pelas forças naturais aumentou consideravelmente.

O Sol, que fornecia luz e calor, indispensáveis para a germinação das plantas, era igualmente divinizado e venerado. O culto a estas forças da Natureza, tomadas como divindades, tal como o dos mortos, realizavam-se em monumentos construídos para o efeito (Fig. 30).

A terra era a fonte de fertilidade, fazendo germinar as plantas. A fecundidade da terra (que fornecia alimentos) era, assim, comparada à fecundidade da mulher (que garantia a continuidade da espécie). Assim, o Homem desta época associou a terra à mulher/mãe, divinizando-as e venerando-as (Fig. 31).

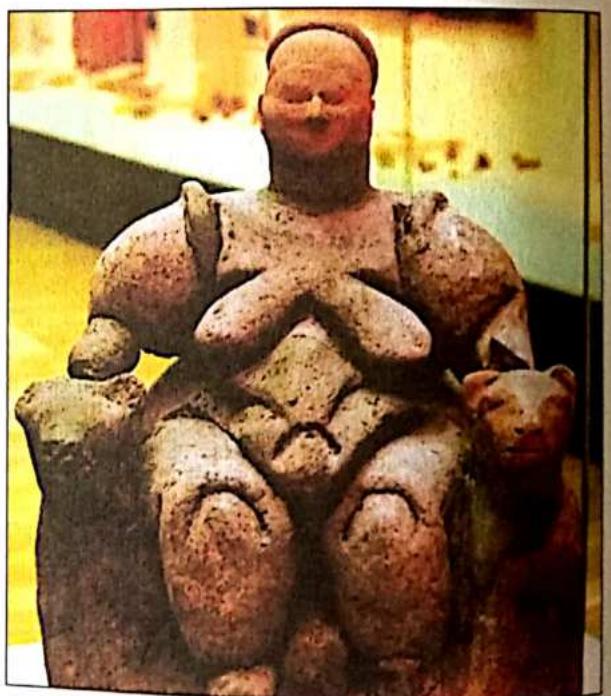


Fig. 31 Deusa-mãe. Esta figura personifica a capacidade reprodutora dos seres humanos, bem como a fertilidade da terra.



## Glossário

**Fecundidade** – fertilidade, abundância

**Divinizar** – deificar, tornar adorável, engrandecer.

**Venerar** – reverenciar, tornar bastante respeitável.

**Construção megalítica** – (do grego *mega* = grande e *lithos* = pedra). Construção Neolítica constituída por grandes blocos de pedra.

**Neolítico** – (do grego *neo* = novo e *lithos* = pedra). Idade da Pedra Polida. Período da História em que o Homem desenvolve a agricultura e a domesticação dos animais, tornando-se produtor. Este período também se tem designado por «Revolução Neolítica».

**Sedentarização** – fixação de grupos humanos em aldeias/cidades com carácter permanente

**Aldeamento** – primeiras povoações fixas no Neolítico, com população pouco numerosa dedicada, essencialmente, à agricultura

**Economia de produção** – economia baseada na produção agrícola e na domesticação de animais.



## Nota explicativa

**Próximo Oriente**: região constituída, historicamente, pelo Egipto (em África), pela Síria, pela Palestina e Mesopotâmia (na Ásia). Actualmente, esta região também se designa Médio Oriente, integrando países como Turquia, Israel, Síria, Líbano, Irão, Paquistão, Índia e Egipto. No Neolítico e na Antiguidade Oriental era conhecida por região do Crescente Fértil, porque nela floresceu uma grande civilização agrícola. Existe ainda a região designada por Extremo Oriente, que é constituída por países que se situam no extremo, ou seja, no fim, neste caso do Oriente. Entre estes países, temos a Coreia do Norte e do Sul e o Japão.

**Crescente Fértil**: região do Próximo Oriente onde foi inventada a agricultura. Chama-se Crescente porque o seu formato faz recordar uma das fases da lua, a do Quarto Crescente. Esta região integra parte do continente africano, nomeadamente o Egipto e do continente asiático, por exemplo a Mesopotâmia, e integra três rios muito importantes: Nilo, Tigre e Eufrates.





## Exercícios de aplicação

1. A agricultura e a criação de gado alteraram a vida do Homem do Neolítico.  
 • Explica como a observação e a curiosidade contribuíram para a descoberta daquelas duas actividades económicas.
2. Estabelece a correspondência entre os elementos das colunas A e B.
- | A                      | B  |
|------------------------|--|
| 1. Sacerdote           | A. Homens especializados na defesa da aldeia.                    |
| 2. Divisão do trabalho | B. Idade da pedra nova ou idade da pedra polida.                 |
| 3. Guerreiros          | C. Execução de tarefas diferentes por cada membro da aldeia.     |
| 4. Foucinha            | D. Homens especializados na comunicação com os deuses.           |
| 5. Neolítico           | E. Práticas religiosas relacionadas com a agricultura.           |
| 6. Cultos agrários     | F. Fixação das antigas populações nómadas num determinado lugar. |
| 7. Sedentarização      | G. Colheita de cereais.  |

3. Observa a figura 22, da página 40:

- a) Inspirando-te nela e na tua imaginação, escreve um texto (entre 5 a 8 linhas) com o título: «Um dia num aldeamento do Neolítico».
- b) Descreve a «economia de produção» utilizando os seguintes verbos: transportar, guardar, semear, desbravar, comer e beber.
4. A aldeia neolítica integrava camponeses, artesãos, sacerdotes, guerreiros e membros do conselho dos anciãos. Ordena estes habitantes de forma decrescente quanto à sua importância, segundo a estrutura social da época.
5. Assinala com **V** ou **F** cada uma das afirmações que se seguem para indicar se é verdadeira ou falsa, respectivamente.
- Corrige as afirmações que consideraste falsas.
- a) A caça e a recollecção garantiam o sedentarismo.
- b) A Escola Primária de Montepuez localiza-se no continente considerado «berço da Humanidade».
- c) A economia produtora deu lugar ao nomadismo.
- d) Os utensílios neolíticos como almofariz, pilão, vasos em cerâmica e cestaria estiveram associados à produção, conservação e transporte de farinha.
- e) Os monumentos megalíticos eram minúsculas representações em pedra e argila, sendo revestidos de peles de animais.
- f) As primeiras experiências de prática de agricultura e pastorícia realizaram-se exclusivamente no continente asiático.



## 1. Lê o texto

«Os nossos antepassados viviam essencialmente da caça, da pesca e também, quando as condições climáticas o permitiam, da apanha de vegetais comestíveis (frutos, grãos e raízes).»

François Bordes, *As origens do Homem*



a) A partir do texto e da figura acima representados, justifica o nomadismo dos nossos antepassados.

b) Indica uma expressão do texto que mais caracteriza a economia recolectora. Justifica.

## 2. Ordena, do mais recente ao mais remoto, os acontecimentos que se seguem:

- a) Fabrico de almofariz e lâminas de silex.
- b) Descoberta do controlo do fogo.
- c) Fabrico de *chopper*.
- d) Vida arbórea dos primatas.
- e) Ritos funerários.

## 3. Transcreve a afirmação correcta em cada grupo de afirmações indicadas em I, II, e III.

I

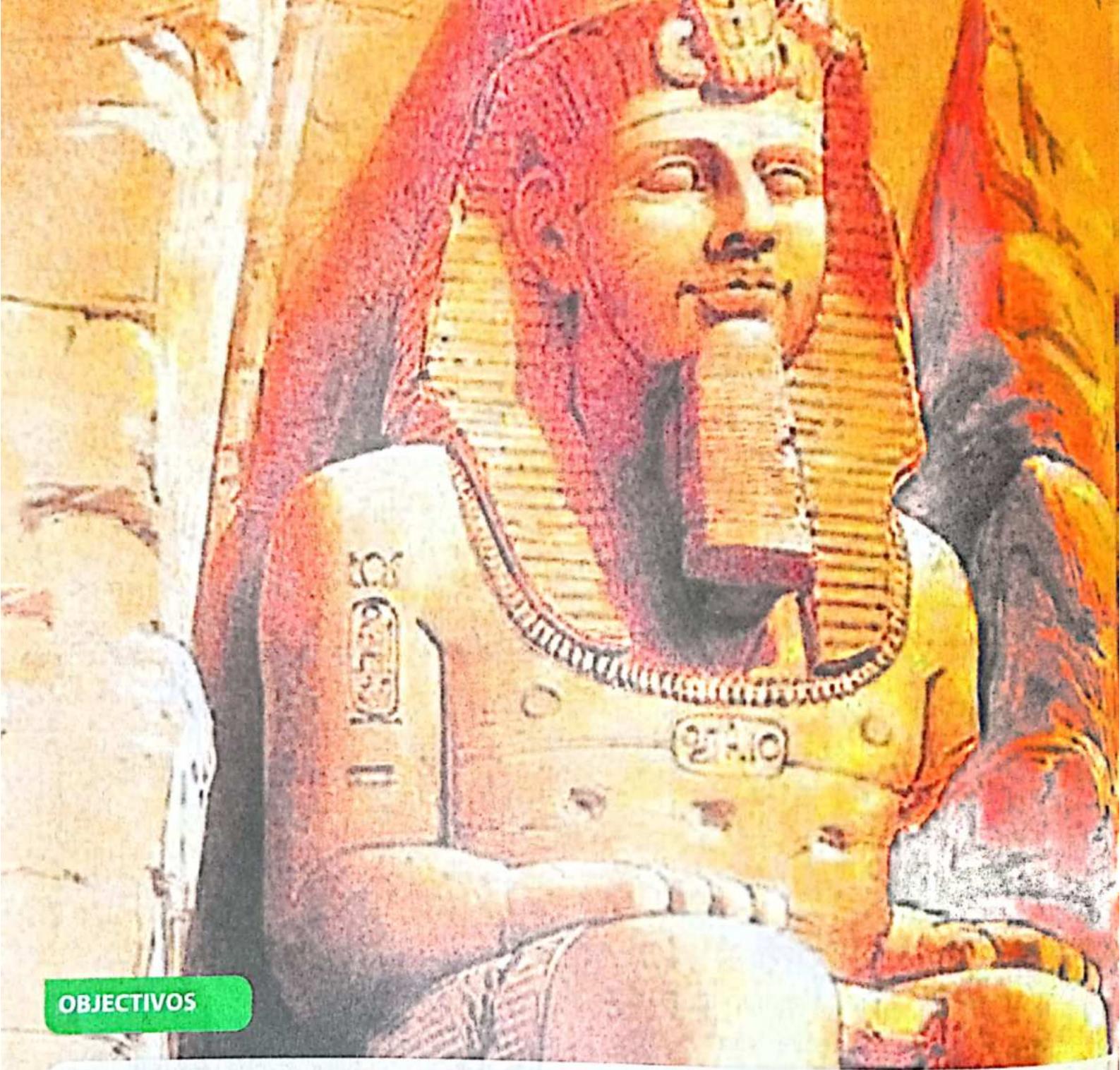
- a) O *homo erectus* já caçava animais de grande porte.
- b) O *homo erectus* só caçava animais de grande porte.
- c) O *homo erectus* só caçava animais de pequeno porte.
- d) O *homo erectus* só vivia de apanhar de vegetais.

II

- a) Os habitantes dos aldeamentos neolíticos viviam da caça, recollecção e pesca, complementando esta dieta com agricultura e criação de gado.
- b) Os habitantes dos aldeamentos neolíticos viviam da caça e recollecção.
- c) Os habitantes dos aldeamentos neolíticos viviam da agricultura e criação de gado complementando esta dieta com a caça, recollecção e pesca.
- d) Os habitantes dos aldeamentos neolíticos viviam da caça.

III

- a) No neolítico, o armazenamento de cereais e de água fazia-se em cestos de vime.
- b) No Neolítico, o armazenamento de cereais e de água fazia-se em vasos de cerâmica.
- c) No Neolítico, o armazenamento de cereais e de água fazia-se em cestos de vime e almofarizes.
- d) No Neolítico, o armazenamento de cereais e de água fazia-se em almofarizes.



## OBJECTIVOS

O aluno deve ser capaz de:

- Explicar o processo da diferenciação social tomando como exemplos o Egipto (revisão) e Mesopotâmia.
- Analisar o Código de Hamurabi.
- Explicar a necessidade de existência de regras e leis numa sociedade.
- Analisar o desenvolvimento das sociedades esclavagistas na Europa.
- Caracterizar a democracia ateniense.
- Explicar o surgimento da escravatura em Roma.
- Explicar a formação do Império Romano.
- Analisar as causas da crise e decadência do Império Romano.
- Caracterizar a situação económica, política e social de Moçambique desde a comunidade primitiva até à formação dos primeiros estados.

CONTEÚDOS

**O Surgimento da diferenciação social nos exemplos do Egito e Mesopotâmia**

- O Egito (revisão)
- Localização geográfica; Actividades económicas; O surgimento da diferenciação social; a religião e a cultura
- Mesopotâmia
- Localização geográfica; Actividades económicas; O surgimento da diferenciação social; A religião; Babilónia; Os fundamentos do despotismo e o Código de Hamurabi

**Surgimento e desenvolvimento da sociedade esclavagista na Europa: Grécia e Roma**

- Grécia
- Localização geográfica e povoamento da Grécia; A evolução política da Grécia (Monarquia, Oligarquia, Tirania e Democracia)
- As características da Democracia ateniense
- Roma
- Localização geográfica e povoamento; A origem e características da escravatura em Roma; A formação do Império Romano; A crise e queda do Império; A cultura greco-romana

**Moçambique: da Comunidade Primitiva à formação dos primeiros Estados**

- Os Khoisan: organização económica, social e ideológica
- Os Bantu: organização económica, social e ideológica
- O Reino de Zimbabwe
- Localização geográfica
- A estrutura económica política e sócio-ideológica
- A decadência
- O Império de Mutapa
- Localização geográfica; A estrutura económica, política e sócio-ideológica; A decadência



# As civilizações dos Grandes Rios e do Mediterrâneo Oriental

## Quadro cronológico

Civilizações	De c. 3300 a.C. a 1 a.C.
Suméria	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 3300 – Cidades-Estado (Uruk, etc.)</li> <li>• 3300 – Invenção da escrita</li> <li>• 2800 – Metalurgia do bronze</li> <li>• 2350 – Sargão da Acádia funda o primeiro império na Mesopotâmia</li> <li>• 2100 – Gudeia, rei de Lagash; Zigurate de Ur</li> <li>• 1100-625 – Domínio assírio</li> <li>• 604-562 – Renascimento da Babilónia</li> <li>• 540 – Invasão persa</li> <li>• 331 – Conquista da Mesopotâmia por Alexandre Magno</li> </ul>
Egipto	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 3200-3100 – Unificação do Egipto</li> <li>• 2550-2470 – Construção das grandes pirâmides</li> <li>• 2000 – Metalurgia do bronze</li> <li>• 1298-1235 – Reinado de Ramsés II</li> <li>• 663 – Invasão assíria</li> <li>• 525 – Invasão persa</li> <li>• 332 – Conquista do Egipto por Alexandre Magno</li> <li>• 51-30 – Reinado de Cleópatra</li> </ul>
Vale do Indo Vale do Rio Amarelo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 2500 – Ascensão da Civilização do Vale do Indo. Cidade de Mohenjo-Daro</li> <li>• 2000 – Cidade de Harappa</li> <li>• c. 1500-1028 – Dinastia Shang (China)</li> <li>• c. 1500 – Declínio da Civilização do Vale do Indo (invasão ariana)</li> <li>• 551-479 – Confúcio</li> <li>• 221-210 – Primeiro império da China (Imperador Ch'in)</li> </ul>
Palestina Fenícia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1900 – Os Hebreus fixam-se em Canaã (Palestina).</li> <li>• 1720 – Tribos hebraicas fixam-se no Egipto.</li> <li>• 1770 – Código de Hamurabi</li> <li>• 1280-1250 – Éxodo dos hebreus do Egipto e regresso à Palestina</li> <li>• 1000 – Alfabeto com 22 letras (Biblos)</li> <li>• 950 – Construção do primeiro templo do Jerusalém</li> <li>• 932 – Divisão da Palestina: Israel e Judá</li> <li>• 800 – O alfabeto fenício é adoptado pelos gregos.</li> <li>• 330 – Alexandre Magno conquista a Fenícia</li> <li>• 70 – Conquista da Judeia pelos romanos</li> </ul>

# O Egito

## Localização geográfica

O Egito Antigo faz parte das civilizações dos Grandes Rios, que se desenvolveram a partir do 5.º milénio antes de Cristo (Fig. 1).

O Nilo, como podes observar, isola dois desertos, a Ocidente e a Oriente, fazendo do Egito um extenso vale por onde correm as águas deste rio. No seu percurso, o Nilo transportava ricos aluviões (materiais fertilizantes) nas suas cheias, transformando o vale em terra arável. É por isso que se afirma que o Egito é uma dádiva do Nilo (Documento A).

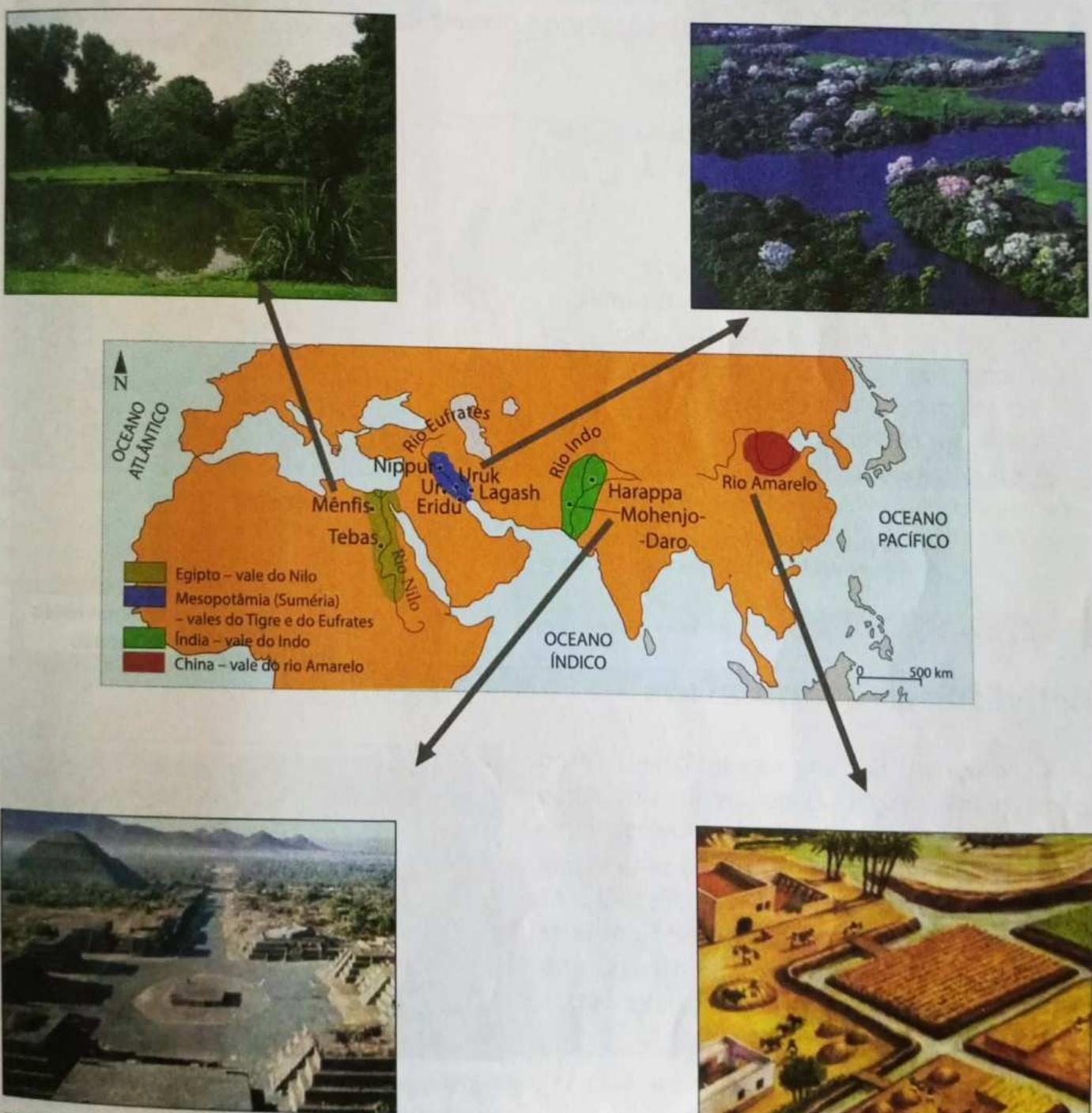


Fig. 1 Aspectos das Civilizações dos Grandes Rios, representadas geograficamente no mapa, ao centro.



## Exercícios de aplicação

1. Fundamenta a expressão «Civilizações dos Grandes Rios».
2. Tomando como base a figura 1, identifica a civilização situada no extremo mais Ocidental e a situada no extremo mais Oriental.
3. Com base nos teus conhecimentos sobre o percurso dos rios, explica as designações «Baixo Egipto e Alto Egipto», assinalados no mapa da figura 2.



### Documento A

Hino ao Nilo  
 Salve, ó Nilo  
 Que sais da terra e vens dar vida ao Egipto!  
 Ao irrigar os prados criados por Rá.  
 Tu fazes viver todo o gado,  
 Tu que dás de beber à terra!  
 Tu crias o trigo, fazes nascer o grão,  
 Garantindo a prosperidade aos templos.  
 Se pás a tua tarefa e o teu trabalho,  
 Tudo o que existe cai no desespero.  
 Se, ao contrário, te levantas e sobes  
 A Terra inteira grita de regozijo.  
 Os ventres alegram-se (...)

Adoração ao Nilo, citado por C. Maspero,  
*in Histoire ancienne des peuples de l'Orient*

## Actividades económicas

A civilização egípcia desenvolveu-se ao longo de mil e duzentos quilómetros do curso navegável do rio Nilo (Fig. 2). Os aluviões transportados pelo rio fizeram do Egipto uma região fértil para a agricultura e a criação de gado. As cheias, que transformavam o deserto em terra fértil, inundavam igualmente estas mesmas terras dificultando, assim, a prática da agricultura (Fig. 3).

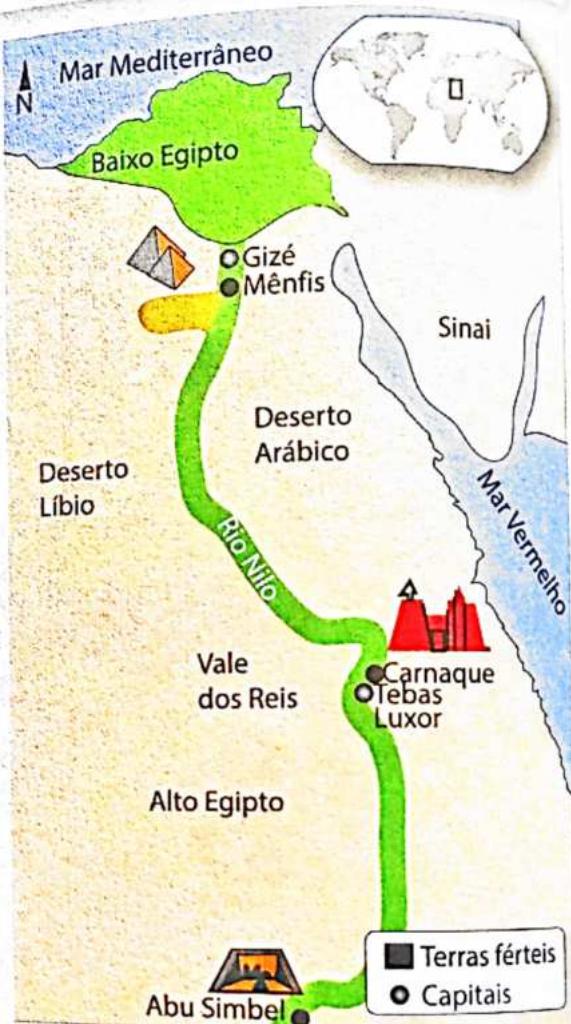


Fig. 2 O Egito



Fig. 3 Aspecto das cheias no rio Nilo, cujos efeitos, tal como já acontecia na Antiguidade, ainda nos dias de hoje se fazem sentir.

Assim, para lutar contra as inundações e contra a seca nas regiões altas, que não eram atingidas pelas cheias, os egípcios tiveram de controlar as cheias do rio através da construção de canais e sistemas de rega (Fig. 4).

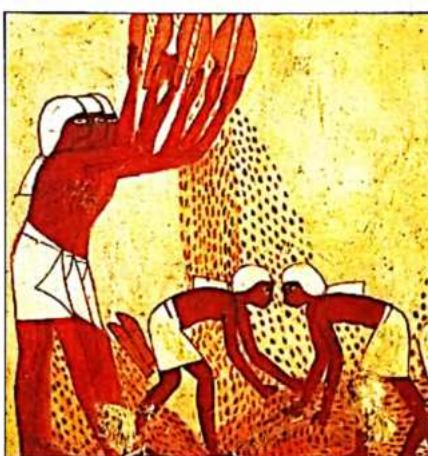
A maioria da população dedicava-se à agricultura (Figs. 5 e 6). A época das sementeiras ocorria depois da descida das águas do Nilo. O trigo, a cevada, os legumes, os feijões, as cebolas, as árvores de fruto (como a tamareira e a figueira) e ainda plantas como o linho contavam-se entre as culturas egípcias. Na criação de gado eram domesticados burros, cavalos, ovelhas e bois (Fig. 7).

Paralelamente à agricultura e à criação de gado, os egípcios dedicavam-se à cerâmica, à tecelagem, à fiação, à carpintaria, ao fabrico de jóias, ao trabalho de couro e à metalurgia (Fig. 8).

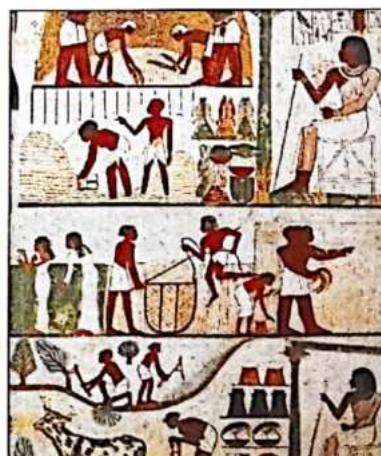
A utilização de gado e alfaias agrícolas (como o arado) e o controlo das cheias em terras cobertas de aluviões contribuíam para que as populações produzissem mais do que necessitavam para a sua alimentação, dando origem à produção de excedentes.



**Fig. 4** Representação, num fresco egípcio, de um chaduf, um sistema de rega usado para elevar água até às terras mais altas, onde as cheias não chegavam.



**Fig. 5** A maioria dos egípcios trabalhava na agricultura.



**Fig. 6** Falso branco representando a colheita do cereal no Egipto.



**Fig. 7** A criação de gado constituía outra importante actividade económica do Egipto.



**Fig. 8** Ofícios no Egipto (neste falso branco, ourives pesam ouro, escultores trabalham numa esfinge, oleiros retocam peças de cerâmica, artesãos de metais e construtores de barcos, acabam as suas obras, carpinteiros retocam objectos que simbolizam a eternidade).

## UNIDADE 3

Estes excedentes, como podes imaginar, contribuíam para a realização de trocas comerciais, que podiam ser internas ou externas (Fig. 9).



Fig. 9 Neste pormenor de um fresco egípcio, podemos ver uma das embarcações que permitiam transportar produtos e garantir as trocas internas e externas no Egito.



### Exercícios de aplicação

1. A partir do Hino ao Nilo (Documento A) e da figura 2 justifica a afirmação: O Egito foi uma «dádiva do Nilo».
2. Explica as condições naturais e técnicas que contribuíram para a produção de excedentes no Egito Antigo.
3. Relaciona os excedentes egípcios com a prática do comércio.
4. Num desenho simples, mas criativo, representa um delta e um estuário do rio. Explica em que se diferencia um do outro.

## O surgimento da diferenciação social

A agricultura e a criação de gado permitiram a sedentarização e a organização dos egípcios em aldeias chamadas nomos. Nestas aldeias, foram-se constituindo grupos especializados em funções determinadas. Assim, uns dedicavam-se à agricultura, outros à pastorícia e outros ainda à defesa da aldeia. Existiam ainda os que se dedicavam ao registo da produção (escrivães) e, finalmente, encontravam-se aqueles que tinham como tarefa estabelecer a ligação entre a aldeia e os antepassados ou a comunicação com os deuses (os sacerdotes). Para a resolução dos problemas que surgiam nas aldeias, nomeadamente a construção de canais de irrigação e a manutenção da ordem, apareceram os chefes das aldeias – os nomarcas. Estes faziam-se rodear por indivíduos velhos e experientes, que formavam o conselho dos anciãos. Como podes ver, pelas funções que desempenhavam, uns gozavam de maior prestígio, em relação aos outros. Alguns membros da comunidade endividavam-se, quer para pagar o tributo. Os que não conseguiam pagar a dívida tornavam-se escravos.

A localização das aldeias ao longo do Nilo fazia com que umas fossem mais produtivas e, consequentemente, mais ricas, em relação às outras. Este facto constituiu uma das razões que levou a lutas entre as aldeias (nomos) que ocorreram entre 3200-3100 a.C. Durante as guerras alguns dos vencidos eram presos e transformados em escravos, juntando-se aos escravos por dívida. Estas lutas contribuíram para a unificação do Egipto, que passou a ser dirigido por um só chefe que era o Faraó.



### Exercícios de aplicação

1. Presta atenção ao texto, ao mapa do Egipto (Fig. 2) e recorre aos outros conhecimentos para completar os espaços com as palavras que se seguem (Faraó, Samuel Eto'o, Cairo, Mambas, Chelsea, futebol, Didier Drogba, Camarões, guerra, Baixo Egipto, Alto Egipto, 2008, nomos, sul, aldeias, Costa do Marfim).

Os \_\_\_\_\_ ou \_\_\_\_\_ próximas do Mar Mediterrâneo ou do \_\_\_\_\_ entraram em \_\_\_\_\_ contra as do \_\_\_\_\_ ou do \_\_\_\_\_. Desta luta resultou a unificação de todo o Egipto sob a direcção de um \_\_\_\_\_. Hoje, este país tem por capital a cidade de \_\_\_\_\_ e o mesmo é campeão africano de \_\_\_\_\_ depois de derrotar os \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, estrela do Barcelona que visitou Moçambique pouco antes de os \_\_\_\_\_ defrontarem a \_\_\_\_\_. onde \_\_\_\_\_, este astro do \_\_\_\_\_ foi o grande ausente.

2. Descreve as funções do: escriba, nomarca e do sacerdote.

## A importância dos rios

À semelhança do Nilo, os rios do nosso país são muito importantes para a nossa vida e para a vida das comunidades. Eles fornecem peixe, água para beber, para higiene pessoal e para irrigação dos campos. O rio Zambeze, por exemplo, fornece energia eléctrica ao país e aos países vizinhos.

Os rios podem, igualmente, constituir fonte de transmissão de doenças e até causar mortes. As inundações, por exemplo, têm semeado luto nas famílias. As águas estagnadas ou poluídas têm também contribuído para a transmissão de doenças como a bilharziose e as diarreias.

A solução para estes problemas está nas mãos de cada um de nós, incluindo nas tuas. Como aluno, por exemplo, podes participar na organização de campanhas de limpeza dos rios, campanhas contra a defecação nas margens dos rios. Na qualidade de aluno podes, também participar ou organizar campanhas de sensibilização das comunidades para não construírem habitações definitivas nas margens dos rios.

No futuro, poderás ser meteorologista e saberás como ajudar as comunidades a prevenir perdas resultantes das cheias. Poderás ainda, ser construtor de represas e de barragens e terás conhecimento para regular o curso dos rios.

## A religião e a cultura

Os egípcios adoravam numerosos deuses (Fig.10), ou seja, eram politeístas.

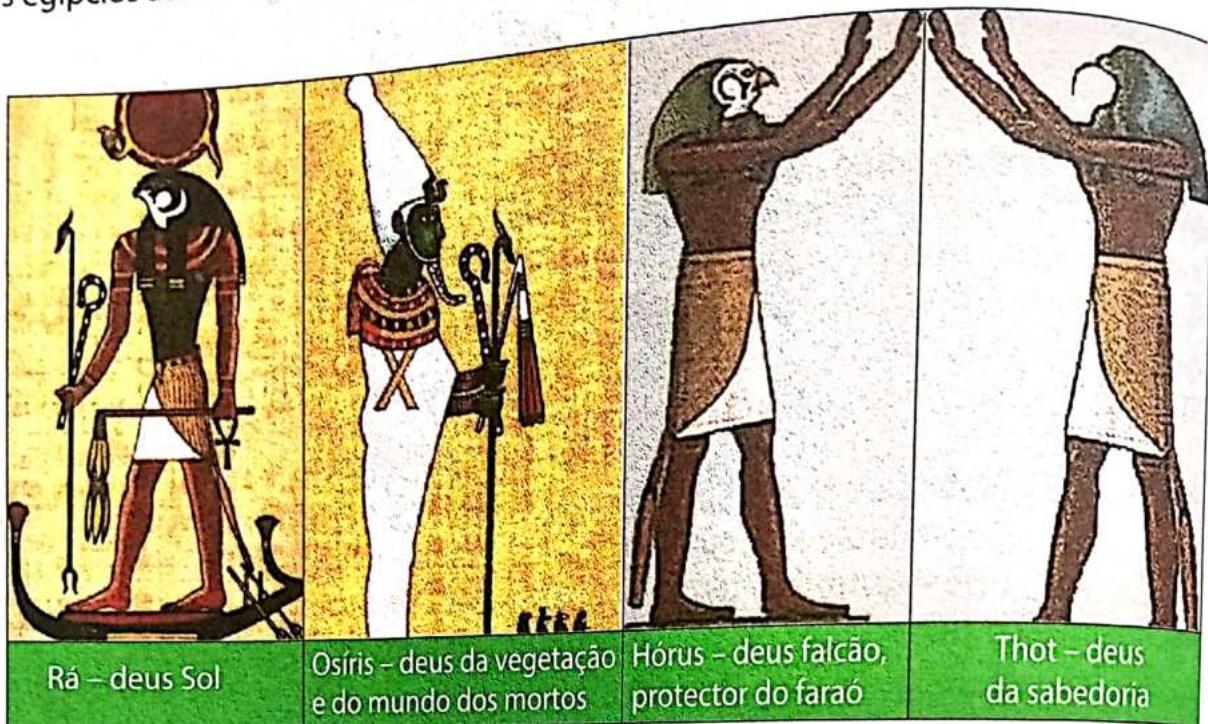


Fig. 10 Algumas divindades egípcias

Os faraós eram considerados deuses vivos, concentrando todos os poderes (Chefe do Estado e do exército, supremo sacerdote e juiz supremo) (Documento B). Os deuses eram identificados com as forças da Natureza, como acontecia, por exemplo, com Ámon-Rá, que representava o Sol, e com virtudes humanas como acontecia, por exemplo, com o deus da justiça, o do amor, o da verdade, etc. Por outro lado, os deuses tinham uma forma humana (antropomórficos), uma forma meio-humana, meio-animal ou simplesmente uma forma animal. Finalmente, os deuses podiam ter influência apenas numa aldeia ou numa comunidade (deuses locais) ou podiam ter influência em todo o território egípcio (deuses nacionais).

A crença na imortalidade da alma constitui um dos aspectos mais importantes da religião egípcia e a base de grandes realizações egípcias. A partir desta crença, os egípcios desenvolveram a técnica da mumificação (embalsamento) dos corpos. As múmias eram depositadas em sarcófagos selados (Fig. 11). A técnica da mumificação deu particularmente em anatomia, bem como em medicina, partiu da mumificação eram utilizadas substâncias obtidas de diversas plantas).



Fig. 11 Múmia e sarcófago

A crença na imortalidade da alma levou os egípcios a construírem grandes edifícios (Figs. 12, 13 e 14) que serviam de túmulos para pessoas mais importantes acompanhadas de bens de grande valor de uso pessoal. Passamos a descrever cada um desses edifícios que serviam de túmulo:

**Mastabas** – eram parecidas com uma pirâmide cortada a meio da sua altura e tinham uma sala subterrânea, onde os sarcófagos eram colocados. Mais tarde, as mastabas dariam origem às pirâmides.

**Pirâmides** – conheceram duas categorias, designadamente a pirâmide de degraus (correspondente à sobreposição de seis mastabas) e as pirâmides lisas.

**Hipogeus** – surgiram mais tarde, no período do Império Novo, e eram túmulos cavados na rocha, em profundidade, na tentativa de melhor proteger esses túmulos.

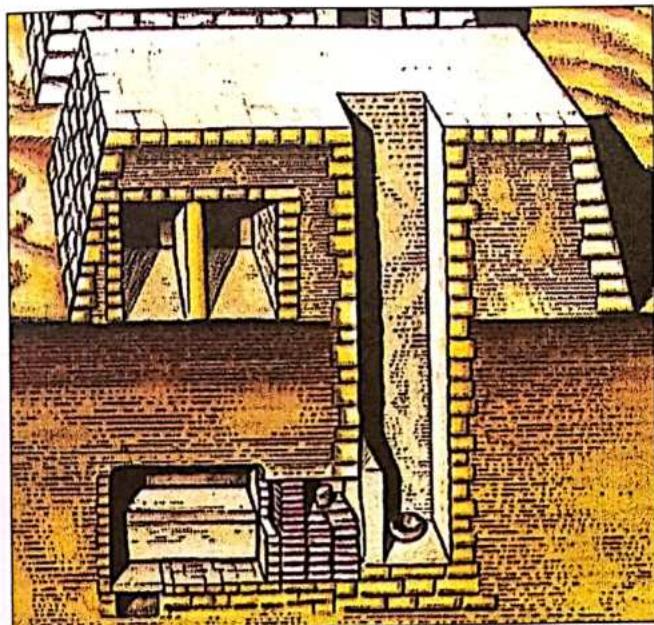


Fig. 12 Mastabas

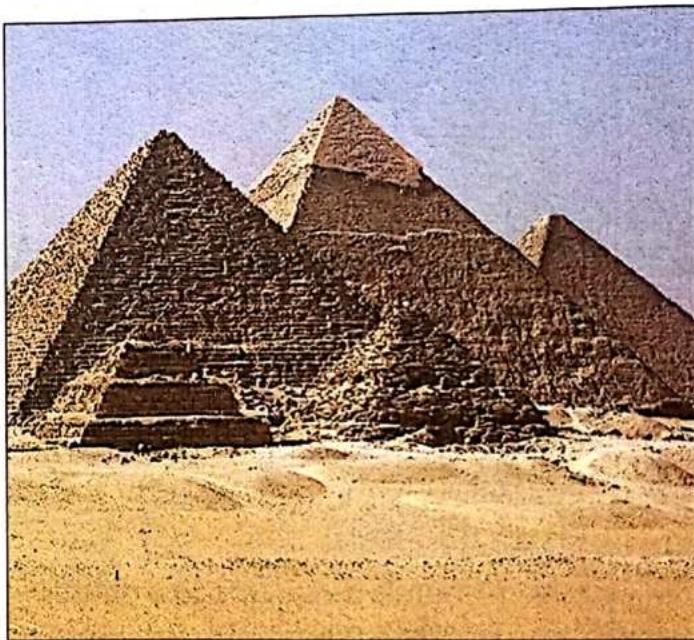


Fig. 13 Pirâmedes

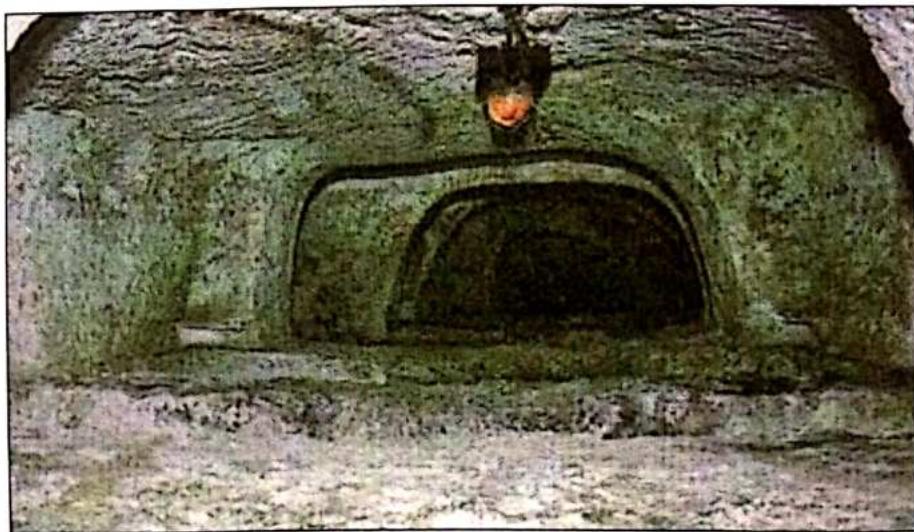


Fig. 14 Hipogeus

Os egípcios acreditavam, igualmente, que os seus deuses estavam presentes nas estátuas, nos templos, à semelhança do faraó no seu palácio. Esta crença levou os egípcios a construir templos e a esculpir estátuas, muitas vezes colossais.

As enormes proporções das construções contribuíram, por sua vez, para que os egípcios desenvolvessem técnicas e ciências como, por exemplo, o cálculo, a álgebra e a geometria.



## Documento B

### Homenagem ao Faraó

«Ó tu, que és semelhante a Rá em tudo o que empreendes! O que o teu coração deseja logo acontece. Nada há que não saibas. Quando dizes às águas: subi para o alto do monte, o oceano vai para onde lhe ordenas. Viverás eternamente e obedeceremos a todas as tuas ordens, ó rei e senhor nosso».

Milénios, Vol. I



## Exercícios de aplicação

1. O cristianismo e o islamismo são religiões politeístas. Concorda com esta afirmação? Justifica.
2. Explica como a religião contribuiu para o desenvolvimento da ciência (a botânica ou a medicina) e da técnica (a arquitectura) no Egipto Antigo.
3. Transcreve do Documento B as expressões que representam o carácter divino do Faraó. Justifica a tua escolha.
4. Diferencia múmia de sarcófago e deuses locais de deuses nacionais.

## A arte, a ciência e a escrita

### Arte

Na arte, os egípcios desenvolveram a arquitectura, a escultura e a pintura. Na arquitectura, os egípcios evidenciaram-se na construção de pirâmides, templos e palácios. Estes edifícios eram decorados com pinturas alusivas aos deuses, às lendas, à vida dos faraós e de outros membros da aristocracia (sacerdotes, escribas e guerreiros).

Os frescos, nos templos e nos palácios, caracterizaram a pintura egípcia (Fig. 15). Esta representava o quotidiano da vida dos egípcios, sobretudo a vida dos faraós, mas também cenas religiosas e guerreiras.

A escultura era constituída por estátuas, muitas delas colossais (Fig. 16) e baixos-relevos.

Nas pinturas e nas esculturas, a representação das figuras humanas obedecia a três leis:

- **A lei da frontalidade:** segundo esta lei, a cabeça e os membros (pernas e braços) apareciam de perfil e o tronco de frente (Fig. 15).

- **A lei da hierarquia:** esta lei levava a que as figuras fossem representadas com escalas diferentes, tendo em conta a importância social da personagem representada (Fig. 16). Por exemplo, a estátua de um escriba nunca poderia ser de grandes dimensões em relação a de um Faraó, mesmo que na vida real aqueles fossem de estatura mais alta do que o Faraó (Fig. 16).

- **Lei da omissão:** esta lei consistia na omissão de defeitos nos retratados.

Nas artes, os egípcios distinguiram-se ainda na decoração em marfim, pedra, ouro e vidro.

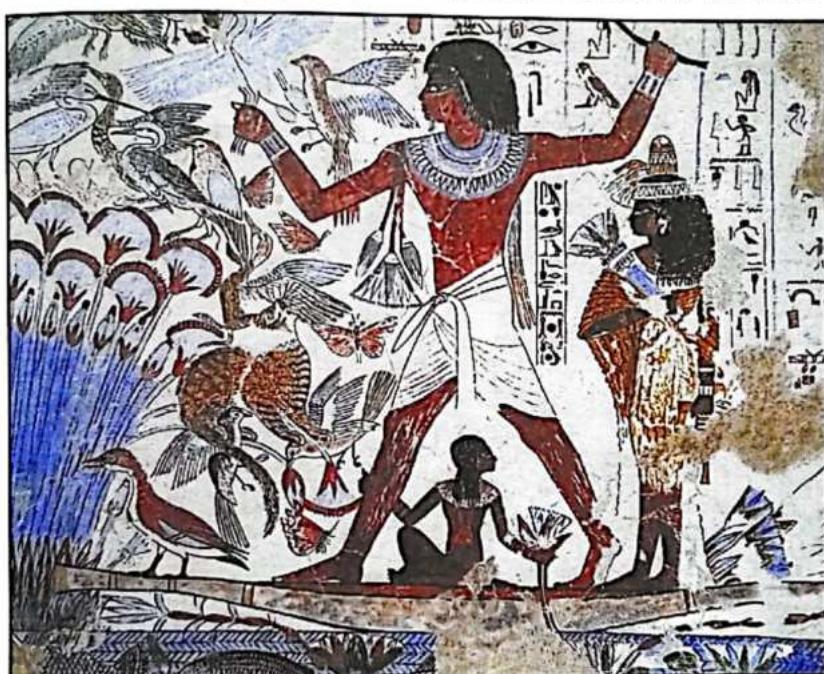


Fig. 15 Exemplo de pintura egípcia (fragmento de fresco)

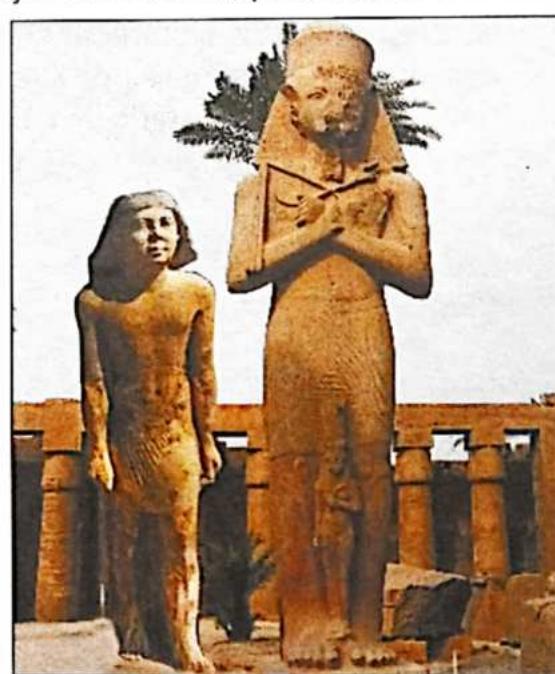


Fig. 16 Estátua colossal do Faraó Ramsés II

## Ciência

Como já vimos, os egípcios desenvolveram conhecimentos em várias áreas do saber.

**Geometria e Matemática** – neste ramo do saber, os egípcios eram condescendentes do cálculo da área do círculo, utilizavam medidas de comprimento, de superfície, de volume e de peso. O cálculo era importante na administração para fazer o inventário de impostos, registrar lucros e perdas nas actividades comerciais e medir terras e construções. Na Matemática, os egípcios conheciam igualmente a raiz quadrada e os números fraccionários.

**Astrologia e Astronomia** – as principais realizações nesta área do saber foram a posição relativa dos astros e o calendário que dividia o ano em 365 dias, e os 365 dias em três estações, o dia em 24 horas e a hora em 60 minutos.

**Medicina** – esta área desenvolveu-se particularmente a partir da mumificação. Esta técnica permitiu que os egípcios congessem a anatomia do corpo humano e, por isso, diagnosticassem o estado de saúde dos pacientes e executassem cirurgias (Documento C e Figs. 17 e 18).



## Documento C

### A medicina e o saber

Se examinares um homem com ferida no peito, deves ligá-lo com carne fresca no primeiro dia; depois, deves tratá-lo com azeite, mel e ervas até que se cure. Quando o médico pousa o dedo sobre uma parte do corpo, toca no coração, pois este penetra em todos os membros graças às suas artérias. Não te gabes por causa dos teus conhecimentos; não estejas certo de ti porque és um homem sábio. Pede conselhos tanto ao ignorante como ao sábio. Se o teu amigo faz alguma coisa que te desgrade, repara que ainda é teu amigo. Não respondas em estado de cólera. Não o humilhes. Não fales muito. Se silencioso e serás feliz.

Papiro egípcio (excerto)

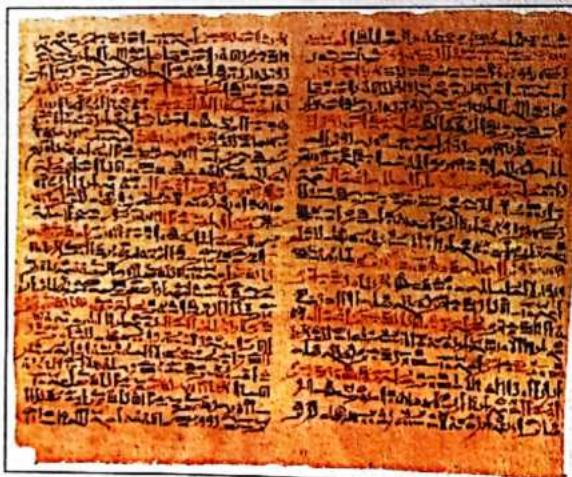


Fig. 17 Papiro com diagnóstico e tratamento de situações médicas (c. 2600 a.C.)



Fig. 18 Instrumentos cirúrgicos egípcios



## Curiosidade

Papiro (do latim *papyrus* do grego antigo πάπυρος) era o meio físico usado para a escrita (precursor do papel) durante a Antiguidade (sobretudo no Antigo Egito, civilizações do Oriente Médio, como os hebreus e babilónios e todo o mundo greco-romano). O papiro é obtido utilizando a parte interna, branca e esponjosa, do caule do papiro, cortado em finas tiras que eram posteriormente molhadas, sobrepostas e cruzadas, para depois serem prensadas. A folha obtida era martelada, alisada e colada ao lado de outras folhas para formar uma longa fita que era depois enrolada. A escrita dava-se paralelamente às fibras.

## Escrita

Vimos que os egípcios tinham contactos comerciais com os sumérios, povo conhecedor da escrita. Assim, é de acreditar que estes contactos tenham influenciado os egípcios no desenvolvimento da escrita. Na primeira escrita egípcia, os conceitos eram representados por desenhos simplificados de objectos (pictográfica) e, mais tarde, através de signos que representavam ideias (ideográfica). A escrita era baseada em símbolos chamados hieróglifos. Por isso, esta escrita chamou-se escrita hieroglífica (Fig. 19). A escrita foi desenvolvida pelos sacerdotes nos templos. Mas, os grandes responsáveis por esta arte no Egipto eram os homens que trabalhavam na administração chamados escribas (Fig. 20). O Faraó e os filhos dos grupos sociais mais importantes aprendiam, igualmente, a ler e a escrever.

A técnica da escrita contribuiu para o desenvolvimento da literatura, que relatava cenas de guerra, contos populares e obras religiosas. O *Livro dos Mortos* (Fig. 21) constitui uma das obras literárias mais importantes desta época.

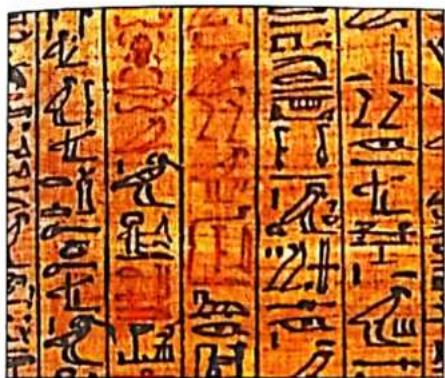


Fig. 19 Pormenor de placa com escrita hieroglífica

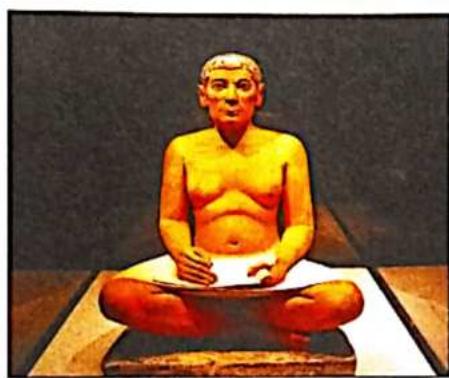


Fig. 20 Escultura representando escriba

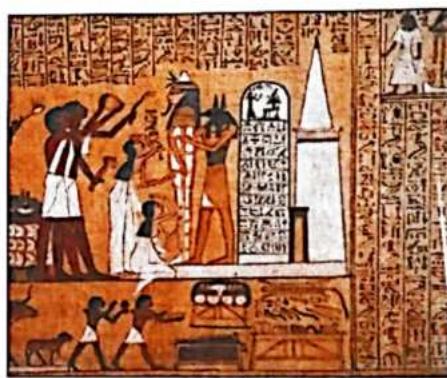


Fig. 21 Pormenor do *Livro dos Mortos*



### Exercícios de aplicação

1. Assinala com **V** e **F** as afirmações verdadeiras e falsas, respectivamente, e corrige as falsas.
  - a) A arte egípcia era religiosa e monumental.
  - b) A mumificação permitiu aos egípcios desenvolver a astronomia.
  - c) Os templos e pirâmides egípcios eram feitos em adobe.
  - d) A lei da hierarquia reflectia a diferenciação social entre os egípcios.
  - e) O *Livro dos Mortos* constitui a maior obra da escultura egípcia.
2. Para os egípcios, a medicina e o saber exigiam muita humildade e tolerância. Justifica esta afirmação com base no Documento C, «A Medicina e o saber».
3. Refere a importância da Geometria e da Matemática para a economia egípcia.
4. Os sacerdotes e os escribas evidenciaram-se na escrita, no Egipto Antigo. Porquê?

## A Mesopotâmia

### Localização geográfica e povoamento

A Mesopotâmia situa-se no Sudoeste asiático, ladeada por dois rios: o Tigre e o Eufrates.

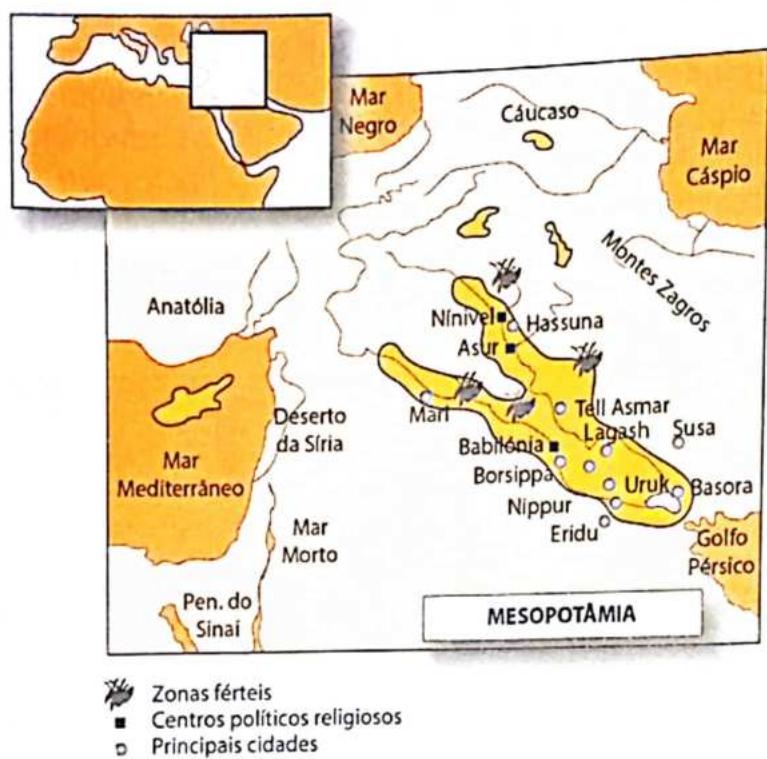


Fig. 22 Mesopotâmia: meio geográfico

que sulcavam as montanhas, fixavam-se e guerreavam-se, contribuindo para a formação de impérios ao longo dos séculos. Entre estes povos encontramos os sumérios, responsáveis pela formação, no 4.º milénio a.C., da primeira civilização urbana, tendo Ur, Uruk e Lagash, como principais centros (Fig. 22).

### Actividades económicas

Vimos que os rios Tigre e Eufrates depositavam aluviões que fertilizavam o solo. Tirando vantagem da fertilidade do solo e do árduo labor dos homens que construíam canais e reservatórios para o controlo da água ao longo do ano, os sumérios dedicavam-se à cultura de trigo, cevada, legumes e plantavam ainda árvores de fruto. Entre as árvores de fruto contavam-se as palmeiras, de onde se extraía o vinho e se retiravam fibras para o fabrico de cestos e esteiras. Esta árvore era tão importante que os sumérios lhe chamaram a «árvore da vida». As pastagens disponíveis contribuíram para a criação de gado: bois e burros (animais de tração), cabras, ovelhas e porcos. A agricultura e a criação de gado encontravam-se em verdadeira luta por se afirmarem na Mesopotâmia, como se pode verificar na poesia suméria da época (Documento D). Nos rios e nas zonas pantanosas, que se formavam com as cheias anuais, o peixe era abundante, o que contribuía para o desenvolvimento da pesca.

A própria palavra Mesopotâmia significa «entre rios», expressão usada pela primeira vez no século II a.C., pelo geógrafo grego Políbio, ao referir-se a esta mesma região.

À semelhança do Egipto, a Mesopotâmia comprehende, geograficamente, duas zonas: a Alta e a Baixa Mesopotâmia. E os rios Tigre e Eufrates desempenharam um papel correspondente ao do Nilo no Egipto.

A formação de neve nas montanhas, do Norte, contribuía para aumentar o caudal dos rios numa época de ano (entre Março e Abril). Numa outra época do ano (entre Maio e Setembro), as águas recuavam e deixavam os campos fertilizados devido ao aluvião depositado. Estas condições atraíram mercadores, povos nómadas e guerreiros que, servindo-se das facilidades de acesso causadas pelos vales

## O pastor e o agricultor

Enkimdu, o homem dos canais, dos diques e dos sulcos,  
 O agricultor, que vantagem tem ele sobre mim?  
 Ele que me dê a sua farinha de trigo,  
 Eu dar-lhe-ei em troca, ao agricultor, as minhas ovelhas negras,  
 Ele que me dê a sua farinha branca,  
 E eu dar-lhe-ei em troca as minhas ovelhas brancas,  
 Ele que me dê a sua cerveja de primeira qualidade,  
 E dar-lhe-ei em troca o leite cremoso,  
 Ele que me dê a sua doce cerveja,  
 Eu colocarei diante do agricultor o meu leite talhado,  
 Depois de ter comido, depois de ter bebido,  
 Deixar-lhe-ei o excedente da nata,  
 Dar-lhe-ei o excedente do leite;  
 O agricultor, que vantagem tem pois sobre mim?

Poesia Suméria, III milénio a. n. e.

As cidades produziam tecidos de linho e de lã, jóias em ouro e prata, armas e ferramentas de bronze, cestos e vasos de cerâmica.

Na Mesopotâmia, particularmente na zona baixa, as matérias-primas (madeira, pedra e metais) eram raras. Por isso, desde cedo os sumérios desenvolveram intensas relações comerciais com outras regiões, particularmente a Fenícia e o Egipto, trocando excedentes agrícolas, peças de artesanato e peixe por madeira, cobre, pedras preciosas e escravos. A actividade comercial levou os sumérios a desenvolverem técnicas de navegação, a criarem o sistema de pesos e medidas (com base em cereais e, depois em peças metálicas) e a desenvolverem a escrita cuneiforme (Fig. 23), que permitia o registo de entrada e saída de mercadorias.

A actividade comercial suméria era efectuada de diversas formas: nos rios Tigre e Eufrates utilizavam-se jangadas em madeira, nos desertos circundantes utilizavam-se caravanias de burros e no Golfo Pérsico utilizavam-se barcos à vela de pequenas dimensões.

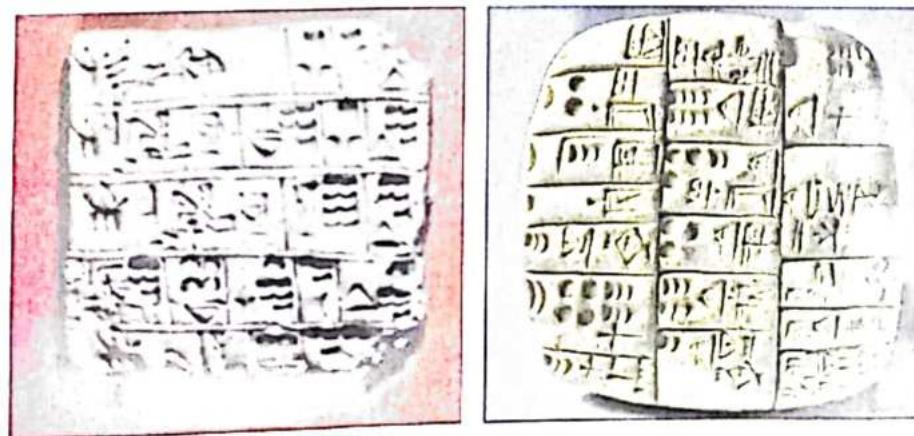


Fig. 23 Placas com exemplos de escrita suméria

## Glossário

**Árduo** – duro, que exige muito sacrifício, muita entrega ou dedicação.

**Labor** – trabalho, actividade

**Factores** – causas, razões

**Prosperidade** – crescimento, afirmação



## Nota explicativa

**Escrita cuneiforme**: escrita constituída por sinais silábicos em forma de cunha. Esta evoluiu da escrita pictográfica, formada por desenhos simplificados de objectos.



## Exercícios de aplicação

1. Identifica aspectos comuns nas condições geográficas do Egipto e da Mesopotâmia.
2. Refere os factores de prosperidade agrícola na Mesopotâmia.
3. A partir do texto (Documento D) representa, num desenho simples mas criativo, sobre as formas de comércio na Suméria.

## O surgimento da diferenciação social

A fertilidade do solo contribuía para o desenvolvimento de actividades como a agricultura e a criação de gado. Nas comunidades rurais surgiram os artesãos, que fabricavam instrumentos de trabalho e armas, e comerciantes, que estabeleceram as trocas entre agricultores e outros produtores.

A fertilidade da terra dependia também do labor dos homens que construíam canais e reservatórios para o melhor aproveitamento da água, ao longo do ano. Este trabalho fez surgir nas comunidades rurais os chefes, que eram responsáveis pela distribuição e execução de tarefas. O aproveitamento das águas e a utilização de instrumentos contribuíram para a produção de excedentes. Estes contribuíram para o desenvolvimento do comércio e do aparecimento de escribas, homens cuja função era fazer o registo da produção.

Os sumérios acreditavam que a produção de excedentes era obra dos deuses. Esta crença fez aparecer um grupo responsável pela comunicação entre os homens e os deuses – os sacerdotes.

Os campos, os celeiros e outros bens da comunidade estavam sujeitos aos assaltos e à pilhagem dos ladrões. Por isso, apareceu um grupo na comunidade, cuja função era a proteção dos bens e a defesa da comunidade – os guerreiros. Estes, os sacerdotes e os chefes não produziam directamente. Para viverem, recebiam contribuições dos produtores (camponeses, artesãos, pastores e pescadores). Esta contribuição, como já vimos, chamava-se tributo. No início, a entrega era voluntária. Mas, ao longo dos tempos, os chefes foram exigindo cada vez mais aos produtores a entrega do tributo, o que fez com que este passasse de voluntário a obrigatório.

Ao receber o tributo, os guerreiros, os sacerdotes e os chefes acumulavam bens materiais e alimentares. Estes passaram assim a constituir o grupo da aristocracia.

Tal como no Egito, na Suméria, os membros da população também se endividavam, quer para a sua subsistência, quer para pagar o tributo. Quando não conseguiam pagar a dívida, tornavam-se escravos dos seus credores, à semelhança dos escravos de guerra.

A especialização da população em diferentes tarefas contribuiu para o surgimento da diferencialização ou estratificação social entre os sumérios (Fig. 24).

O desenvolvimento técnico contribuiu para o aumento da produção e da reorganização dos espaços habitados. Assim, as comunidades rurais foram-se transformando em cidades. Cada uma das cidades passou a ser dirigida por um rei, com o seu exército e os seus deuses. Estas cidades eram designadas cidades-estados.

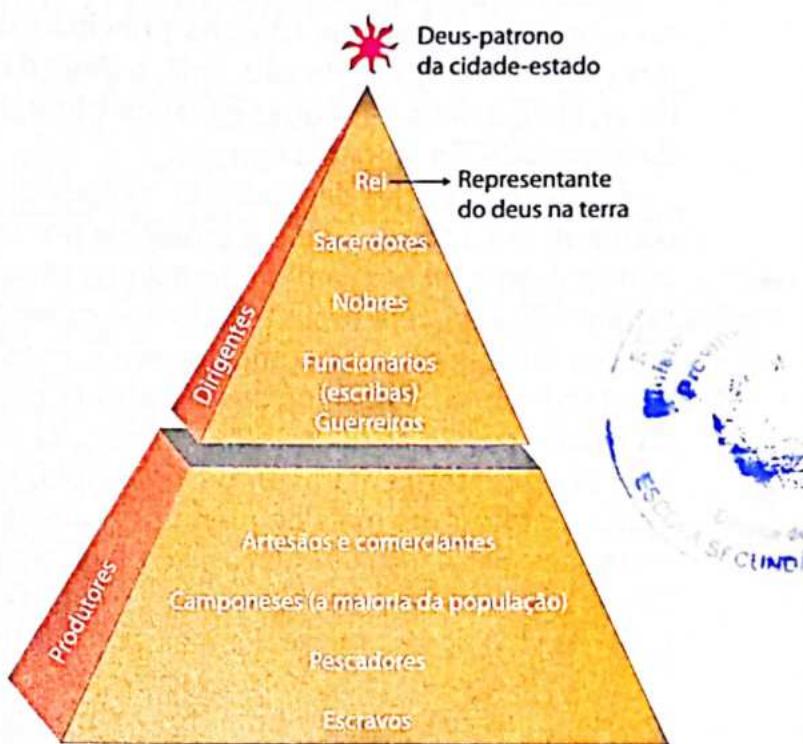


Fig. 24 Representação da estrutura da sociedade Suméria



### Nota explicativa

**Sociedade estratificada:** sociedade dividida em estratos ou camadas sociais. A estratificação social tem as suas origens mais antigas no Neolítico devido à especialização de funções entre os membros dos aldeamentos, a produção de excedente e do tributo.

**Cidade-estado:** era uma cidade que a administração abrangia campos e aldeias à volta. Para além da administração ou governo próprio, a cidade-estado tinha deuses e exército próprios. O centro da vida situava-se no palácio e no templo.



### Curiosidade

**Palmeira-tamareira** – árvore ainda existente e que foi muito útil aos sumérios. Dava tâmaras, fruto comestível e do qual se fazia uma bebida. As folhas, depois de devidamente tratadas, serviam para a produção de vestuário, redes, cestos, esteiras e, juntamente com as canas, serviam para cobrir as casas.



### Exercícios de aplicação

- Identifica grupos produtores e grupos não produtores na sociedade suméria.
- Justifica o aparecimento de artesãos e guerreiros na Suméria.

## A religião

Os sumérios, como aliás quase todos os povos da Antiguidade, eram politeístas. As principais divindades eram Anu, o deus do céu, Enlil, o deus da terra e do ar, Enki, o deus das águas e Inanna-Ishtar, a deusa da fertilidade, do amor e da guerra.

A vida das cidades dependia da vontade das divindades. Assim, cada cidade era protegida por um deus principal, ao qual erguiam um templo no cimo de um zigurate (Fig. 25). Era neste templo que os sacerdotes, em cerimónias próprias, comunicavam com os deuses revelando-lhes os desejos das cidades (a protecção da cidade contra as guerras, as doenças, as pragas e as más colheitas). Para além deste templo, existiam igualmente outros mais pequenos, espalhados pela cidade, onde as pessoas podiam fazer oferendas. Enquanto os egípcios acreditavam na imortalidade da alma e davam muita importância aos túmulos e à conservação do corpo após a morte, os sumérios defendiam uma visão cruel da vida após a morte. Para eles os mortos, independentemente da posição que ocuparam na terra, eram reduzidos à escravidão (Documento E). Esta crença fez com que os túmulos sumérios fossem monumentos de pouca importância comparativamente aos templos, locais onde se pedia não a salvação, mas o gozo de uma vida livre de calamidades, doenças e ataques dos inimigos.

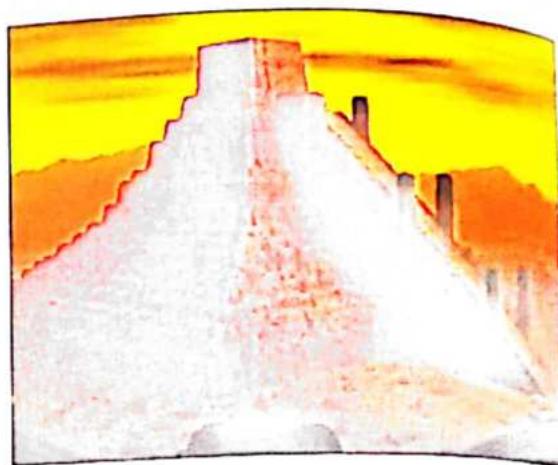


Fig. 25 Zigurate de Choga-Zanbil, edificado no sul da Mesopotâmia.



### Glossário

**Zigurate** – torre em forma de pirâmide, formada por uma série de plataformas sucessivamente menores, no cimo das quais se erguiam templos. Estes templos também tinham a função de observatórios astronómicos.



### Documento E

#### O mundo dos mortos

«Esta é a casa cujos habitantes estão na escuridão; o pó é o seu alimento e a lama a sua carne. Estão vestidos como pássaros cobertos de asas, não vêem luz, estão nas trevas. Eu entrei na casa do pó e vi os reis da terra, com as suas coroas retiradas para sempre; os governadores e os príncipes, todos aqueles que um dia usaram coroas reais e governaram o mundo nos dias antigos.

Aqueles que estiveram no lugar dos deuses, de Anu e Enlil, estavam agora como criados que iam buscar a carne assada à casa do pó, que carregavam a carne cozida e a água fria do

Gilgamesh, O Mundo dos Mortos

## A Babilónia

### Os fundamentos do despotismo e o Código de Hamurabi

O despotismo é uma forma de governação sob a direcção de uma só pessoa e que se baseia no medo dos governados. O chefe máximo (rei ou imperador) é chamado déspota.

Que razões explicam esta forma de governação na Babilónia?

Vimos que a diferenciação social e a produção de riquezas fizera crescer as comunidades rurais e transformando-as em cidades-estados.

Cerca de 2400 a.C., esta organização em cidades-estado entrou em decadência. O rei de Ur, Gudeia, viria a conquistar uma vasta região e a formar o Império Sumério. Seguiram-se, mais tarde, outros impérios, entre eles o império Babilónico.

Durante o primeiro Império Babilónico, destacou-se o rei Hamurabi, que herdou de Sin-Muballit, seu pai, um território bastante limitado. Recorrendo à política de pactos e alianças com os monarcas da sua época (Rim-sin, rei de Larsa, Samsi-Adad I, rei da Assíria e Zimrilim, rei de Mari) e jogando habilmente com o factor rivalidade existente entre eles, Hamurabi conseguiu, ao longo do seu reinado (1728 a.C.-1686 a.C.), conquistar quase toda a Mesopotâmia.

A dominação sobre outras cidades ou outros povos exigia uma maior centralização do poder e o uso da força de forma a reprimir possíveis manifestações de descontentamento. Assim, Hamurabi tornou-se autoridade suprema na recolha de impostos, chefe supremo do exército, supremo da justiça e supremo sacerdote.

Na qualidade de supremo sacerdote, o imperador era visto como representante dos deuses na Terra, fazendo depender o seu poder dos próprios deuses (poder sacralizado), por isso mesmo incontestável.

Foi nesta qualidade de rei déspota que Hamurabi dirigiu uma administração forte que, entre muitas obras, se notabilizou na regulamentação do curso do rio Eufrates, construção e conservação de canais para a irrigação e para a navegação incrementando, assim, a produção agrícola e comercial.

Na tentativa de ganhar a confiança dos povos vencidos e manter assim o seu domínio sobre eles, Hamurabi preocupava-se em reconstruir as suas cidades e ornamentar ricamente os templos dos seus deuses. A preocupação de se apresentar como um rei ou imperador-pai, protector e justo, criando como obrigação moral dos seus sucessores imitá-lo, contribuiu para que Hamurabi instituísse um conjunto de leis que ficaram conhecidas por Código de Hamurabi. No prólogo deste código, Hamurabi proclama o seguinte:

*«Que o homem oprimido, que está implicado num processo, venha diante da minha estátua de rei de justiça, leia, atentamente, a minha estela escrita e ouça as minhas palavras preciosas.»*

Emanuel Bouzon, O Código de Hamurabi, p. 28

Para além desta promoção da imagem do monarca, o código regulamentou, a vida da sociedade (Documento F). Assim, determinava as penas a serem impostas em alguns delitos praticados, regulamentava o direito patrimonial, o direito da família, filiação e heranças, determinava penas para danos corporais, regulamentava os direitos e obrigações de algumas classes profissionais, salários e leis sobre a propriedade de escravos.

Ao morrer, Hamurabi deixou um vasto e rico império. Os seus sucessores lutaram por manter este império. Mas, em 1594 a.C., os hititas invadiram o Império e saquearam-no, acabando assim com dinastia babilónica.



### Documento F

#### Alguns aspectos estipulados no Código de Hamurabi

Aquele que renegasse o seu pai seria marcado com um ferro em brasa, preso e vendido como escravo.

A mulher que renegasse o seu marido seria lançada ao rio e o homem que renegasse a sua esposa teria de pagar 250 gramas de prata.

O arquitecto que fizesse uma casa mal feita, e esta caísse matando o seu dono, seria também morto; se a casa matasse o filho do dono, seria morto o filho do arquitecto.

O homem que cegasse outro teria como pena ficar também cego.



### Nota explicativa

Hamurabi ficou célebre, particularmente, pelo código cuja autoria lhe é atribuída. As leis de justiça expressas neste código têm merecido a designação de « pena de talião» (ou seja, «lei de dente por dente»). A Mesopotâmia contou, porém, com mais monarcas famosos, entre eles Assurbanipal, rei do Império Assírio, responsável pela construção de uma das maiores bibliotecas da Antiguidade. O espólio da biblioteca era constituído por placas de argila, material onde se inscreviam os textos.



### Glossário

**Estela** – peça trabalhada em pedra, estreita e alta, destinada a ter inscrições.

**Pacto** – acordo, contrato entre pessoas

**Delito** – acto considerado punível perante a lei, crime, culpa

**Hábil** – inteligente, astuto

**Reprimir** – esmagar, proibir, castigar.



### Exercícios de aplicação

1. Compara a visão dos sumérios sobre a vida após a morte com a dos egípcios.
2. Hamurabi herdou um império limitado. Como explicas que entre 1728-1686 a.C. o seu Império cobrisse toda a Mesopotâmia.
3. O Código de Hamurabi procurou regulamentar o direito paternal, de família e obrigações profissionais. Contudo, cometeu excessos intoleráveis.
  - Comenta esta afirmação tomando como base o texto «Alguns aspectos estipulados no Código de Hamurabi» (Documento F).
4. Transcreve para o teu caderno diário o extracto dos aspectos do Código de Hamurabi que representam a fraca valorização da mulher e a «lei de dente por dente». Justifica.

# Surgimento e desenvolvimento da sociedade esclavagista na Europa: Grécia e Roma

## Grécia Antiga

### Quadro cronológico

Séculos VIII-VII a.C.	<ul style="list-style-type: none"> <li>776 - Primeiros Jogos Olímpicos</li> <li>750 - Início da colonização grega</li> <li>730 - Composição dos poemas homéricos (<i>Ilíada</i> e <i>Odisseia</i>)</li> <li>621-620 - Drácon elabora um código de leis para Atenas.</li> </ul>
Séculos VI a.C.	<ul style="list-style-type: none"> <li>575 - Início da cunhagem de moeda, em Atenas</li> <li>534 - Primeiros concursos dramáticos (comédia e tragédia) em Atenas</li> <li>508-507 - Reformas democráticas de Clístenes, em Atenas</li> </ul>
Século V a.C.	<ul style="list-style-type: none"> <li>490 - Batalha de Maratona (Atenas vence os Persas)</li> <li>487 - Lei do ostracismo aplicada pela primeira vez</li> <li>480 - Batalha naval de Salamina (Vitória grega sobre os Persas)</li> <li>478-477 - Formação da Liga de Delos, sob a hegemonia de Atenas, com o fim de prosseguir a luta contra os Persas.</li> <li>461 - Início da ação mítica de Péricles</li> <li>458 - Construção das muralhas que ligam Atenas ao porto de Pireu.</li> <li>454 - O tesouro da liga de Delos é transferido para Atenas.</li> <li>452 - Instituição da mistoforia, salário pago a cidadãos gregos que executassem actividades públicas (Péricles).</li> <li>447-38 - Construção do Párténon</li> <li>429 - Morte de Péricles</li> </ul>
Século IV a.C.	<ul style="list-style-type: none"> <li>399 - Morte de Sócrates</li> <li>338 - A Grécia é conquistada pelos Macedónios.</li> <li>336 - Alexandre Magno torna-se rei da Macedónia.</li> <li>323 - Morte de Alexandre Magno</li> <li>315-301 - Divisão do Império de Alexandre Magno</li> </ul>
Séculos III-II a.C.	<ul style="list-style-type: none"> <li>146 - A Grécia torna-se uma província de Roma.</li> </ul>

### Localização geográfica e povoamento

O território grego é aberto ao mar e situa-se no cruzamento de três continentes: África, Ásia e Europa. Esta situação atraiu, desde o 3.º milénio a.C., diferentes povos. Entre estes contavam-se os indo-europeus (hititas, aqueus, dóricos e jónicos), os povos semitas (assírios, acádios, fenícios e hebreus) e ainda povos do Mediterrâneo (sumérios, egípcios e cretenses). Foram estes povos, em particular os indo-europeus, os responsáveis pelo povoamento do território grego e pela fundação de cidades-estados.

Quanto à localização geográfica, a Grécia Antiga, também designada por Hélade, situava-se no sudeste europeu, no extremo sul da Península Balcânica. O território compreendia uma parte continental e outra insular. A primeira era constituída pelo Peloponeso, pela Ática e pela Macedónia.

A segunda era constituída por ilhas que se distribuíam pelo Mar Egeu e Mar Jônico (Fig. 26).

A maior parte do território (80%) era constituída por montanhas cortadas por vales estreitos, algumas planícies, ilhas e costa bastante acidentada. O solo era pouco fértil, tornando a agricultura um trabalho bastante árduo e de fraco rendimento. Na tentativa de encontrar solução, os gregos dedicavam-se à pesca, ao artesanato e ao comércio marítimo. Outros emigravam para o norte de África, sul da Itália, Ásia Menor e outras regiões, onde criavam colónias. Apesar da distância que os separava das suas terras de origem, estes emigrantes continuavam a sentir-se ligados à Hélade, pois partilhavam a mesma língua, os mesmos deuses, enfim, a mesma cultura.



Fig. 26 A Grécia Antiga



### Glossário

**Metrópole** – país que possui colónias, e é considerado mãe-pátria. Por exemplo, Portugal foi Metrópole ou Mãe-Pátria, durante o período colonial e Moçambique e Angola faziam parte do Império colonial.

**Costa acidentada** – que apresenta reentrâncias ou recortes, como por exemplo: penínsulas, cabos, golfos, etc.



### Curiosidade

Na Antiga Grécia, colónia era uma cidade-estado fundada, num novo território, por um grupo de cidadãos (os colonos) vindos de uma outra cidade-estado que era a Metrópole. Assim, a colónia era um estado livre, unido à Metrópole unicamente pelo parentesco, religião e cultura.

Na fase moderna, as colónias passaram a ser territórios dependentes da Metrópole como aconteceu com o nosso país, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor, que eram colónias portuguesas.

Assim, os gregos emigrantes e aqueles que tinham permanecido na Grécia (Metrópole) constituíam o mundo grego (Fig. 27).

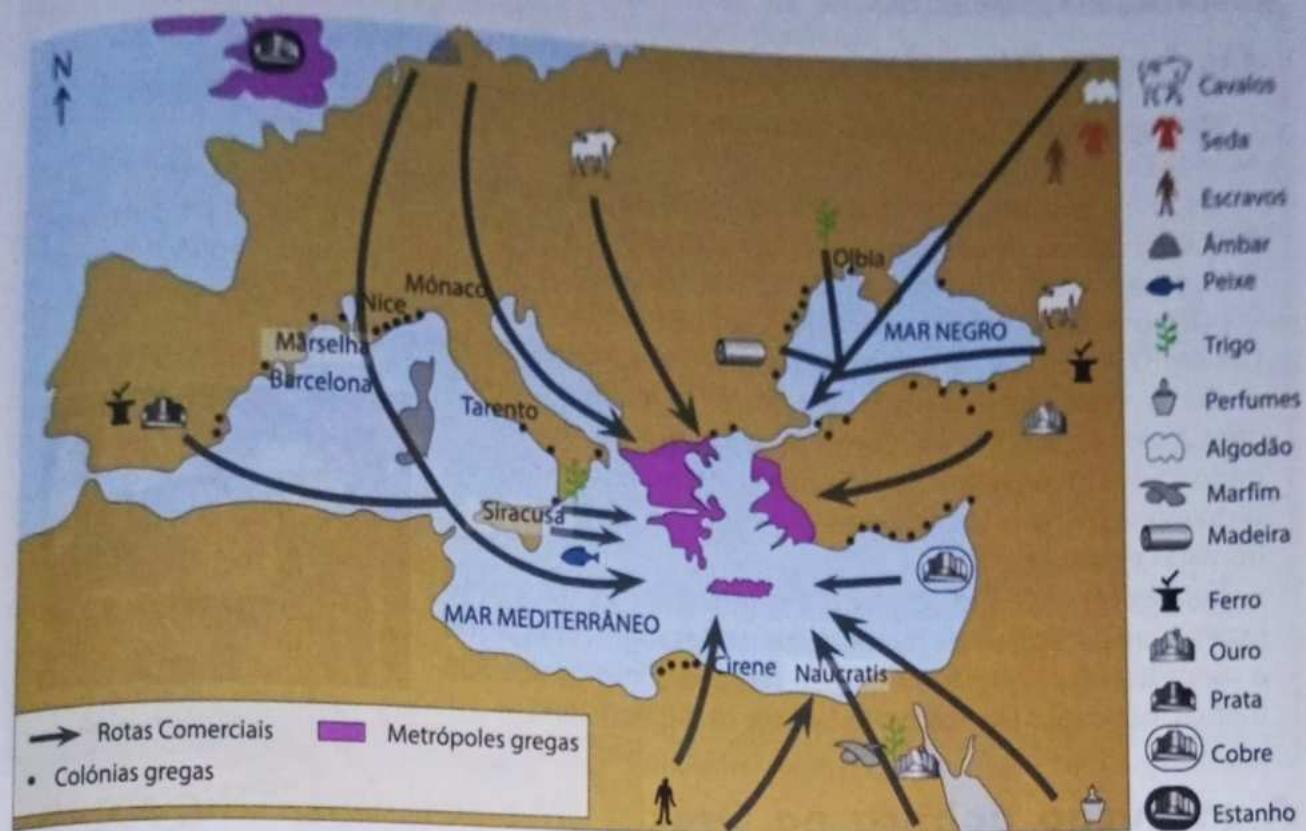


Fig. 27 Representação do mundo grego ou helénico na Antiguidade: a Grécia e as colónias

?

### Exercícios de aplicação

1. Faz corresponder os elementos da coluna A aos da B.

A	B
Ática	Parte continental grega
Creta	Parte insular grega
Solo pouco fértil	Grécia Antiga
Hélade	Diáspora grega
	Pesca/comércio

2. Explica o significado de «costa accidentada».
  3. Relaciona a rivalidade entre grupos populacionais e o relevo com o aparecimento de cidades-estados.
  4. Justifica a formação do mundo Helénico.

## Curiosidade

## Os Jogos Olímpicos

Os Jogos Olímpicos constituíam uma das formas de demonstração da unidade do Mundo Grego ou Helénico.

Os primeiros Jogos Olímpicos decorreram na cidade de Olímpia, na Grécia, em 776 a.C. Pela importância desses jogos, esse ano constituiu a «Era grega» ou o marco de contagem do tempo no calendário grego. Em 393 da nossa era, o imperador romano Teodósio proibiu a realização dos Jogos Olímpicos. Nos tempos modernos, os Jogos Olímpicos foram retomados em 1896 (simbolicamente na Grécia) a partir da ideia de Pierre Coubertin.

Certamente que já ouviste falar destes jogos que reúnem atletas do mundo inteiro. Como podes imaginar, durante o período dos jogos os atletas do mundo inteiro encontram-se, esquecendo-se das suas diferenças religiosas, políticas, económicas e culturais.

Lurdes Mutola (Fig. 28) atleta muito conhecida, como sabes, teve participações memoráveis nestes jogos, chegando a conquistar o prestigiado título de campeã olímpica dos 800 metros, nos Jogos Olímpicos de Sydney (Austrália) 2000.



Fig. 28 Lurdes Mutola

## A evolução política na Grécia (Monarquia, Oligarquia, Tirania e Democracia)

A Grécia era constituída por cidades-estados ou *pólis*. A formação das cidades-estados deveu-se a dois factores principais:

- As rivalidades entre grupos populacionais que povoaram a Grécia. Cada grupo procurava desenvolver-se longe dos outros.
- O relevo do território. A existência de cadeias montanhosas facilitava o isolamento entre os diferentes grupos que já eram rivais.

A Grécia contava com muitas cidades-estados. Entre elas, passamos a mencionar, as seguintes: Mileto, Tebas, Atenas, Corinto, Éfeso e Esparta (Fig. 26).

Das cidades-estados indicadas iremos falar de Atenas.

Situada na península de Ática, no mar Egeu, (Fig. 29) a população ateniense vivia da agricultura, pastorícia, extração mineira, e sobre tudo, do comércio marítimo através do porto do Pireu (Fig. 30). O desenvolvimento destas e outras actividades fizeram com que Atenas se tornasse na cidade-estado mais poderosa económica e militarmente (Figs. 31 e 32).

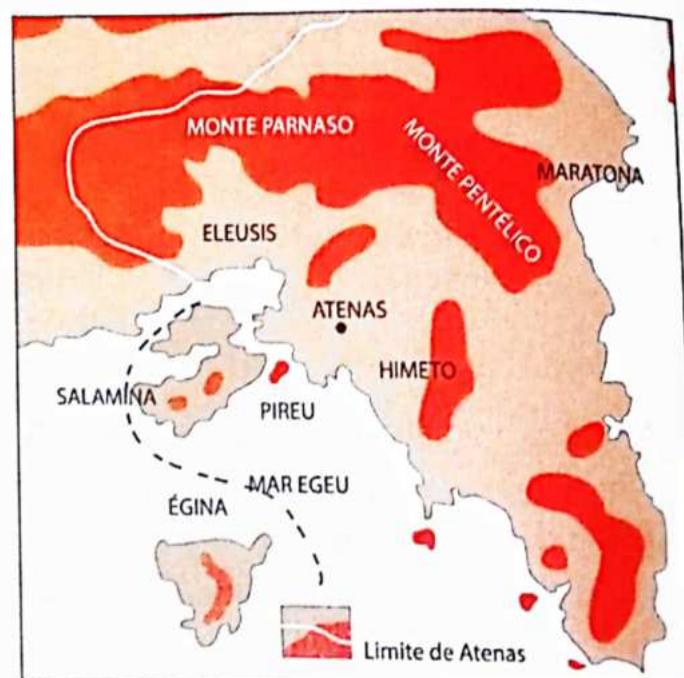


Fig. 29 Atenas: cidade estrategicamente localizada na Península da Ática.

Na área política, Atenas foi a primeira cidade-estado a estabelecer a democracia, um regime político que ainda na actualidade está em construção. Mas, antes deste regime político, Atenas teve outras formas de governação ou regimes políticos.

No séc. VII a.C., Atenas teve como forma de governação a monarquia. Durante este período, verificou-se o enriquecimento de algumas famílias, quer devido à sua aproximação ao poder real, quer por prática de comércio e outras actividades. Os camponeses, pastores, pequenos artesãos e outros que se endividavam e não conseguiam pagar a dívida eram submetidos à escravidão.

O enriquecimento de algumas famílias, em particular os proprietários de terras e de barcos de comércio e pesca, levou ao aparecimento de uma classe rica e com muita influência em Atenas – a aristocracia. Esta classe apoderou-se do poder e criou em meados do século VII a.C. um novo regime político – a oligarquia.



Fig. 30 Porto de Pireu: um dos principais factores da hegemonia política e económica de Atenas



Fig. 31 Moedas de prata atenienses. A cunhagem da moeda era sinal de independência das cidades-estados. Numa das faces, a imagem da Deusa Atena e na outra uma coruja, um dos símbolos de Atenas.

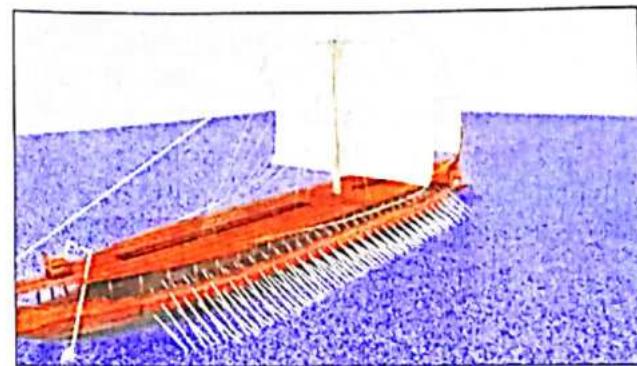


Fig. 32 Representação de trireme. Este barco tinha três filas de remadores que o impulsionavam, podendo assim atingir uma velocidade de 10 km por hora. O esporão abalroava os barcos inimigos, o que o tornava, por isso, bastante temível.

No novo regime político algumas famílias, em particular as de média e pouca riqueza, continuaram a ficar excluídas da participação na governação de Atenas. A submissão à escravatura por dívidas também continuava. Assim, aos atenienses descontentes por submissão à escravatura desde a monarquia, juntavam-se agora às famílias ricas impedidas de participar na governação. Esta situação contribuiu para o aparecimento de um ambiente de tensões sociais e insegurança. Para a resolução desta situação de crise distinguiram-se reformadores ao longo da História de Atenas.

Neste período, importa destacar Sólon. Na sua reforma, ele tomou medidas, tais como:

- Libertação dos atenienses escravizados pela dívida, devolvendo-lhes as propriedades que lhes haviam sido confiscadas.
- Fixação de limite máximo das propriedades a serem adquiridas pelos nobres.

- Ocupação de cargos públicos pelos cidadãos segundo os seus rendimentos.
- Realização de reuniões das assembleias populares para eleição de magistrados, juizes e outras autoridades.

As reformas, como podem concluir, agradaram aos que tinham sido reduzidos à escravidão. Contudo, as mesmas não agradaram aos grandes proprietários que perdiam os escravos que constituíam mão-de-obra barata e perdiam ainda as terras que haviam confiscado. A fixação de limite máximo de propriedade impedia a acumulação de propriedades pela aristocracia e, consequentemente, o seu enriquecimento. Os proprietários de baixos rendimentos não ficaram igualmente satisfeitos com as reformas, pois não podiam ocupar altos cargos. Esta situação fez com que o descontentamento e as tensões sociais durante o período da oligarquia continuassem.

Foi neste novo ambiente de tensões que no século V a.C. (560 a.C.) um outro reformador, Pisístrato, apoiado pelas massas populares usurpou o poder e instaurou um novo regime político - a tirania.

Governando em nome do povo, Pisístrato concentrou os poderes nas suas mãos. Para ter cada vez mais apoio do povo, tomou as seguintes medidas:

- Distribuiu pelos camponeses as terras que tinham sido confiscadas aos nobres.
- Reduziu os privilégios da nobreza.
- Promoveu o desenvolvimento urbano, cultural e artístico.

Em 508 a.C., Pisístrato foi substituído por Clístenes. Este deu continuidade as reformas do seu antecessor. Para o efeito, tomou as seguintes medidas:

- Dividiu Atenas em 100 demos, agrupados em 10 tribos. Assim, cada tribo tinha os seus eleitores, independentemente da riqueza desta.
- Decretou a igualdade de direitos políticos para todos.
- Estabeleceu o ostracismo, ou seja, a expulsão dos cidadãos que se lhe opunham activamente, durante dez anos. Com esta medida, Clístenes procurava eliminar todos quantos tentassem derrubar o seu governo.
- Decretou a exclusão da participação de estrangeiros (metecos) e das mulheres na vida política.

As reformas de Clístenes conduziram Atenas à democracia (governo exercido pelo povo), regime político de que passamos a falar.

## As características da democracia ateniense

As reformas de Clístenes lançaram as bases da democracia ateniense. No século V a.C. (495-429 a.C.) Péricles governou Atenas. Por ter realizado uma obra muito importante, na consolidação da democracia e no desenvolvimento económico, aquele século ficou conhecido por «século de Péricles», (Fig 33 e Documento G).

Para permitir a participação de todos os cidadãos atenienses (incluindo os pobres) na vida política, Péricles instituiu a mistoforia (uma remuneração pelo exercício de cargos públicos).

Durante a sua governação funcionaram diferentes instituições democráticas (Fig. 34). Estas instituições eram assim designadas, pois o seu funcionamento era independente, os seus membros eram escolhidos à sorte e tinham um mandato por um tempo limitado (um ano).

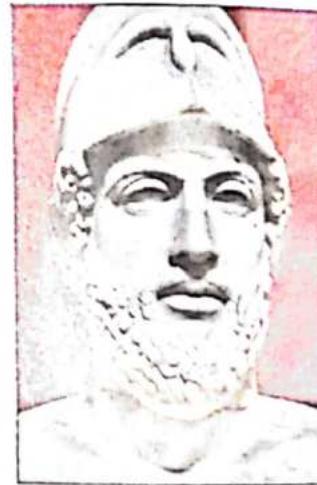


Fig. 33 Péricles

## Documento G

## A democracia ateniense

O nosso regime político constitui modelo e exemplo para as cidades vizinhas. O nome desse regime é democracia, porque procura satisfazer o maior número de pessoas e não apenas uma minoria. As nossas leis concedem os mesmos direitos a todos os cidadãos (...). Só o valor de cada um conta para a atribuição de distinções e de honras, valendo mais o mérito do que a fortuna. Tanto na vida pública como em relação à vida privada, somos tolerantes, mas mantemo-nos fiéis aos magistrados e às leis, sobretudo àquelas que nos protegem contra a injustiça. Numa palavra, a nossa cidade é um exemplo para a Grécia.

Discurso de Péricles, segundo Tucídides, em *História da Guerra no Peloponeso* – adaptado

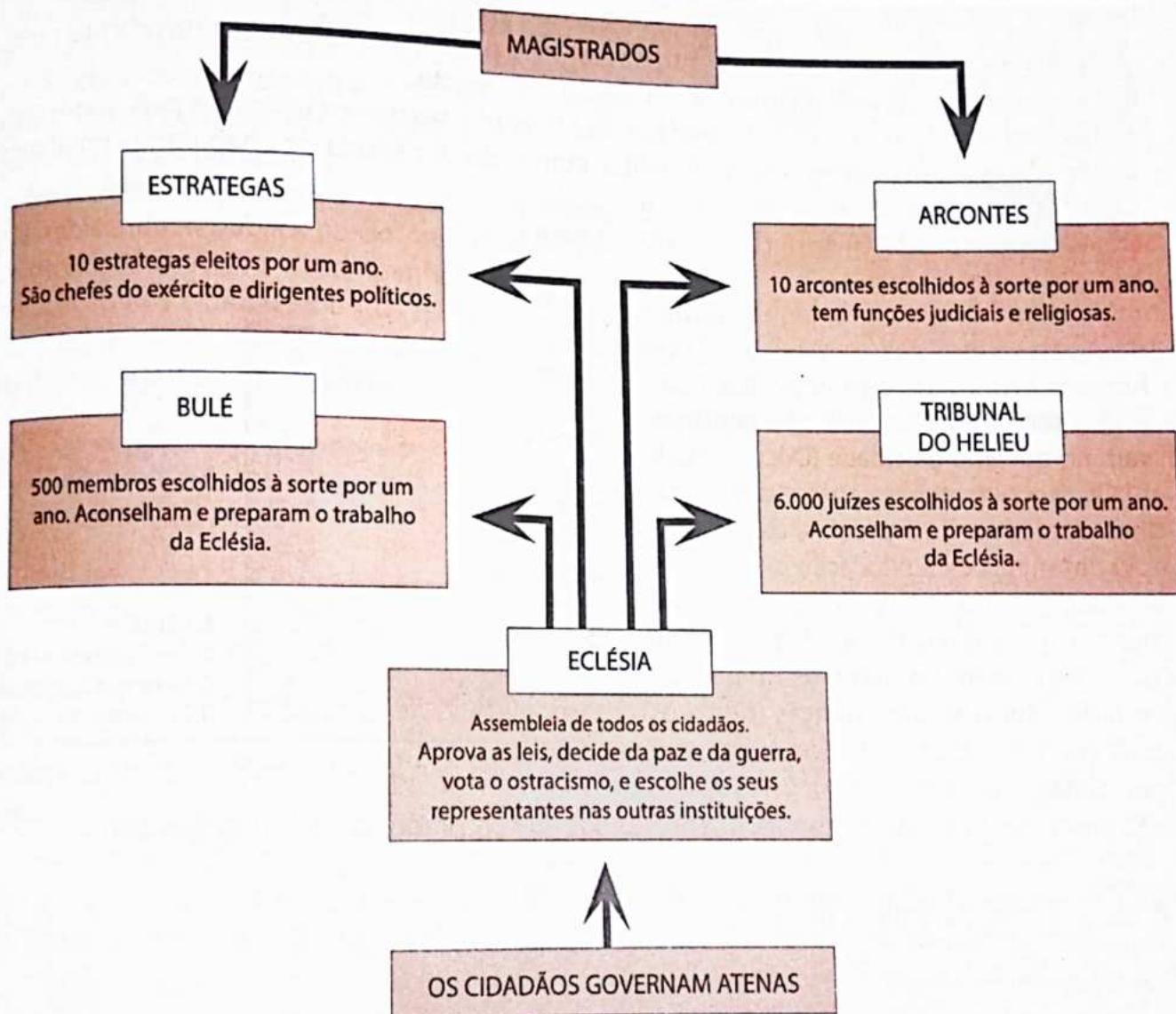


Fig. 34 Os órgãos do poder político na democracia de Atenas

Mas, de todas as instituições, a principal era a Eclésia ou Assembleia do Povo, pois nela participavam todos os cidadãos para aprovar as leis da cidade, decidir sobre a paz ou a guerra e escolher os seus representantes nas outras instituições (Documento H).



## Documento H

## O cidadão

O cidadão tem a satisfação de poder contribuir para a resolução dos assuntos públicos como membro da assembleia popular, como juiz ou como membro do governo. Em tempo de guerra, ele pega nas suas armas e torna-se um soldado, para defender os seus familiares, a sua casa e as suas culturas.

Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* – adaptado



Fig. 35 Cidadão ateniense na defesa da soberania

Por todos os cidadãos terem assento na Eclésia e participarem nos trabalhos daquela instituição, a democracia ateniense era uma democracia directa.

Naquela época eram apenas cidadãos os filhos (do sexo masculino) de pais atenienses, maiores de 18 anos e com o serviço militar cumprido. A maioria dos habitantes (mulheres, metecos e escravos) não tinham direito a cidadania e, por isso, não participavam na vida política (Fig. 36).

Os metecos eram estrangeiros atraídos pelas riquezas de Atenas. Eram homens livres, pagavam impostos, cumpriam serviço militar, mas não participavam no governo da cidade (Documento I).

Os escravos ocupavam-se dos trabalhos domésticos e agrícolas, da exploração das minas e da educação de crianças. As condições de trabalho na agricultura e, principalmente nas minas (Fig. 37) eram bastante difíceis. Os escravos que cuidavam da educação das crianças (pedagogos) eram muito acarinhados pelos seus donos. De uma forma geral, os escravos não eram maltratados, mas podiam ser vendidos ou comprados como quaisquer bens.

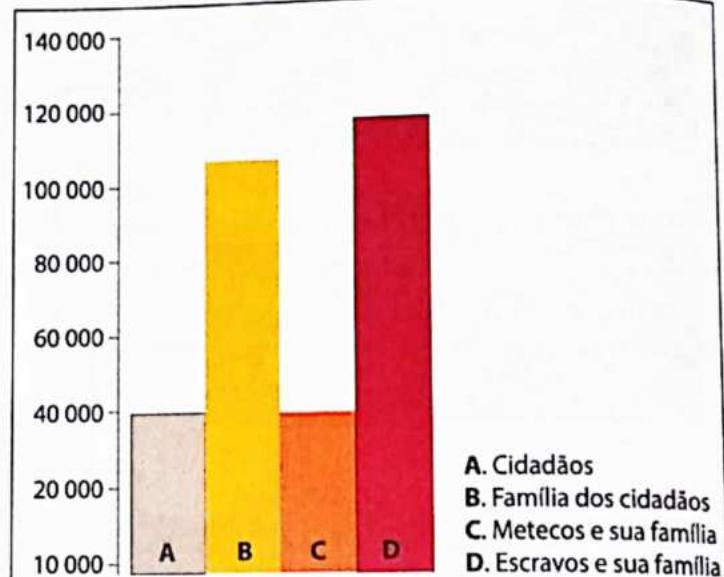


Fig. 36 Composição da sociedade ateniense



## Documento I

## Os metecos

Nós devemos interessar-nos pelos metecos (estrangeiros) porque eles são a nossa principal fonte de rendimento; na verdade, eles alimentam-se a si próprios, não recebem nenhum salário da cidade e ainda pagam a taxa de residência.

Xenofonte, *Económico*

Para aquela época (século V a.C.), a prática de escravatura era até apoiada por grandes pensadores como Aristóteles (Documento J) e o modelo de democracia em que estes bem como as mulheres, eram impedidos de participar na vida política, era um modelo de governo bastante avançado.

Mas, quando comparada com a democracia actual, a prática de escravatura, a exclusão da mulher e de todos os estrangeiros da vida política são situações antidemocráticas. Para a actualidade é igualmente situação antidemocrática a prática do imperialismo que se verifica em Atenas através, por exemplo, da Liga de Delos e do ostracismo.

Na democracia actual, o conceito de cidadão é diferente daquela época. Assim, de um modo geral são considerados cidadãos, com direitos políticos, todos os maiores de 18 anos (homens e mulheres). Os estrangeiros, por exemplo, podem adquirir o direito à cidadania e participar na vida política do país.

O constante crescimento do número de cidadãos com direito a participar na vida política faz com que o funcionamento da democracia actual seja diferente da democracia ateniense. Enquanto a democracia ateniense era directa, a democracia actual é indirecta ou representativa, pois os cidadãos elegem os seus representantes (deputados e governantes).

No nosso país, por exemplo, os deputados da Assembleia da República ou do município são eleitos pelos cidadãos. Assim, desempenham as funções por delegação dos cidadãos ou dos eleitores. Por isso se diz que eles são os representantes do povo e o edifício da Assembleia é a «Casa do Povo».



Fig. 37 Escravos trabalhando numa mina.



### Documento J

#### Aristóteles defende a escravidão

Alguns consideram que o poder do senhor não tem qualquer fundamento natural e pretendem que a Natureza nos criou a todos livres, que a escravidão apenas foi introduzida pela lei do mais forte e que é injusta em si mesma, sendo apenas o resultado da violência.

Do ponto de vista económico, eu observo que é impossível viver confortavelmente, ou simplesmente viver, se não se dispuser do necessário. Ora, visto que nenhuma actividade com um objectivo preciso e determinado se pode realizar sem utensílios, eles são necessários para que a economia atinja o seu fim.

Há duas espécies de instrumentos: uns inanimados e outros animados. É assim que, para a navegação, o leme é um instrumento inanimado e o piloto o instrumento animado. Em todos os ofícios, o operário é uma variedade de instrumento.

Se cada instrumento pudesse executar por ele próprio a vontade ou o pensamento do senhor, se o tear trabalhasse por si mesmo, se o arco pudesse sozinho fazer vibrar as cordas de uma cítara, os arquitectos não teriam mais necessidade de operários, nem os senhores de escravos estimados pelos seus donos.

Aristóteles, *Política*



## Glossário

**Democracia** – (do grego *demos* = povo e *cracia* = governo – governo do povo). Sistema de governo inventado pelos gregos, em que a autoridade pertencia ao povo, que sorteava ou elegia os seus governantes.

**Liga** – associação de um grupo para uma actividade determinada. Exemplo: a Liga moçambicana de futebol que é a associação de clubes de futebol que trabalham para que a sua actividade tenha bons resultados.

**Liga de Delos** – era uma associação das cidades-gregas atenienses para se defenderem dos ataques exteriores, em particular dos persas. Formou-se em 478 a.C. e tinha a sua sede e o seu tesouro na ilha de Delos, situada no mar Egeu. Atenas utilizou os bens da Liga em benefício próprio.

**Mistoforia** – pagamento que se fazia aos cidadãos atenienses que serviam à administração pública. Este permitia que os cidadãos mais pobres participassem na deliberação sobre assuntos correntes da cidade.

**Monarquia** – forma de governação em que a autoridade máxima é o rei ou monarca e o poder é hereditário, isto é, passa de pai para filho. A monarquia pode ser absoluta, quando todos os poderes se concentram nas mãos do rei, ou constitucional, quando o rei tem poderes limitados, prevalecendo as leis da Constituição.

**Oligarquia** – forma de governo em que o poder pertence a poucas pessoas, por exemplo, a famílias ricas e poderosas.

**Tirania** – forma de governo em que o poder é conferido a um ditador por escolha e apoio popular, para realizar reformas, quebrar o poderio excessivo dos nobres ou dos ricos. Forma de governo em que o soberano não respeita as liberdade individual.



## Exercícios de aplicação

1. Refere a importância que a mistoforia teve para a democracia grega.
2. Identifica, em duas instituições políticas atenienses à tua escolha, aspectos democráticos no seu funcionamento. Justifica a tua escolha.
3. Aristóteles (Documento J) apresenta uma justificação para a existência de escravos. Concordas com o pensamento do autor? Justifica.
4. Num pequeno texto, compara a democracia ateniense com a democracia actual.
5. Assinala com V as afirmações verdadeiras e com F as falsas. Reescreve as falsas, tornando-as em verdadeiras.
  - a) A escravatura por dívidas era uma fonte de enriquecimento da aristocracia ateniense.
  - b) Multidões acotovelavam-se para ver Pisistrato passar.
  - c) A democracia foi o primeiro regime político ateniense.
  - d) A aristocracia ateniense podia manifestar tolerância em relação à governação de Pisistrato mas nunca a de Sólon.
  - e) As reformas de Clístenes levaram o estabelecimento de regime oligárquico em Atenas.
  - f) O ostracismo foi uma das formas encontradas por Clístenes para manter o poder nas suas mãos.

## A tua contribuição na construção da Democracia e Cultura de Paz em Moçambique

Democracia significa poder do povo, poder da maioria.

Nas eleições gerais, por exemplo, os moçambicanos organizados em partidos elegem candidatos da sua preferência para a governação do país (Fig. 38).



Fig. 38 Exemplos do exercício democrático no nosso país

O candidato mais votado é aquele que passa a dirigir o país. Os candidatos menos votados e respectivos apoiantes devem aceitar os resultados da votação, o que nem sempre é fácil. Por isso, dá-se muita importância a acções de formação cívica que são responsáveis por desenvolver nas pessoas o espírito de tolerância.

Como podes ver, sem tolerância as pessoas podem entrar em conflito pondo em perigo a democracia e o desenvolvimento do próprio país.

Daqui podes concluir que democracia também significa tolerância, respeito pela opinião dos outros. Em outras palavras, sem tolerância ou respeito pela opinião dos outros não há paz e, por isso, não há democracia.

A democracia e a tolerância, não são apenas tarefas daqueles que são maiores de dezoito anos ou daqueles que têm direito de voto. Na tua escola, por exemplo, tu também podes participar na construção da democracia e cultura de paz.

Aqui tens alguns exemplos:

- Um candidato à chefia da tua turma não apoiado por ti ganhou as eleições. Perante esta situação, tu aceitas o chefe da turma e convences os outros colegas que igualmente não apoiavam aquele candidato a fazer o mesmo.
- Como candidato a chefe da tua turma tu venceste as eleições. Sabes, muito bem, que nem todos os colegas foram teus apoiantes. A partir da tua vitória, passas a ser chefe de todos e não apenas daqueles que te apoiaram.

- Na tua turma, ou na tua escola, podes ter colegas que são adeptos de uma equipa diferente da tua. Também podes ter colegas que praticam uma religião diferente da tua. Mesmo com estas diferenças tu continuas a conviver com estes colegas e a respeitar a opção de cada um.

## Roma Antiga

### Quadro cronológico

		Monarquia
Séculos VIII-VI a.C.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• 753 – Fundação de Roma</li> <li>• 753-715 – Rómulo (primeiro rei)</li> <li>• 534-509 – Tarquínio (último rei) – queda da monarquia; início da República.</li> </ul>
Séculos III-II a.C.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• 264-241 – Primeira Guerra Púnica contra Cartago</li> <li>• 218-201 – Segunda Guerra Púnica</li> <li>• 206 – A Península Ibérica torna-se província romana.</li> <li>• 194-138 – Confrontos entre romanos e lusitanos</li> <li>• 149-146 – Terceira Guerra Púnica; destruição de Cartago</li> </ul>
Século I a.C.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• 49 – Júlio César conquista a Gália.</li> <li>• 44 – Júlio César é assassinado.</li> <li>• 27 – Queda da República; início do Império; Octávio recebe o título de «Augusto».</li> <li>• 27 a.C.-14 d.C. – Octávio César Augusto (1.º Imperador)</li> </ul>
Século I d.C.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• 54-68 – Nero (imperador)</li> <li>• 64 – Grande incêndio de Roma</li> <li>• 70 – Destrução de Jerusalém por Tito</li> <li>• 67-79 – Vespasiano (imperador)</li> <li>• 75-825 – Construção do Coliseu</li> <li>• 79 – Erupção do Vesúvio (destruição de Pompeia)</li> <li>• 98-117 – Trajano (imperador)</li> </ul>
Século II d.C.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• 104 – Conclusão da ponte romana de Chaves</li> <li>• 117 – O Império Romano atinge a sua máxima extensão (conquistas de Trajano).</li> <li>• 117-138 – Adriano (imperador)</li> </ul>
Século III d.C.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• 212 – Cidadania romana para todos os habitantes livres do Império (Édito de Caracala)</li> </ul>
Século IV d.C.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• 313 – Édito de Milão</li> <li>• 330 – Transferência da capital do Império Romano para Constantinopla</li> <li>• 395 – Divisão do Império: Império Romano do Ocidente, com capital em Roma, e Império Romano do Oriente (ou Bizantino), com capital em Constantinopla.</li> <li>• 476 – Fim do Império Romano do Ocidente (o do Oriente só terminará em 1453 -século XV).</li> </ul>

## Localização geográfica e povoamento

Roma localiza-se na península Itálica. Esta divide-se em quatro regiões: A região de montanhas e entrecortada de rios. A região da planície do rio Tíber. A região do litoral dos mares Adriático e Tirreno e finalmente a região dos montes Apeninos.

Comparativamente ao solo grego, o terreno romano era mais fértil, contribuindo, assim, para a prática da agricultura. Os montes Apeninos eram ricos em minérios (chumbo, estanho e ferro).

Os rios navegáveis, entre eles o Tíber e o Mar Mediterrâneo, constituíram meios de comunicação, incentivando a construção naval, o comércio e a pesca. Do mar podia-se extrair o sal, que contribuía igualmente para incentivar as trocas comerciais.

Todas estas condições e o cruzamento de três continentes (África, Europa e Ásia) à semelhança da Grécia contribuíram para o afluxo e fixação de diferentes povos à Roma até ao século VIII a.C. Entre estes, encontravam-se os Lígures, os etruscos, os latinos, os sabinos, os volscos, os sículos, os gregos e os cartagineses (Fig. 39).

Segundo a lenda, Roma foi fundada por Rómulo e Remo (Fig. 40 e Documento P). Mas, segundo vestígios arqueológicos Roma foi fundada por latinos no século VIII a.C. (753 a.C.) na região do Lácio. Nesta altura, Roma era constituída por aldeias.

Cada aldeia tinha um conjunto de famílias, dirigidas por um chefe. Estes chefes constituíam uma Assembleia ou um Comício. Também a nível das aldeias existia o conselho de idosos, chamado Senado. A dirigir todas as aldeias encontrava-se um rei que detinha o poder político, religioso e judicial. Mesmo com estes poderes, o rei contava com a colaboração dos conselhos das aldeias (Comício e Senado).

Mas, em 509 a.C. a monarquia foi substituída por República.

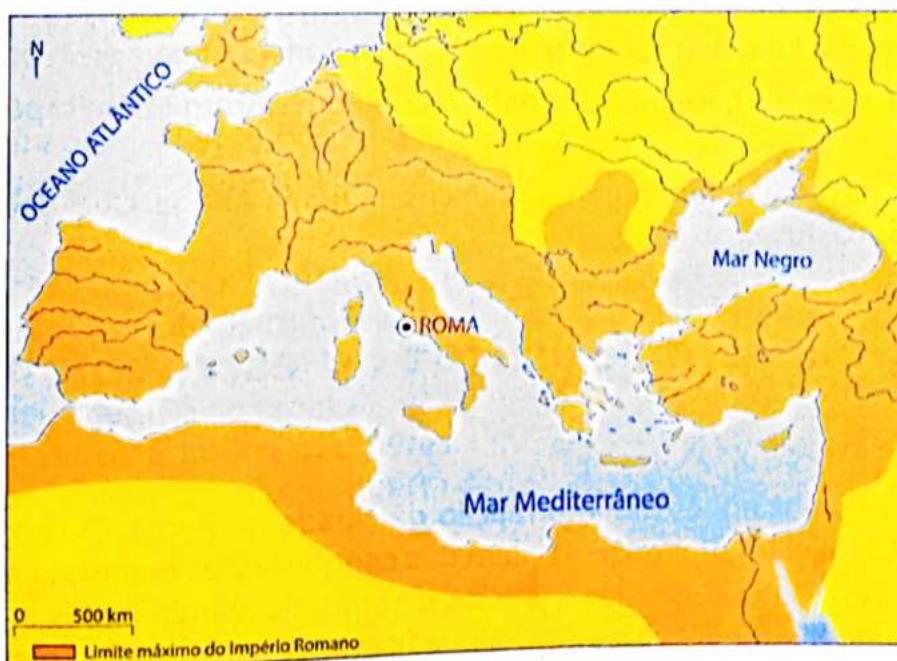


Fig. 39 Roma: devido à sua localização e à riqueza do solo e subsolo, o território atraiu diferentes povos da Antiguidade.

## Documento L

## Mito da fundação de Roma

Dois irmãos gémeos, Rómulo e Remo, filhos de uma princesa e do deus da guerra, foram abandonados perto do Tíber. Cresceram amamentados por uma loba e foram depois criados por um pastor. Decidiram fundar uma cidade com alguns companheiros. Depois de uma disputa, Remo morreu e Rómulo fundou a cidade que tomaria o seu nome: Roma.

Depois de um reinado glorioso, Rómulo um dia desapareceu para tomar lugar entre os deuses.



Fig. 40 A loba alimenta os gémeos Rómulo e Remo, fundadores de Roma, segundo a lenda.

Contrariamente à monarquia, regime em que o rei detinha o poder político, judicial e religioso, na República Romana o poder do rei era exercido por dois cônsules, eleitos anualmente.

O Senado constituído por patrícios e os Comícios pela plebe eram os principais órgãos políticos.

O Senado detinha mais poderes, quando comparado aos Comícios da plebe. Por isso, ao longo da República, plebeus e patrícios estiveram sempre em confronto.



## Exercícios de aplicação

1. A fundação de Roma é apresentada em duas versões. Com qual das duas concordas? Justifica.
2. Refere as causas das lutas entre patrícios e plebeus na Roma Antiga.
3. Relaciona as condições geográficas e naturais de Roma Antiga com o povoamento da mesma.
4. Monarquia e República foram regimes políticos na Roma Antiga. Qual deles se mostrou mais democrático. Justifica.

## A origem e as características da escravatura em Roma

A escravatura era praticada desde a formação da cidade de Roma. Com as conquistas, o número de escravos foi aumentando. Para além das conquistas, os escravos eram obtidos em mercados especializados ou capturados em actos de pirataria marítima. Uns eram igualmente submetidos à escravatura por dívidas, outros ainda ficavam escravos por crimes cometidos ou pelo facto de terem sido acusados de os cometer. Existiam, também, escravos simplesmente por serem filhos ou netos de escravos. Finalmente, haviam indivíduos que estando em dificuldades económicas ofereciam-se a um Senhor, transformando-se deste modo em escravos.

Os escravos trabalhavam em diferentes actividades: agricultura, criação de gado, minas, obras públicas (estradas, pontes e aquedutos) e ainda em lides domésticas.

Ainda existiam os escravos gladiadores e pedagogos. Os gladiadores eram selecionados entre os homens corpulentos e fortes para frequentarem escolas especiais, onde eram tratados como prisioneiros. Eram obrigados a lutar entre si, até à morte, ou contra feras na arena de um circo (Fig. 41). Os pedagogos eram escravos geralmente de origem grega e o seu trabalho era cuidar da educação dos filhos dos romanos ricos.

Como podes ver, o desenvolvimento do Império romano deveu-se principalmente ao trabalho dos escravos. Por isso, a sociedade de Roma Antiga, à semelhança da Grécia Antiga foi uma sociedade esclavagista.

Com o fim das conquistas o número de escravos foi diminuindo.

A diminuição de escravos devia-se também à sua libertação. Os escravos que adquiriam a liberdade eram conhecidos por libertos. De uma forma geral, o peso da escravatura perseguia os libertos impedindo-os de subir na hierarquia social.

Para além de terem contribuído no desenvolvimento do Império, os escravos contribuíram, igualmente, para o gosto pela vida de luxo e ociosidade dos seus donos. Por outro lado, a escravatura e as conquistas contribuíram para a organização da sociedade em homens livres e não livres (Fig. 42). No topo da pirâmide encontrava-se o **imperador** e a **família**.

Dentro dos homens livres, destacavam-se as seguintes ordens:

**Ordem senatorial** – era formada pela aristocracia de nascimento e pelos seus membros ocupavam cargos políticos, militares e religiosos. Era difícil pertencer a esta ordem.

**Ordem equestre** – era formada por homens ricos ou de muita influência no exército. Neste os seus membros serviam de cavalo. Era uma ordem onde poderíamos encontrar pessoas de diferentes origens sociais.

**Plebe** – era constituída por pequenos proprietários, artesãos, pequenos comerciantes e outros. A plebe podia ser urbana (que vivia na cidade) e rural (que vivia no campo).

**Escravos** eram os homens não livres. Segundo já nos referimos, quando libertados pelos seus senhores, eram chamados libertos.

Comparando Roma com a Grécia, pode-se dizer que os escravos na Roma Antiga estavam mais sujeitos aos maus tratos. Por isso, as revoltas dos escravos em Roma eram frequentes. Entre as revoltas, destacou-se a revolta de Espártaco (Documento M).



Fig. 41 Os gladiadores eram sobretudo escravos.

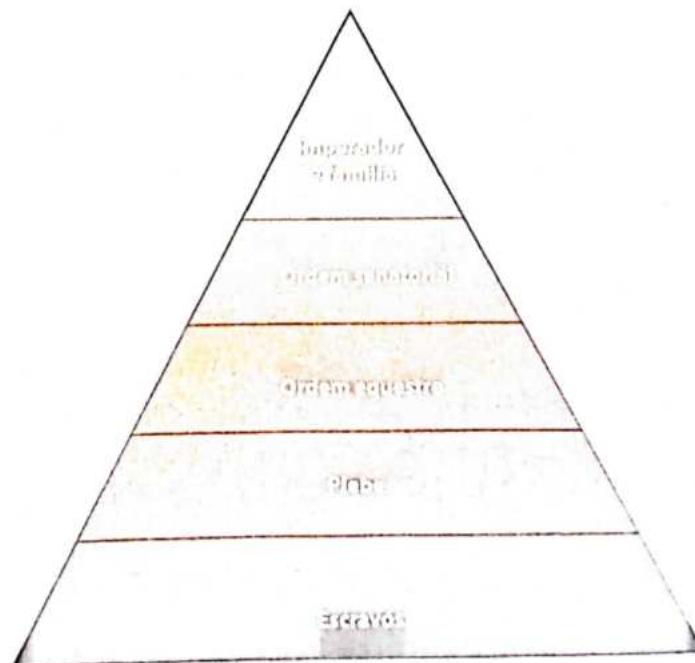


Fig. 42 A sociedade de ordens na Roma Antiga

## Documento M

## A sublevação de Espártaco

Enquanto se desenrolava a guerra em Espanha, no interior da Itália iniciou-se um novo movimento dos escravos. Na direcção desse movimento estava o célebre Espártaco, escravo originário da Trácia. Era gladiador na cidade de Cápua e, para divertir o público, devia lutar no circo com outros gladiadores. A vida dos gladiadores de Cápua era muito difícil, e por isso, o descontentamento era particularmente grande nessa cidade.

Na escola de gladiadores de Cápua, 2000 escravos dirigidos por Espártaco organizaram uma conspiração. Resolveram promover uma sublevação e libertar os escravos. A revolta estalou no momento em que as forças romanas estavam ocupadas no Ocidente (com a guerra na Hispânia) e no Oriente (com as guerras contra Mitríades).

A conspiração, porém, foi descoberta. Espártaco e seus partidários fugiram para o monte Vesúvio. De todas as partes uniam-se a Espártaco escravos e pobres livres. Foi enviado contra Espártaco um grande destacamento. As tropas romanas sitiaram os escravos e ocuparam o único caminho que levava até Vesúvio. Porém, Espártaco demonstrou então uma grande imaginação e salvou as suas tropas. Por sua ordem, os gladiadores cortaram varas de videiras, trançaram-nas à maneira de cordas grossas, e desceram com elas pelas encostas do monte, cortadas a pique, e atacaram os romanos pela retaguarda. O destacamento romano fugiu, abandonando aos escravos todo o equipamento.

Nos ataques posteriores contra os escravos (ano 73 a.C.) também não tiveram êxito. Espártaco, cujas tropas iam sempre aumentando, derrotou o exército romano.

A situação de Roma era difícil. Espártaco fazia-se cada vez mais forte e temível. Ninguém se atrevia a assumir o comando do exército e a atacar o chefe dos escravos. Por fim, aceitou fazê-lo o poderoso romano Marco Crasso...

## Divergências no campo de Espártaco

... Surgiram então entre as forças espartaquistas diferentes opiniões. Os escravos encabeçados por Espártaco queriam sair de Itália, onde estavam escravizados, e regressar às suas casas. Por seu lado, os camponeses que participavam no exército de Espártaco não queriam sair de Itália, queriam lutar pela terra e pelos seus direitos dentro do país. Do lado dos camponeses estava um pequeno número de escravos provenientes das tribos germânicas que já se tinham habituado havia muito tempo a viver na Itália.

Os escravos também não estavam de acordo entre si. Além disso, Roma ainda era forte. O resultado de tudo isso foi que durante uma grande batalha que teve lugar na Primavera do ano 71 a.C., os espartaquistas não aguentaram o ataque do exército romano, bem armado e repousado, e foram derrotados. Espártaco lutou heroicamente até ao fim. Introduziu-se no meio do exército romano; ferido nas pernas, caiu de joelhos e continuou a lutar até que foi feito em pedaços. Nem sequer foi possível encontrar o seu corpo.

Seis mil escravos prisioneiros foram crucificados ao longo da estrada de Cápua para Roma. Porém, os restos do exército de Espártaco fugiram para o Sul e continuaram a lutar durante muito tempo contra as legiões romanas.

O valor de Espártaco assombrou até os Romanos, que disseram que «o chefe dos escravos morreu como um grande general». Espártaco passou à História como um lutador heróico contra os opressores.

## A formação do Império Romano

Ainda na época da República, Roma conquistou e dominou progressivamente a península Itálica. A partir do século II a.C., Roma lançou-se à conquista do Mediterrâneo Ocidental atraída pela riqueza de Cartago (actual Tunísia), antiga colônia fenícia e senhora do comércio do Mediterrâneo.

A conquista de Cartago foi prolongada e teve três fases conhecidas por Guerras Púnicas. A guerra, terminou com a vitória romana e a destruição de Cartago.

A vitória romana foi graças ao poderio militar do exército que era numeroso, disciplinado e eficaz. As vias de comunicação que permitiam a circulação do exército e de material de guerra contribuíram igualmente para aquela vitória.

Após a tomada de Cartago, Roma passou à conquista de vastos territórios em redor do Mediterrâneo (a Sicília, a Córsega, parte do Norte de África, da Península Ibérica e da Gália). A estas conquistas, Roma juntou as conquistas do Mediterrâneo Oriental (a Macedónia, a Grécia, a Ásia Menor, a Síria e a Judeia (Palestina).

O domínio de toda a bacia do Mediterrâneo fez com que os próprios romanos passassem a designar o Mediterrâneo *mare nostrum*, expressão que quer dizer «nossa mar».

O crescimento territorial de Roma e as lutas internas (manifestações plebeias e revoltas dos escravos) punham em perigo a República. Foi no ambiente de incapacidade da república manter a ordem que Octávio César (Fig. 43), afastou os seus rivais e concentrou todos os poderes nas suas mãos (Documento N).

Assim, Octávio inaugurou, no século I a.C. (27 a.C.) a era imperial com o título de Augusto. Terminava assim a República.



Fig. 43 Estátua representando Octávio César Augusto, primeiro imperador de Roma (27 a.C.-14 d.C.).



### Documento N

#### Os poderes do Imperador

Para darem a aparência de que o seu poder não provém da sua própria vontade, mas sim das leis, os imperadores fazem-se nomear magistrados, exercendo, deste modo, cargos que, no tempo da República, dependiam da eleição popular (...). Graças aos títulos que assim obtêm, procedem ao recrutamento de tropas, cobram impostos, declaram a guerra e fazem a paz, governam Roma, a Itália e as províncias, e podem até condenar à morte senadores e cavaleiros. Deste modo, o Imperador dispõe de poderes que, outrora, pertenceram aos cônsules e aos outros magistrados.

O poder tribunício confere aos imperadores o direito de romper as decisões tomadas por um magistrado quando as desaprovam, o de não serem ultrajados, e, se porventura se julgarem ofendidos (...) por actos ou por palavras, o de fazer parecer, sem julgamento, o autor com um maldito.

Dion Cássio, *História Romana*, L. III (adaptado)

Na continuação das conquistas, Roma dominou a Britânia (sul da Grã-Bretanha), a Dácia (margem esquerda do rio Danúbio), o resto do Egito e da Gália e a Ásia Menor, construindo assim um grande império (Fig. 44).

Os territórios conquistados eram transformados em províncias romanas dirigidas por governadores romanos. Os povos destes territórios ficavam sujeitos ao pagamento de impostos e outros à escravidão. Ao longo dos tempos, os povos conquistados foram assimilando a cultura romana (as leis, a língua, o modo de vida, etc.). Este processo de assimilação da cultura romana chamou-se romanização.



**Fig. 44** Império Romano

 **Nota explicativa**

**Gladiadores:** homens feitos escravos que, na Roma Antiga, combatiam com outros homens ou com feras (leões, por exemplo). Perante as condições de vida dos gladiadores e dos escravos em geral, Espártaco, um gladiador, convenceu setenta outros gladiadores a revoltarem-se.

**Império:** estado constituído por um vasto território, abrangendo várias regiões ou povos. Portugal e as colónias, por exemplo, constituíam o Império colonial. O termo ou palavra império também se aplica à forma de governo pessoal estabelecida em Roma por Augusto.

**Liberto:** escravos que recebiam dos seus donos a carta de liberdade. A liberdade podia resultar de bons serviços prestados. Numa determinada fase do Império (Baixo Império), a liberdade poderia resultar da idade do escravo. Assim, por volta dos trinta anos, os escravos poderiam passar a libertos. Após terem gerado três filhos, as escravas podiam igualmente passar a libertas. Alguns libertos tornaram-se homens ricos e influentes, investindo na agricultura, comércio ou artesanato. Contudo, a condição de ex-escravos impediu, durante muito tempo, que ascendessem a cargos públicos no exército e no aparelho de estado.

**Romanização:** difusão da cultura romana através da assimilação cultural por parte das populações conquistadas e anexadas.



## Exercícios de aplicação

1. Com base no quadro cronológico sobre Roma Antiga, identifica e localiza no tempo os três sistemas políticos que a Antiga Roma experimentou ao longo da sua história. Escreve o número de décadas que durou um dos regimes políticos à tua escolha.
2. Descreve os poderes do imperador, segundo Dion Cássio.
3. Explica como o exército e as vias de comunicação contribuíram para que Roma dominasse os outros povos.
4. A partir do texto «A sublevação de Espártaco» (Documento M), refere as razões que levaram à derrota dos escravos.».
5. Relaciona a escravatura com o desenvolvimento do Império Romano ou com o gosto pelo luxo e ociosidade na Roma Antiga.

## A crise e a queda do Império

Nos séculos I e II d.C., as conquistas romanas atingiram o seu apogeu. De todo o mundo chegavam a Roma mercadorias diversas, tornando a economia do Império cada vez mais urbana, comercial e monetária. A partir dos finais do século II d.C., o Império entrou em crise económica, social e política. Para esta situação contribuíram vários factores, de entre os quais se destacaram:

- **A vastidão do Império** – a estender-se por três continentes, Roma, a capital, tinha cada vez mais dificuldades em controlar a totalidade do território.
- **A ambição de alguns chefes militares** – as riquezas das terras conquistadas criavam em alguns chefes militares o desejo de controlar as áreas que dirigiam fugindo, assim, à prestação de contas. Esta ambição levava à destituição e até ao assassinato de imperadores.
- **As revoltas dos povos dominados** – submetidos à *pax romana* (paz romana) e sem direito de cidadania, os povos dominados revoltavam-se, com frequência, contra o poder romano (Fig 45).

Esta crise fez com que Roma adoptasse medidas, tais como, a política de «pão e circo», a concessão de cidadania e a divisão do Império em duas partes: Império Romano do Ocidente, com capital em Roma e Império Romano do Oriente, com capital em Constantinopla. Tirando proveito da crise, os povos fronteiriços (os germanos, a quem os romanos chamavam bárbaros) ocupavam o espaço geográfico do Império, chegando a obter terras e a integrar o exército romano como mercenários.



Fig. 45 Revolta popular na Roma antiga

Nos finais do século IV, os hunos, vindos da Ásia, avançaram sobre os germanos. Assim, empurrados pelos hunos, os germanos aproveitaram-se da fraqueza do Império Romano do Ocidente e fixaram-se em vários territórios. Conquistaram Roma em 476 e dividiram o Império Romano em reinos independentes (Fig. 46).

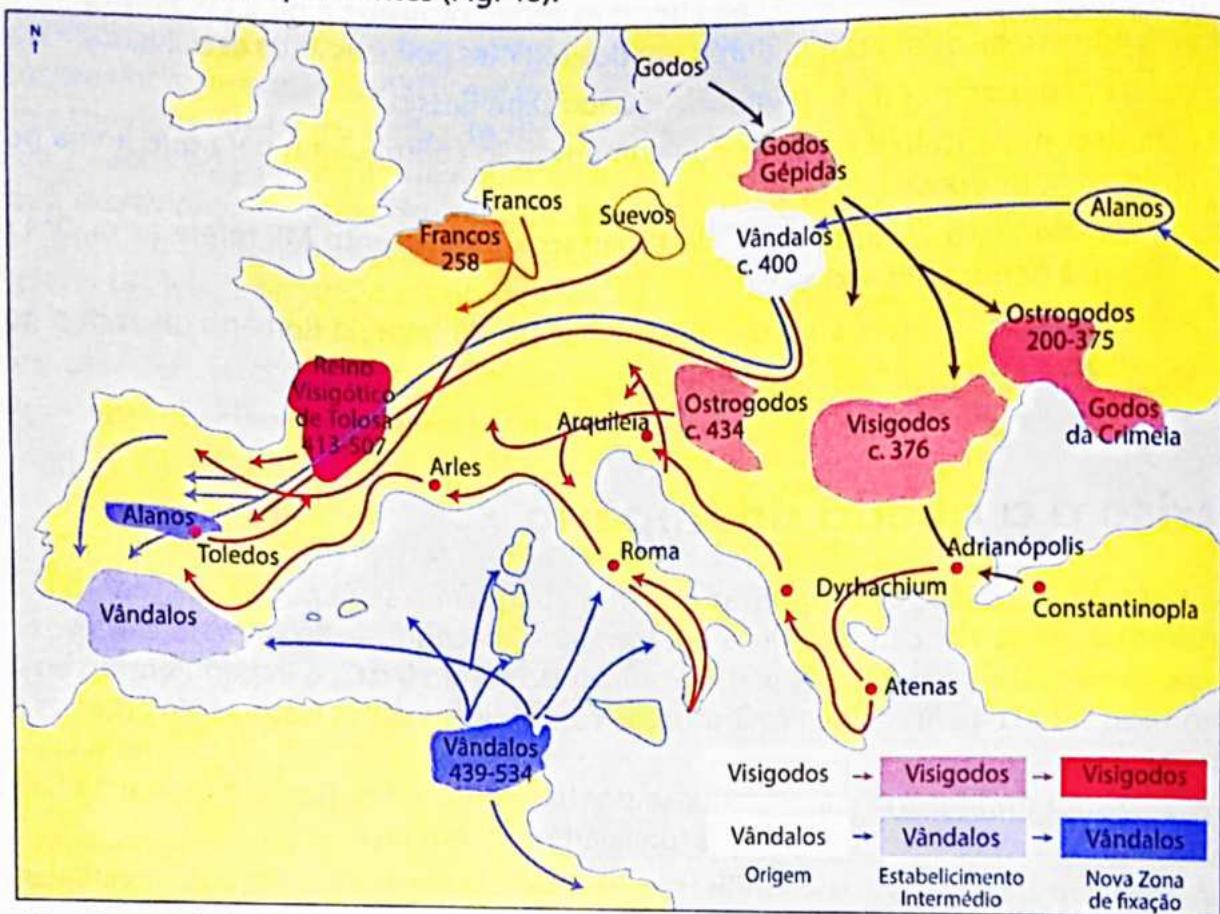


Fig. 46 A queda do Império Romano deu lugar à formação de reinos bárbaros.

## Glossário

**Apogeu** – ponto máximo (por exemplo, um ciclista atinge o seu apogeu na carreira, isto é, atinge um ponto máximo de rendimento e de corridas ganhas).

## Nota explicativa

**Política de «pão e circo»:** distribuição gratuita de alimento e actividades de diversão às multidões para que não se revoltassem.

**Concessão de cidadania:** o direito de cidadania na Roma Antiga foi progressivo. Numa primeira fase, eram cidadãos romanos apenas os homens livres que habitavam Roma. Mais tarde, passaram a gozar de cidadania os Homens livres que habitavam a Itália. Finalmente, o Imperador Caracala concedeu o direito de cidadania, em 212, a todos os homens livres do Império através de um documento que ficou conhecido por Édito de Caracala.

## A cultura greco-romana

A cultura grega e romana ficou marcada por manifestações de natureza artística, científica, literária e religiosa.

### A arte (arquitectura, escultura e pintura)

A expansão romana influenciou bastante a cultura romana. Entre os povos dominados, aqueles que mais influenciaram a cultura romana foram os gregos.

Assim, os romanos construíram edifícios religiosos e públicos utilizando frontões triangulares (Fig. 47) e colunas dóricas, jónicas e coríntias (Fig. 48).

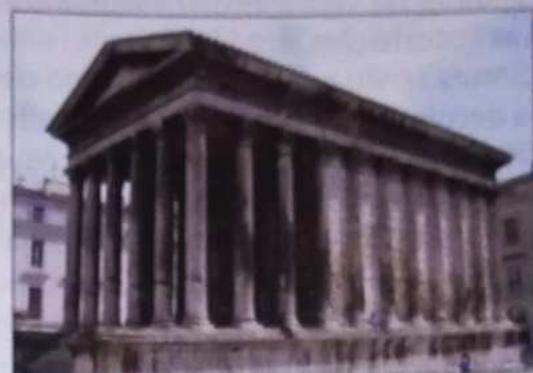


Fig. 47 Exemplo de frontão triangular (França)



Fig. 48 As três ordens da arquitectura na Grécia Antiga, adoptadas pelos romanos.

Ainda na arquitectura encontrámos a utilização de cúpulas e arcos de volta perfeita (Figs. 49 e 50).

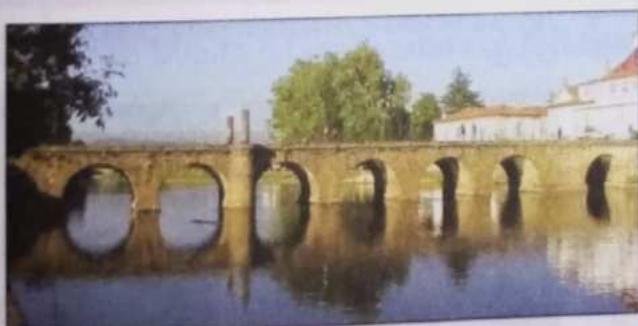


Fig. 49 Ponte romana de Chaves em portugal. Construída em granito, é formada por dezoito arcos embora actualmente só estejam visíveis doze.



Fig. 50 Coliseu romano. Nesta obra estão presentes traços das três ordens de arquitectura grega e um traço oriental, concretamente a grandiosidade.

Na escultura, os romanos privilegiaram cenas religiosas e da vida quotidiana à semelhança dos gregos (Fig. 51). Contudo, diferenciaram-se dos gregos em obras de celebração de conquistas militares (Fig. 53) e na preferência pelo realismo (representação da realidade tal como é) não escondendo assim as imperfeições (Fig.53).

A pintura serviu principalmente como elemento decorativo da arquitectura. As paredes de edifícios públicos (religiosos, políticos) e das casas de pessoas abastadas eram preenchidas com quadros representando cenas religiosas e do quotidiano (Fig. 52). O chão destes edifícios era igualmente revestido de mosaicos representando, também cenas religiosas e do quotidiano (Fig. 56).

## Ciéncia e literatura

A Filosofia, a História, a Geografia, a Medicina e a Literatura marcaram a cultura greco-romana.

Enquanto os gregos desenvolveram bastante a Filosofia com filósofos de grande referência como Sócrates (Fig. 55), Platão e Aristóteles, os romanos revelaram-se mais práticos e, por isso, não se evidenciaram neste campo do conhecimento. Contudo, destacou-se Séneca, considerado um dos grandes filósofos romanos.

O interesse dos feitos dos homens levou os gregos a desenvolverem a História. Assim, Heródoto destacou-se como o grande historiador do seu tempo, daí ser conhecido como o «pai da História» (Fig. 56). Influenciados pelos gregos, os romanos desenvolveram também a História, com a finalidade de exaltar Roma e a grandeza do Império. Entre os historiadores romanos destacou-se Tito Lívio.

A Geografia e a Medicina foram ciências igualmente desenvolvidas pelos romanos. Na Grécia distinguiram-se Políbio (Geografia) e Hipócrates (Medicina).

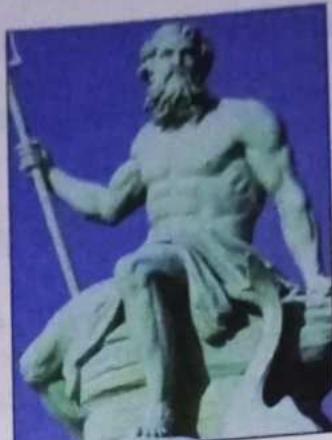


Fig. 51 Poseidon (Neptuno) Deus do mar



Fig. 52 Militares romanos



Fig. 53 Escultura grega e romana: A – Doriforo (escultura grega), B – General Caio Mário (estátua grega), C – Imperador Caracala (estátua romana)



Fig. 54 Mosaico representando cena religiosa (deusa Diana)

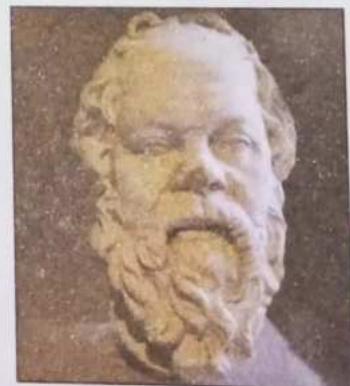


Fig. 55 Sócrates

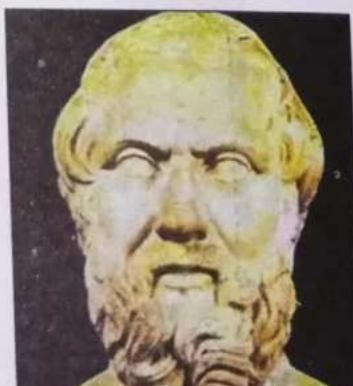


Fig. 56 Heródoto

Na Roma Antiga distinguiram-se Ptolomeu (Geografia) e Galeno (Medicina).

A literatura romana acabou por reflectir na grega, nos diferentes temas tratados. Horácio, Ovídio e Virgílio são alguns dos escritores romanos que se destacaram.

## Religião

A nível religioso, os romanos eram politeístas e deixaram-se também influenciar pelos gregos. Assim, adoptaram deuses gregos, limitando-se a mudar os nomes.

No século IV, Roma adoptou o cristianismo como religião oficial do Império, tornando-se assim monoteísta.

## Quadro comparativo das divindades gregas e romanas, respectivos atributos e sua associação a aspectos da vida romana

Deuses		Atributos/Aspectos
Grécia	Roma	
Zeus	Júpiter	Fenómenos atmosféricos
Hera	Juno	Casamento
Poséidon	Neptuno	Mar e tremores de terra
Atena	Minerva	Guerra, inteligência e artes
Deméter	Ceres	Fertilidade dos campos e das colheitas
Apolo	Apolo	Oráculos, purificações, luz e artes
Ártemis	Diana	Caça e espaços exteriores
Hermes	Mercúrio	Pastores, comerciantes e viajantes
Afrodite	Vénus	Amor e beleza
Dionísio	Baco	Vitalidade, vinho e êxtase
Hefesto	Vulcano	Fogo e artífices
Ares	Marte	Guerra
Héstia	Vesta	Lar
Hades	Plutão	Submundo

## Inovações culturais romanas

Em relação ao Direito e Língua latina os romanos não foram tão influenciados por civilizações de outros povos, como aconteceu na arte e em outras manifestações culturais. Por isso, estas duas manifestações constituem inovação romana.

O Direito Romano (conjunto de normas e de leis que regulavam as relações entre as pessoas e o Estado e entre Estados) continua a influenciar o Direito de alguns países nos nossos dias, incluindo o nosso.

A importância do Latim é ainda visível nos nossos dias. Do Latim nasceram línguas que unem povos na actualidade, como o Português, o Espanhol e o Francês.

A outra inovação romana foi o apoio do Imperador Augusto aos artistas e escritores. Mecenatas, amigo do Imperador Augusto, também seguiu o exemplo. Nos nossos dias, a palavra mecenatas continua associada a todos aqueles que protegem artistas e escritores e mecenato a ação de proteger aqueles autores.



### Curiosidade

**Cristianismo:** uma religião ligada à figura de Jesus Cristo, nascido na província romana da Judeia, no tempo do Imperador Octávio César Augusto. Os primeiros cristãos eram vistos como uma ameaça pelos romanos, pois não respeitavam os seus deuses, pregavam um Deus único e defendiam a igualdade entre senhores e servos. Por estas razões, sofreram sangrentas perseguições. Apesar destas perseguições, o número de seguidores do Cristianismo não parava de aumentar. Perante esta situação, o Imperador Constantino concedeu, em 313, a liberdade de culto aos cristãos através de um documento designado por Édito de Milão. Anos depois, em 391, o imperador Teodósio adoptou o Cristianismo como religião oficial do Império, através do Édito de Tessalónica (ou Salónica).

**O teatro grego:** nasceu das festividades da Primavera em honra do deus Dionísio, em Atenas. Os gregos desenvolveram dois géneros teatrais: a comédia e a tragédia. O primeiro género criticava a sociedade e ridicularizava figuras da sociedade. Teve em Aristófanes o seu maior criador. O segundo tratava de problemas humanos e das relações dos seres humanos com os deuses. Ésquito, Sófocles e Eurípides foram os seus maiores representantes.

**O teatro romano:** os romanos também representaram peças de teatro, embora muitas vezes inspiradas nas peças gregas originais (tragédias e comédias). Porém, também tiveram o seu momento de originalidade quando criaram um novo género de espectáculo: a pantomima, que consistia na representação de fábulas de deuses e de homens famosos por meio de gestos e movimentos, com mudanças constantes de máscaras e roupas. Tal como na Grécia, as personagens usavam máscaras e todas, incluindo as femininas, eram representadas por homens.



### Exercícios de aplicação

1. Entre os séculos I e II as conquistas romanas atingiram o seu apogeu.
  - Relaciona aquelas conquistas com a crise do Império.
2. Roma tomou como uma das medidas para a crise a política de «pão e circo».
  - Será que aquela medida produzia resultados duradouros? Justifica.
3. A partir das figuras 47 e 48 justifica a seguinte afirmação: a arquitectura romana reflectiu a arquitectura grega.
4. Os romanos desenvolveram a História.
  - Compara a importância da História para os romanos com a importância da mesma para os nossos dias.

## Moçambique: da comunidade primitiva à formação dos primeiros estados

### Os *khoisan* – organização económica, social e ideológica

Até aos séculos II-III, período de fixação dos bantu no território que hoje constitui Moçambique, a região era habitada pelos *khoisan*, povos que ainda se encontravam na comunidade primitiva. Economicamente, estes povos viviam da caça, da recollecção e da pesca em águas pouco profundas, utilizando instrumentos feitos de pedra, osso, chifre, madeira, cordas e marfim. A actividade de caça poderia, certamente, levar os *khoisan* a afeiçoarem-se aos animais mais pequenos que ficavam presos nas armadilhas, prática que teria incentivado a pastorícia ou a criação de gado.

Na execução das diferentes actividades económicas, a comunidade dividia as tarefas. Assim, os homens dedicavam-se à caça, pastorícia e construção de habitações, as mulheres e crianças à recollecção e produção de vestuário (a designada divisão natural do trabalho).

À semelhança de outras comunidades primitivas, os *khoisan* eram nómadas, isto é, sentiam-se obrigados a mudar de território pois estavam dependentes da disponibilidade dos recursos naturais (frutos, raízes, animais e água). Tendo em conta que permaneciam pouco tempo num determinado lugar e atendendo ainda que tinham pouco domínio sobre a Natureza, os *khoisan* abrigavam-se em habitações com muito pouca solidez, que poderiam ser facilmente destruídas ou transportadas (Fig. 57).

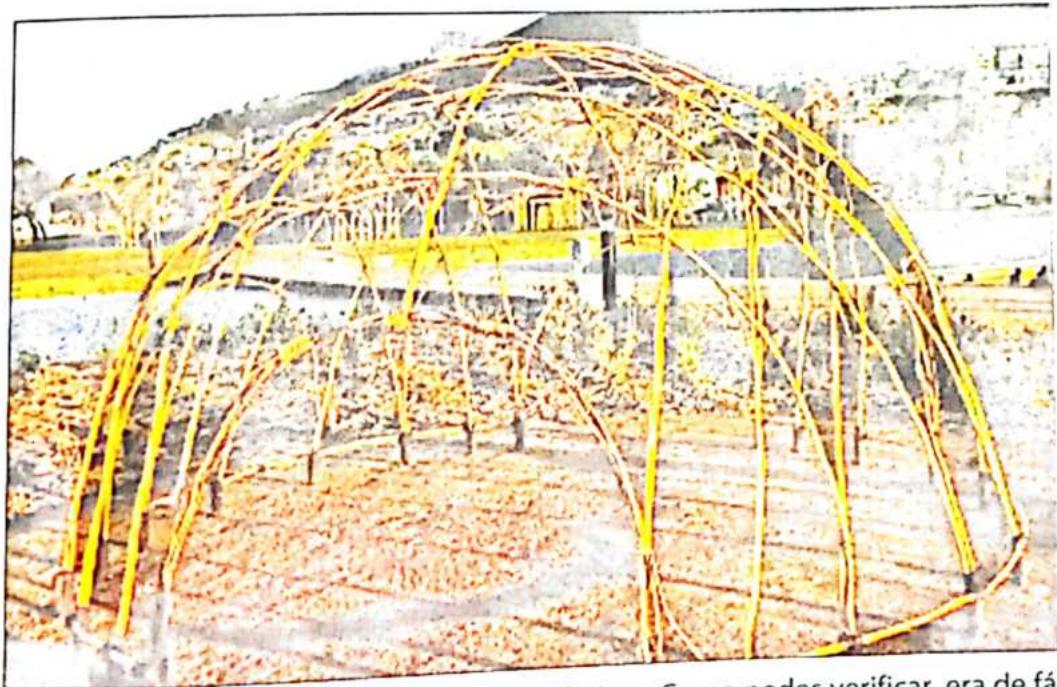


Fig. 57 Reconstituição de uma habitação *khoisan*. Como podes verificar, era de fácil destruição e, simultaneamente, de fácil transporte, dados os seus materiais.

Os *khoisan*, como os outros grandes caçadores, deixaram marcas de pinturas e gravuras nas paredes rochosas (arte rupestre ou parietal), representando animais, figuras humanas e outros motivos.

Para além deste tipo de arte, os *khoisan* terão sido, igualmente, responsáveis por formas de arte móvel, constituídas por esculturas e gravuras de imagens de animais em instrumentos. A par da função decorativa, estas manifestações artísticas poderiam estar associadas a uma função mágica, destinada a garantir êxito nas caçadas (Fig. 58).

A prática de enterrar os mortos, acompanhados de seus pertences, caracterizou igualmente a vida dos *khoisan*. Este rito podia revelar respeito pelos defuntos e ainda a crença numa vida para além da morte.



**Fig. 58** Exemplo de arte rupestre, representando figuras de animais sobre uma rocha. Nestas pinturas eram usados pigmentos naturais.



### Exercícios de aplicação

1. Estabelece a relação entre a economia, a habitação e o nomadismo dos *khoisan*.
2. Se vivesses entre os *khoisan* que tarefa seria reservada para ti? Justifica.
3. A prática funerária representava respeito pelos mortos e crença na vida para além da morte. Porquê?

## Os bantu – organização económica, social e ideológica

### Origem e fixação dos bantu em África (Moçambique)

Os bantu constituem povos que utilizam este mesmo vocábulo (bantu) para designar os homens (no singular *muntu*). Segundo estudos realizados pelo linguista alemão Bleek, entre 1856 e 1869, estes povos falavam línguas próximas umas das outras (cerca de 300 línguas). Provenientes da orla noroeste das grandes florestas congolesas, estes povos chegaram à região austral de África, onde se situa Moçambique, em vagas sucessivas, por volta dos séculos II a III

(Fig. 59). Entre as causas que levaram estes povos a abandonar a sua região de origem, encontramos o alargamento do deserto do Saara, o crescimento populacional, a difusão da tecnologia do ferro, e a prática de agricultura e criação de gado. As marcas da presença destes povos em Moçambique são reveladas por diversas estações arqueológicas (Chibuene, Bazaruto, Bajone e Monapo).

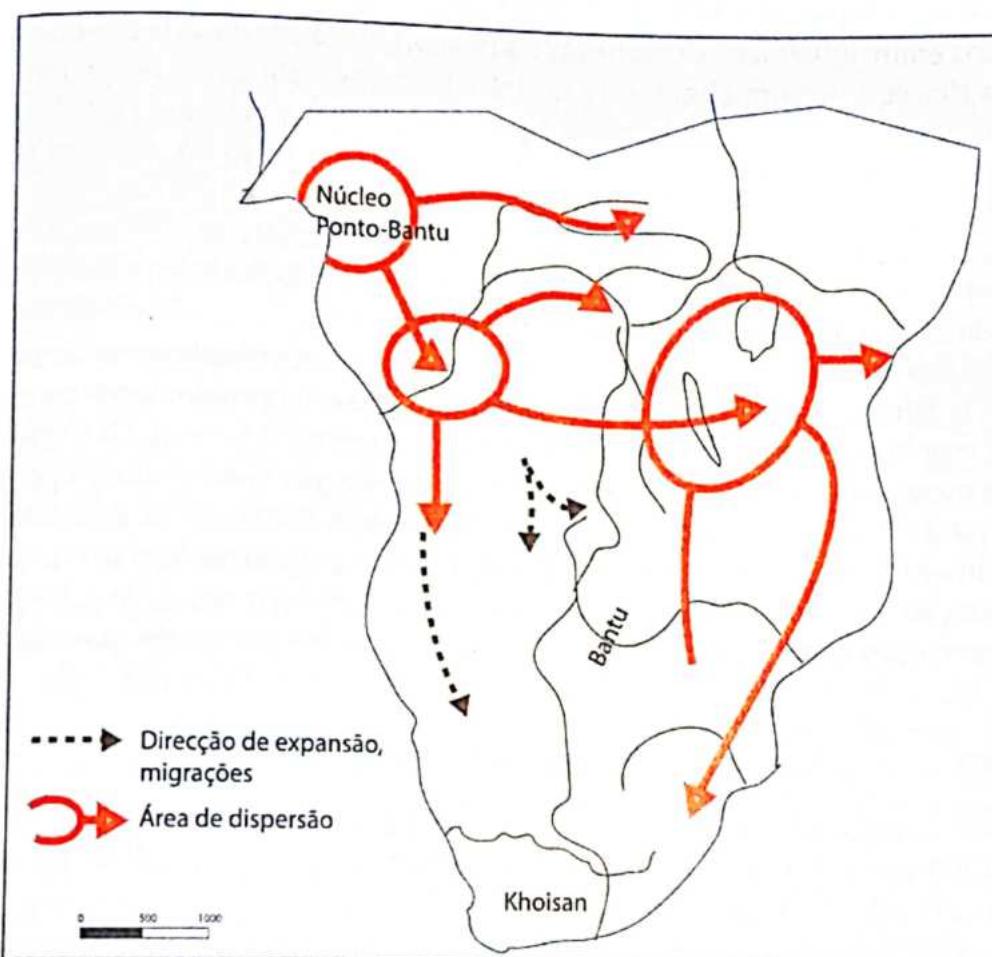


Fig. 59 Representação da expansão bantu na região da África Austral

## Organização económica

Os bantu dedicavam-se à agricultura de cereais (mapira e mexoeira) e à criação de gado (ovino e caprino). As outras actividades económicas praticadas por aqueles povos eram a caça, a pesca, a olaria e a tecelagem. Com a produção de excedentes, desenvolveu-se uma outra actividade económica – a troca de produtos.

A prática da agricultura contribuiu para que os bantu fossem sedentários. Assim, a forma de organização para a produção eram as linhagens definidas por via paterna (no sul do Zambeze) e materna, a norte do mesmo rio. Estas ocupavam aldeias geralmente situadas perto de fontes permanentes de água (rios, lagos e mar), constituídas por casas construídas de madeira e maticadas.

A caça, a pesca e o destroncamento (abate de árvores) para a prática da agricultura e a construção de casas eram actividades praticadas pelos homens. As mulheres dedicavam-se à recollecção, olaria, agricultura e tecelagem.

## Organização social e política

As linhagens eram, igualmente, responsáveis pela organização da vida política. Assim, cada linhagem era dirigida por um chefe, que detinha poderes políticos e religiosos. De acordo com a região, o poder deste chefe, homem e geralmente idoso, passava de pai para filho, ou do irmão mais velho para o irmão a seguir (em idade), ou ainda do tio materno para o sobrinho ou para um conselho de anciãos.

O chefe, apoiado por um conselho de anciãos, garantia as relações políticas e matrimoniais entre a sua linhagem e as outras e tinha ainda a função de periodicamente fazer a distribuição e o controlo da terra que era, afinal, propriedade da linhagem.

Muitas linhagens podiam ocupar um mesmo território. O reconhecimento da superioridade das outras linhagens em relação aquela que se tinha fixado em primeiro lugar ou que era mais poderosa era manifestado pela obediência e pelo pagamento de tributo. Os chefes das linhagens e outras pessoas de prestígio social, económico e religioso tinham um grupo de pessoas, trabalhando para eles na condição de escravos domésticos. Estas novas relações, acrescidas ao desenvolvimento das trocas comerciais, às migrações e às guerras fizeram surgir e consolidar a diferenciação entre linhagens e regiões a nível económico e social, linguístico e cultural. Foi esta diferenciação que contribuiu para o aparecimento de reinos de que falaremos mais adiante.

## Ideologia

Os bantu acreditavam que a sua vida estava ligada à vontade dos antepassados. Por isso, os chefes das linhagens que tinham funções económicas, sociais e políticas possuíam igualmente poderes religiosos. Eram eles que, através de cerimónias especiais, imploravam aos antepassados as chuvas, a saúde, a protecção na caça, na pesca, nas viagens e noutras actividades.

Como podes concluir, o facto de estabelecerem a ligação entre os mortos e os vivos fazia com que os chefes, que neste caso eram igualmente sacerdotes, consolidassem poder social e político que já detinham sobre as comunidades.

## Glossário

**Linhagem** – um grupo de pessoas, parentes entre si, que descendem de um antepassado comum. É por isso que a linhagem também toma a designação de família alargada.

**Implorar** – pedir de forma insistente. A pessoa que pede admite que se dirige a alguém com muitos poderes e que pode efectivamente resolver o problema que se apresenta.

**Ideologia** – ideias políticas ou religiosas.

## Exercícios de aplicação

1. Explica como o alargamento do Saara e a técnica de metalurgia do ferro contribuíram para a migração dos povos bantu.
2. Substitui a afirmação que se segue por outra equivalente: «Provenientes da orla noroeste das florestas congolesas, os bantu chegaram em vagas sucessivas à África Austral, onde se situa Moçambique».
3. Faz corresponder cada região onde se encontram estações arqueológicas que evidenciam a presença bantu em Moçambique à respectiva província.
4. Relaciona a fixação das aldeias bantu perto dos cursos permanentes de água com a produção de excedentes.
5. Identifica a unidade que era a base de organização económica, social e ideológica entre os bantu.
6. Explica como os aspectos ideológicos contribuíam para o reforço do poder dos chefes bantu.

## O Reino do Zimbabwe

### Localização geográfica

O reino do Zimbabwe (1250-1450) ocupava o espaço compreendido (Fig. 60). Foi fundado pelo grupo bantu (karonga que também inclui os shona) proveniente da região dos Grandes Lagos, que por volta do século V ocupou o Sul do Zambeze. Diversas estações arqueológicas, como Schoroda, Mupugubwe, Khami, Dhodho e Manyikene testemunham a existência de muitos centros do poder deste estado.

Como podes observar na figura, este estado, à semelhança do Mutapa, que irás estudar, integra parte do actual Zimbabwe e de Moçambique, daí a designação «primeiros estados de Moçambique» atribuída a estes dois estados.

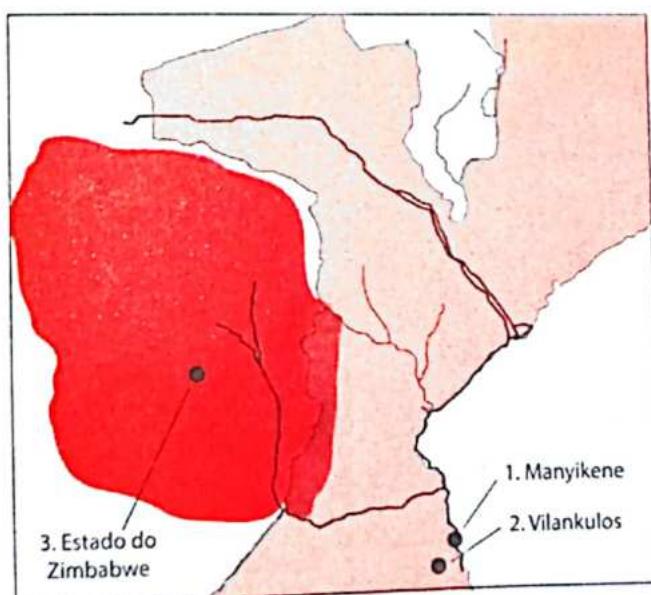


Fig. 60 Estado do Zimbabwe

## Actividades económicas

Os shona dedicavam-se à agricultura e à criação de gado. Paralelamente a estas actividades, desenvolveram-se a extração de ouro, cobre, estanho e ferro. A partir destes minérios, fabricavam-se instrumentos para a agricultura e para fiação, bem como objectos de adorno.

A partir do contacto com os árabes, os produtos de mineração passaram a ter um grande valor comercial. Assim, os povos do Zimbabwe trocavam ouro, ferro, estanho e cobre por mis-

sangas, tecidos, finas garrafas de vidro, louça e outros produtos árabes.

Segundo Al-Massude, viajante árabe, este comércio teve as suas origens entre os séculos IX e X. Mas o grande desenvolvimento da actividade ocorreu a partir do século XI. Para o efeito, era utilizado o rio Save, navegável em tempo chuvoso, e ainda a via terrestre que ligava o porto de Quelimane a Sena e a Tete, ao longo do Zambeze.

## A organização política e sócio-ideológica

Os shona e os karonga, à semelhança dos bantu, organizavam-se socialmente em linhagens e territorialmente em aldeias.

A especialização dos membros da linhagem em diferentes actividades (agricultura, pastorícia, artesanato, defesa e outras) contribuía para a diferenciação social entre os membros da linhagem.

Os chefes faziam a distribuição e o controlo da terra, que era património da comunidade. Por outro lado, os chefes faziam a ligação entre as comunidades e os antepassados. Estas actividades desligaram-nos da produção directa. Assim, para viverem, eles recebiam tributo das comunidades. Esta situação contribuía para os chefes se diferenciarem da comunidade.

O comércio com os árabes consolidou a diferenciação entre os membros da comunidade e entre os chefes e os membros da comunidade. Os bens trazidos pelos árabes, por exemplo, passaram a ser utilizados pelos chefes e por aqueles que participavam directamente no comércio. Por outro lado, os árabes tinham como religião o islamismo. Assim, o comércio árabe introduziu igualmente transformações culturais e religiosas.

Finalmente, encontramos a diferenciação nas formas de habitação. Os chefes tinham as suas casas dentro das muralhas de pedra conhecidas por «madzimbabwe» (singular «zimbabwe») e o povo vivia em aldeias, fora das muralhas.

## A decadência

A partir do século XV, o reino do Zimbabwe entrou em decadência o que levou posteriormente ao seu abandono. Para esta situação contribuiram os seguintes factores:

- A seca do rio save
- O esgotamento das minas de ouro
- A procura de terras férteis e de sal
- As lutas internas pelo poder e pelo conflito do comércio.



Fig. 61 Grande Zimbabwe

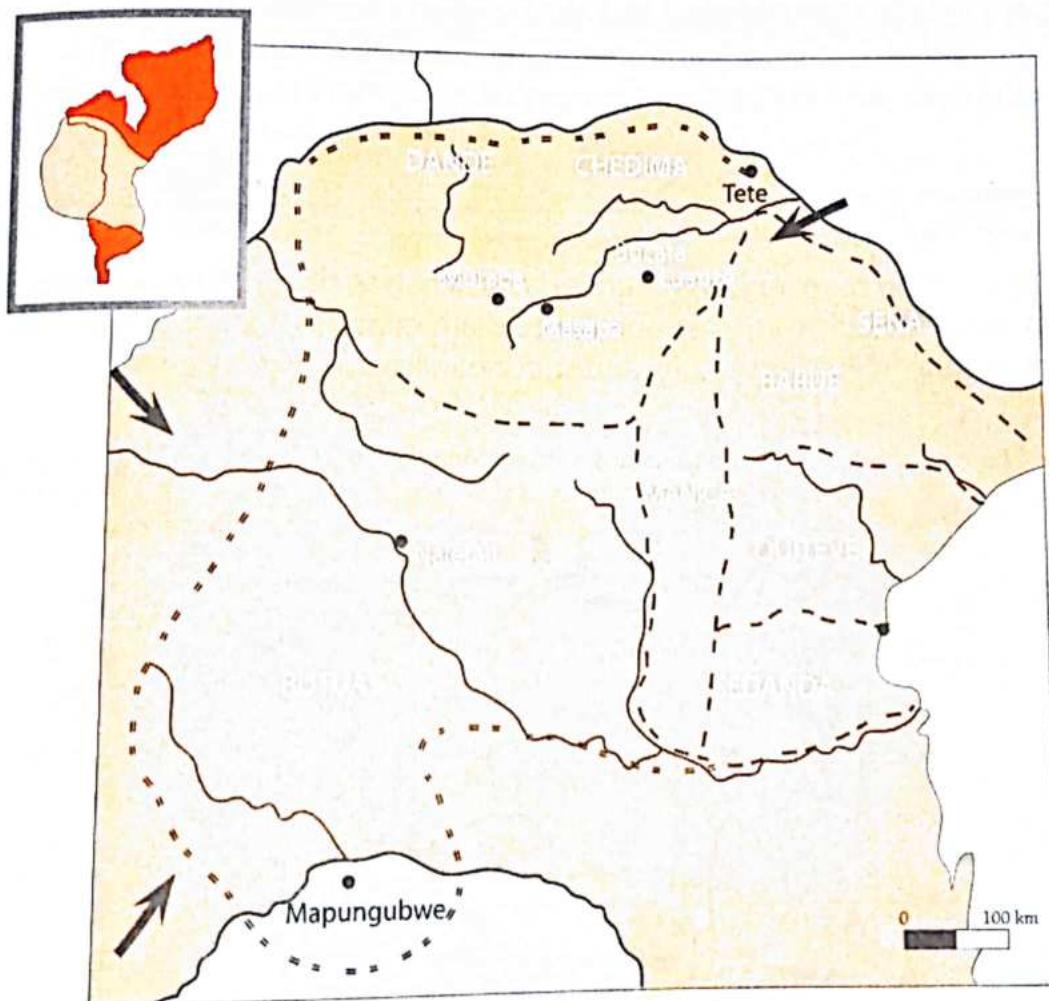
## O Império de Mutapa

### Localização geográfica

Ainda hoje são visíveis os vestígios do Grande Zimbabwe como, por exemplo, as torres em pedra (Fig. 62).

Segundo fontes orais, estas lutas teriam levado Nyatsimba Mutota e os seus guerreiros e familiares a fixarem-se na região do Dande, no vale do Zambeze.

O Império de Mutapa (também designado Mutapa ou Mutapa) tinha o seu poder central situado entre os rios Luia e Mazoe e era rodeado de estados vassalos ou satélites, como Sedanda, Quiteve, Manica, Quissanga e outros. Assim, o reino central e os reinos satélites ocupavam o espaço compreendido entre o Zambeze e o Limpopo (Fig. 61). As origens deste estado datam de 1440-1450 e estão relacionadas, segundo vimos, com a desagregação ou abandono do Zimbabwe e a submissão de povos do vale do Zambeze como os Tonga e os Macorecore.



- ..... Limite extremo do Império de Mutapa no século XV.
- Fronteiras dos reinos originários do Império de Mutapa nos séculos XVI e XVII.
- Vias de acesso aos planaltos de ouro

Fig. 62 Representação do Império de Mutapa

### Actividades económicas

À semelhança do Zimbabwe, no Império de Mutapa (também designado por Mutapa ou Shona), a agricultura de queimada constituía uma das principais actividades económicas. As populações cultivavam cereais, tais como, a mapira, a mexoeira e o arroz. A caça, a pesca e o artesanato constituíam outras actividades económicas.

Finalmente, encontramos a mineração, que contribuía para o desenvolvimento da agricultura, comércio e artesanato. A partir desta actividade, os Shona-karanga extraíam o ferro, o cobre e o ouro utilizados na produção de instrumentos para a agricultura (enxadas de cabo curto, machados) e objectos de adorno. Antes da presença estrangeira, árabe e portuguesa, a mineração não constituía actividade de grande interesse para as populações shona-karanga, que privilegiavam a criação de gado (Documento 0). A penetração árabe e mais tarde a presença portuguesa transformou os produtos de mineração em mercadorias de troca. A partir desta actividade, a aristocracia obtinha tecidos, porcelanas, missangas e outros bens de grande valor. Esta prática, passou a enriquecer os chefes, diferenciando-os cada vez mais do resto da população. Por isso, para garantir a acumulação de riquezas a partir da mineração, a aristocracia impunha às comunidades a exploração de ouro e outros minérios sob condições que faziam perigar a vida da comunidade (Fig. 63).



#### Documento 0

«(...) há muito e fino ouro, mas os naturais da terra não se dão tanto a buscá-lo, e cavá-lo, por estarem longe dos portugueses que lho podiam comprar, mas são mui dados a criar gado vacum, de que há nestas terras grande abundância».

Frei João dos Santos, in Serra, Carlos (dir). História de Moçambique. Vol. I., Livraria Universitária, Maputo. 2000, p. 36

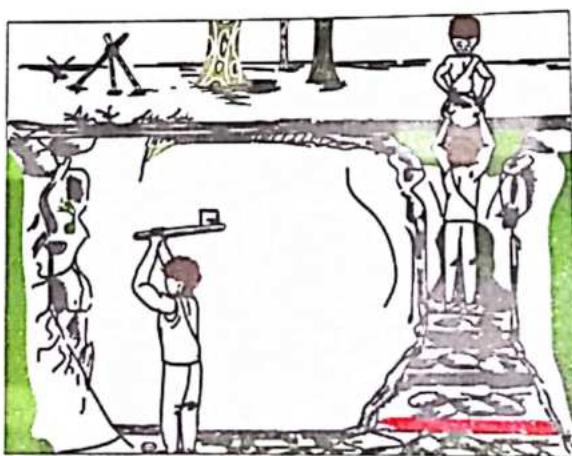


Fig. 63 A actividade da mineração realizava-se em condições bastante difíceis, não poupando mesmo as crianças.

## A organização política e sócio-ideológica

A organização do império compreendia o poder central e os estados-satélites ou vassalos. A palavra Mutapa significava reino ou o território que compreendia o reino. Mutapa era igualmente o nome que se dava ao chefe máximo (rei ou imperador) do reino. Mutapa era assim o representante de todas as comunidades e, por isso, símbolo da unidade. Para além do poder político, este soberano detinha igualmente poderes mágico-religiosos. Assim, ele estabelecia a ligação entre os vivos e os antepassados, implorando saúde, colheitas abundantes, sucessos na caça, pesca e demais actividades. Para além do soberano, as classes dirigentes do Mutapa e dos estados-satélites estabeleciam contactos com antepassados através de especialistas, conhecidos por swikiros.

Na administração do império, o Mutapa era coadjuvado por subordinados territoriais. Entre estes, encontramos nove funcionários, três das principais mulheres do soberano, mutumes (mensageiros) e os infices (designação da guarda pessoal do imperador). Os estados-satélites eram dirigidos pelos mambos.

Abaixo do imperador e dos seus subordinados directos, que constituíam a aristocracia dominante, estava a população, cujas relações eram baseadas no parentesco. A nível administrativo, a população dividia-se em comunidades aldeãs (as mucha), dirigidas por um ancião mais idoso, o Muenemusha ou Mukuru. O conjunto de comunidades e aldeias formavam «chefaturas» (províncias) que eram dirigidas por um Fumo ou Encosse, dependente do Mutapa (Fig. 64).



Fig. 64 Estrutura política e social do Império do Mutapa

Nas suas relações com o poder central, os estados-satélites deviam obediência e pagamento de tributo.

As comunidades aldeãs ou muchas tinham a obrigação de conceder sete dias de trabalho mensais ao estado. As comunidades tinham ainda a obrigação de pagar um tributo ao soberano como sinal de subordinação (Documento P).



## Documento P

«Ninguém fala com el-rei ou com sua mulher, sem lhe levar alguma coisa (...), quando são pobres e não têm que lhe dar levam-lhe um saco de pedra, em reconhecimento de vassalagem, ou um feixe de palha para cobrir as suas casas.»

Frei João dos Santos, «Etiópia Oriental», p. 220, in Serra, Carlos (dir), História de Moçambique, vol. I, Livraria Universitária, Maputo, 2000, p. 42)

## O declínio da dinastia dos Mutapas

Do século XV a XVII, o estado de Mutapa prosperou no sul do Zambeze devido particularmente ao domínio sobre os estados satélites e ao comércio a longa distância com os árabes e os portugueses.

A partir dos finais do século XVII, a dinastia dos Mutapas perdeu a sua hegemonia naquela região a favor da dinastia dos Changamire Dombe. Apesar desta situação, o Mutapa deslocou o seu poder para o sudoeste de Tete, onde sobreviveu até ao começo do século XIX.

Para o declínio contribuíram diferentes factores. Entre eles, encontramos:

- Lutas pelo poder e pelo controlo do comércio com a costa dentro da aristocracia dominante
- Conflitos permanentes entre o poder central e os estados-satélites
- A exploração por parte de Portugal do clima de instabilidade que caracterizava o Império. Esta situação levou à assinatura de acordos entre portugueses e o Mutapa, que contribuíram para o enfraquecimento do poder do estado.
- A acção dos prazos no vale do Zambeze
- As invasões dos povos Nguni



## Exercícios de aplicação

1. Elabora um quadro comparativo entre os dois Estados (Zimbabwe e Mutapa), tendo em conta os seguintes aspectos: localização geográfica, actividades económicas, decadência.
2. Trabalho de pesquisa.

A presença portuguesa no reino de Mutapa deu lugar a acordos entre as duas partes. Identifica um desses acordos. Localiza-o no tempo e descreve o conteúdo deste acordo e seu significado para cada uma das partes envolvidas.



Transcreve a afirmação correcta em cada grupo de afirmações indicadas em 1, 2, 3, 4 e 5.

1. a) As primeiras civilizações surgiram nos planaltos agrários.  
b) As primeiras civilizações surgiram nas encostas das montanhas.  
c) As primeiras civilizações surgiram nas planícies aluviais.
2. a) A agricultura excedentária nas primeiras civilizações deveu-se à produção de arroz.  
b) A agricultura excedentária nas primeiras civilizações deveu-se à produção mais do que era necessário para o sustento das comunidades.  
c) A produção excedentária nas primeiras civilizações deveu-se à produção dirigida por capatazes implacáveis.  
d) A produção de excedentes na agricultura, nas primeiras civilizações deveu-se às chuvas.
3. a) Os soberanos dos primeiros estados detinham o poder sacralizado porque eram senhores absolutos.  
b) Os soberanos dos primeiros estados detinham o poder sacralizado porque se acreditava que eram deuses vivos.  
c) Os soberanos dos primeiros estados detinham o poder sacralizado porque eram comandantes supremos dos exércitos dos seus reinos ou países.  
d) Os soberanos dos primeiros estados detinham o poder sacralizado porque eram fisicamente os mais fortes.
4. a) Os estados de Zimbabwe e do Mutapa localizavam-se a este do Zambeze.  
b) Os estados do Zimbabwe e do Mutapa localizavam-se a sul do Zambeze.  
c) Os estados do Zimbabwe e do Mutapa localizavam-se a norte do Zambeze.
5. a) A diferenciação social nos estados do Zimbabwe e do Mutapa deveu-se ao declínio do comércio com os árabes.  
b) A diferenciação social nos estados do Zimbabwe e Mutapa deveu-se a recusa do pagamento do tributo pelas comunidades.  
c) A diferenciação social nos estados do Zimbabwe e Mutapa deveu-se à especialização dos membros das comunidades em diferentes funções e ao comércio com os árabes.
6. Faz corresponder a cada alínea que se segue a respectiva civilização do Mediterrâneo (Grécia ou Roma).  
a) Um estado vasto centralizado abarcando três continentes: Europa, África e Ásia.  
b) Um estado que, pela primeira vez adoptou a Democracia como regime político.  
c) A organização política foi caracterizada por pequenos estados independentes.  
d) A língua de unidade nacional do nosso país tem as origens mais remotas naquele Estado.  
e) Um estado onde os escravos eram tratados com maior brutalidade.  
f) Um estado que ficou marcado por praticar o politeísmo e depois o monoteísmo.  
g) As colónias eram independentes da metrópole.  
h) César Augusto foi um dos seus grandes estadistas.  
i) A palavra *pedagogo* e claro *pedagogia* têm as suas origens mais antigas naquele Estado.  
j) No campo religioso foi um estado que adoptou os deuses dos povos dominados.  
k) Péricles foi um dos seus grandes estadistas.



## OBJECTIVOS

O aluno deve ser capaz de:

- Explicar o surgimento do Feudalismo na Europa.
- Caracterizar o Feudalismo a nível económico, político, social e cultural.
- Caracterizar a situação económica, política e social de África entre os séculos V-XV no exemplo da Etiópia.

UNIDADE

# 4

CONTEÚDOS

**O Feudalismo na Europa (séc. V-XV)**

- A emergência do Feudalismo na Europa
- Características económicas, políticas, sociais e culturais do Feudalismo
- A crise do Feudalismo

**África: do século V ao século XV**

- A Etiópia
  - Localização geográfica
  - A estrutura económica, política e sócio-ideológico
- Sistematização

Págs. 102 a 126

## O Feudalismo na Europa: séculos V-XV

O Feudalismo foi uma forma de organização social, económica e política assente na exploração da terra (feudo) e dependências pessoais que se desenvolviam a partir do contrato de vasalagem. Algumas civilizações (China, Bizâncio, Japão e a Rússia czarista) conheceram esta forma de organização social, tendo cada uma as suas particularidades.

Esta unidade aborda o Feudalismo na Europa Ocidental entre os séculos V-XV, período que ficou conhecido por Idade Média.

### A emergência do Feudalismo na Europa

O Feudalismo surgiu na sequência da queda do Império Romano do Ocidente no século V. Os bárbaros, segundo vimos, destruíram o Império e dividiram-no em diversos reinos. Nesta época das invasões ao Império Romano, os bárbaros encontravam-se numa fase de transição da comunidade primitiva para a de diferenciação social, onde os chefes e outros membros da comunidade começavam a ter mais privilégios em relação ao resto da população. A sociedade romana encontrava-se numa fase de desagregação.

A insegurança criada pelas invasões levava as populações a abandonarem as cidades e a procurarem refúgio no campo (ruralização), facto que contribuía para a decadência da economia. Por isso, muitos camponeses entregavam as suas terras aos senhores poderosos (aristocracia guerreira) ou à Igreja, em troca de proteção. Os que não possuíam terras (por exemplo, os antigos escravos) também se entregavam àqueles pedindo proteção. Aqueles senhores e a Igreja passaram, assim, a ser donos de grandes extensões de terras – domínios senhoriais –, que compreendiam duas partes: reserva e manso (Fig. 1).



Fig. 1 Reconstituição de um domínio senhorial, na época feudal: 1 – Castelo, 2 – Reserva, 3 – Moinho, 4 – Igreja, 5 – Aldeia, 6 – Manso.

Nos domínios senhoriais trabalhavam camponeses livres designados por colonos (ou vilãos) e servos, homens que estavam ligados à terra. Em troca de proteção, os camponeses ficavam sujeitos a obrigações tais como: rendas (tributos em dinheiro ou em géneros), corveias (dias de trabalho gratuito na reserva) e banalidades (tributos, ou seja, pagamentos pelo uso, obrigatório, do forno, do moinho, etc.).

A entrega de terras ao clero e à nobreza pela população, em troca de proteção, não era a única via de formação de domínios senhoriais. Os monarcas faziam igualmente a entrega de terras ao clero e à nobreza em recompensa pelos serviços por estes prestados. Os bárbaros vencedores também distribuíam parte das terras conquistadas aos homens que participavam activamente naquelas conquistas.

Finalmente, os nobres guerreiros menos poderosos recorriam à protecção dos nobres mais poderosos, de quem recebiam um benefício (feudo); estes, por sua vez, recorriam à protecção do rei, de quem recebiam do mesmo modo um benefício ou feudo. Assim, os que doavam o benefício designavam-se suseranos, e os beneficiários designavam-se por vassalos. O contrato entre os suseranos e os vassalos era celebrado numa cerimónia, que compreendia três momentos: a homenagem, o juramento e a investidura (Fig. 2).



Fig. 2 Cerimónia de homenagem, juramento de fidelidade e investidura entre senhor e seu vassalo

As relações de vassalagem assentavam no feudo. Por isso, eram designadas relações feudo-vassálicas. Com estas relações, surgiu na sociedade uma pirâmide feudal. No vértice encontrava-se o monarca como suserano máximo. Abaixo dele encontravam-se nobres, que eram seus vassalos. Estes, por sua vez, eram suseranos de nobres menos poderosos, que eram vassalos.

O benefício (feudo), como podes ver, transformou-se no principal bem de valor sobre o qual se realizavam as relações económicas e sociais.

O clima de insegurança que a Europa vivia era reforçado pelas constantes guerras entre os diversos reinos bárbaros e mesmo entre guerreiros que pretendiam aumentar os seus domínios.

Perante esta situação, a Igreja recorria à evangelização. Para o efeito, convertia primeiro os reis bárbaros (Fig. 3) e adaptava e incorporava alguns rituais e crenças dos bárbaros, o que facilitava a adesão destes ao catolicismo (Fig. 4).

A Igreja recorria à evangelização para acabar com o clima de guerra que então se vivia. Assim, foi-se estabelecendo a paz na Europa Ocidental. Mas esta paz foi de novo abalada devido às invasões dos muçulmanos, *vikings* (ou viquíngues) e húngaros ou magiares que, entre os séculos VIII e X, fizeram novas destruições e pilhagens, contribuindo para mais abandonos das cidades (Documentos A e B). Os fugitivos das invasões procuravam refúgio junto dos castelos da aristocracia guerreira ou dos mosteiros da Igreja.

Estas novas invasões consolidaram mais as relações feudo-vassálicas e o prestígio da aristocracia guerreira (nobreza) e membros da Igreja (clero) perante as populações. Por outro lado, o clero e a nobreza detinham muitos poderes que tradicionalmente pertenciam ao rei. Esta situação levava ao enfraquecimento do poder do rei.



**Fig. 3** Pormenor de iluminura, com representação do baptismo de Clovis (496), um rei bárbaro



**Fig. 4** Incorporação de símbolos pagãos em símbolos cristãos. Como podes ver, esta cruz incorpora símbolos pagãos.



#### Documento A

«Multiplica-se o número dos navios e cresce a multidão inumerável dos Normandos. Por todos os lados, os Cristãos são vítimas de massacres, pilhagens, devastações e incêndios (...). Os Normandos tomam todas as cidades por onde passam sem que ninguém lhes resista.»

Todos se precipitam na fuga e raro é aquele que diz: «Ficai, ficai, resisti, lutai pela pátria, pelas crianças e pelo povo». E assim, entorpecidos e desunidos, redimem por meio de tributos o que deveriam ter defendido pelas armas, enquanto o reino dos Cristãos se despedaça. (...)

Ermentário, *Miracula S. Filiberti*, in Fernando Espinosa, *op. cit*, p. 41 (adaptado)



#### Documento B

«O homem combate pelo saque; o homem combate pela glória; o homem combate para mostrar a superioridade da sua valentia. Quem é que combate pela via de Alá? Aquele que luta para que seja exaltada a palavra de Alá, aquele que está na via de Alá.»

Corão


**Glossário**

**Reserva** – parte do domínio senhorial que o senhor explora directamente.

**Manso** – parte do domínio senhorial que era arrendada aos servos ou aos camponeses livres. Na primeira situação chamavam-se mansos servis e na segunda mansos livres.

**Abalar** – fazer tremer, sacudir, inquietar.

**Aristocracia guerreira** – grupo social (baseado na posse de terra), poder político e privilégios. Na Idade Média a função principal deste grupo social era a guerra.

**Convento** – casa da comunidade de religiosos ou religiosas.

**Domínio senhorial** – propriedade de terra de dimensões consideráveis pertencente a um senhor nobre (domínio laico) ou ao clero (domínio eclesiástico).

**Evangelizar** – pregar o evangelho, ensinar a doutrina de uma religião.

**Mosteiro** – casa da comunidade de religiosos ou religiosas, convento.

**Refúgio** – lugar onde alguém se abriga.

**Ruralização** – processo de valorização do campo e da agricultura na sequência da fuga das populações da cidade para o campo.


**Exercícios de aplicação**

1. Atribui um título ao Documento A.
2. Transcreve para o teu caderno diário uma expressão que mostre a superioridade militar dos invasores.
3. Explica por palavras tuas o sentido do último período do texto.
4. Imagina que o texto se pode relacionar com a segunda vaga de invasões à Europa Ocidental. Identifica este povo. Justifica.
5. Relaciona os dois últimos períodos do texto com a vitória dos povos integrantes da segunda vaga de invasões à Europa.
6. Explica por que razão os camponeses preferiam os castelos e os mosteiros como destinos do seu refúgio.
7. Das afirmações que se seguem assinala com **V** as verdadeiras e com **F** as falsas. Corrige as falsas.
  - a) O Feudalismo surgiu em 476, ano em que Roma caiu nas mãos dos Hérculos, povo bárbaro.
  - b) Uma das marcas do Feudalismo era a fragmentação do poder.
  - c) Com o Feudalismo terminou a Antiguidade Oriental e começou a Antiguidade Clássica.
  - d) No Feudalismo, os grandes domínios eram pertença exclusiva dos monarcas.
  - e) Os diferentes domínios estavam praticamente fora do controlo do poder dos monarcas. Nestes, os respectivos senhores (laicos e eclesiásticos) tinham o poder sobre a terra e sobre os homens.

## Características económicas, políticas e culturais do Feudalismo

Entre os séculos V e XV as características económicas, políticas, sociais e culturais do Feudalismo variaram, condicionadas por factores como a redução das invasões, o crescimento demográfico e as calamidades. Assim, falaremos primeiro da economia e depois da sociedade, concretamente da estrutura desta, e de aspectos políticos e culturais.

### Economia

Do século V ao X, a Europa foi assolada por vagas de invasões. Muitos campos foram abandonados, passando a desenvolver-se a agricultura de subsistência. A actividade comercial e monetária regrediu; em seu lugar, desenvolvia-se a troca directa. As guerras e a agricultura de subsistência eram igualmente responsáveis pela decadência económica, fomes e epidemias, causando insegurança constante nas populações.

A partir do século XI verificou-se o redução das invasões e alterações climáticas favoráveis. Estas condições e os progressos técnicos que a Europa conheceu contribuíram para a produção de excedentes na agricultura e noutras actividades económicas que impulsionaram a criação de mercados e feiras (Fig. 5).



Fig. 5 Em plena Idade Média, verificou-se o desenvolvimento das actividades económicas. Na figura, uma feira medieval.

A seguir, são indicados alguns exemplos de progressos técnicos da época:

- Movimento de arroteias que contribuiu para aumentar a área cultivável ou movimento de arroteias ou de desbravamento da mata.
- Introdução do afolhamento trienal em substituição do afolhamento bienal (Figs. 6 e 7)
- Utilização da nora nos campos de regadio

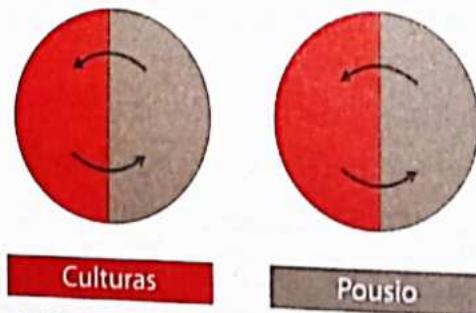


Fig. 6. Representação do afolhamento bienal

- Utilização do cavalo como animal de tracção (Fig. 8).
- Aperfeiçoamento da charrua com relha e a sega em ferro, o que contribuía para abrir sulcos mais profundos e preparar melhor o solo antes das sementeiras (Documento. C e Fig. 8).



Fig. 7 Representação do afolhamento trienal, uma inovação posterior ao século XI

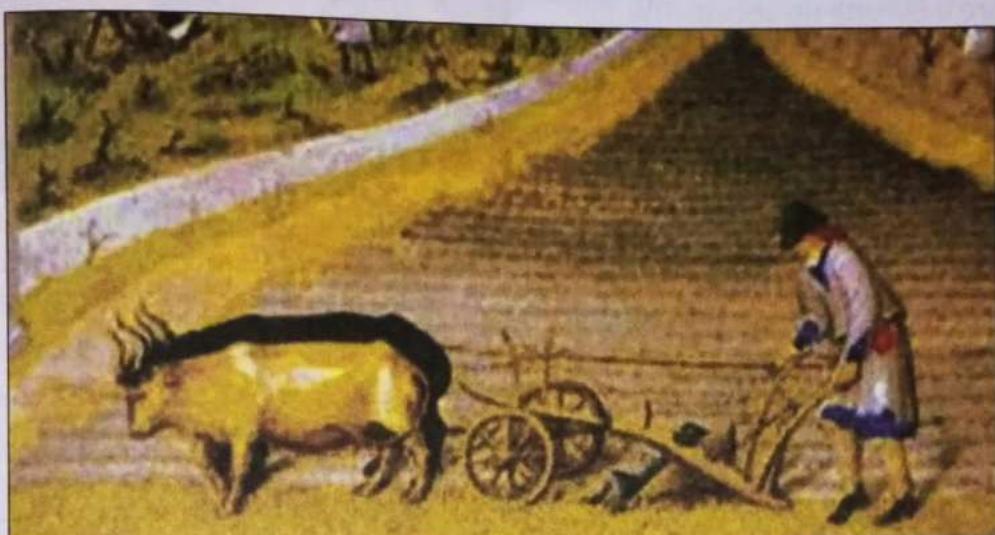


Fig. 8 Charrua



### Documento C

#### A charrua, uma «alfaia notável»

Mas a invenção que mais marcou a agricultura medieval foi a da charrua provida de roda (...) É uma alfaia notável, provida de ferro, que penetra verticalmente no solo, de uma relha que quebra os caules e, sobretudo, de uma aiveca recurvada, que atira a terra para o lado depois de a ter fendido profundamente. Essa charrua, que tem agora duas rodas, é fácil de deslocar de um campo para o outro, e o lavrador que a conduz pode facilmente controlar a profundidade e a regularidade dos sulcos. Foi essa charrua resistente que permitiu o desbravamento de vastas zonas florestais e de ricas planícies aluviais que os primeiros ocupantes do solo, na época da Alta Idade Média, nunca tinham conseguido aproveitar.

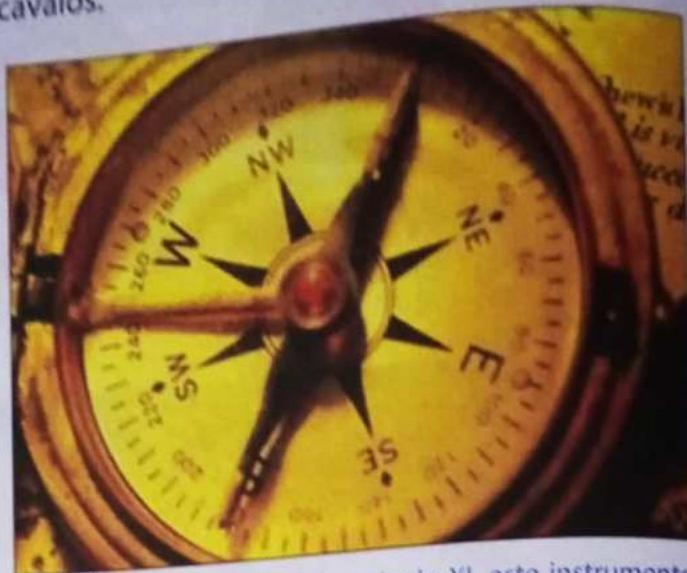
Jean Gimpel, *op. cit.*, pp. 69-70 (adaptado)

Estes progressos técnicos contribuíram, por sua vez, para a produção de excedentes. A comercialização destes contribuiu para o desenvolvimento dos transportes e da construção, reconstrução, animação e reanimação dos centros urbanos (Documento D). Assim, para o transporte de mercadorias, mercadores e populações em geral, foram preparados e construídos caminhos e pontes. Procedeu-se à aplicação da coelheira e da ferradura no cavalo e à utilização do carro de quatro rodas puxado por cavalos.

No transporte marítimo, foram ampliados alguns barcos e recorreu-se à navegação com ventos contrários (vela latina) e à orientação no mar alto (bússola, astrolábio e portulano) (Figs. 9 a 11).

Este desenvolvimento económico verificado a partir do século XI foi, porém, interrompido por uma grande crise que se abateu sobre a Europa no século XIV.

Para superar esta crise, a Europa encontrou, entre outras soluções, a expansão para outros continentes, o que ocorreu a partir do século XV.



**Fig. 9** Bússola. Inventada no século XI, este instrumento revelou um grande avanço técnico chinês. Composto por uma agulha magnética, o instrumento indica o Norte aos marinheiros.



### Documento D

Os excedentes produzidos impulsionaram a criação de mercados e de feiras regionais e internacionais. As feiras, por sua vez, contribuíram para a reanimação de centros urbanos já existentes e para a criação de novos centros e ainda para o desenvolvimento de pólos de desenvolvimento europeu. Os principais pólos deste comércio eram as cidades do norte da Itália (Veneza, Génova e Florença), as cidades francesas da região de Champagne (Lagny, Troyes e Bar-sur-Aube) e as cidades do norte da Alemanha e do Báltico (Lubeque e Hamburgo).



**Fig. 10.** Astrolábio. Inventado pelos gregos, foi aperfeiçoado pelos muçulmanos, que o divulgaram no Ocidente. Era utilizado para determinar a sua posição em alto mar, a partir da observação dos astros.



**Fig. 11** Portulano. Esta era uma carta de navegação com linhas de rumo e localização dos acidentes da costa marítima. Assim, o portulano orientava com relativa segurança a navegação com barca e, mais tarde, com caravela.

## Glossário

**Afolhamento trienal** – divisão do terreno em três parcelas (folhas), sendo cada ano cultivadas duas delas, ficando a terceira em pousio, para recuperação do solo. A anteceder esta forma de aproveitamento da terra, desenvolveu-se o afolhamento bienal. Neste a terra era dividida em duas partes (folhas) em que uma era cultivada e a outra ficava em pousio, num sistema rotativo.

**Arroteia** – terra cultivada pela primeira vez; secagem de pântanos, desbravamento de matagais ou abate de florestas com vista ao aumento das terras de cultivo.

**Assolado** – arrasado, deitado por terra, devastado, destruído.

**Relha** – peça de ferro de arado ou charrua que abre os sulcos na terra.

**Sega** – utensílio assemelhado a uma faca grande, colocado à frente da relha do arado para abrir ou cavar a terra e cortar as raízes.

**Sulco** – abertura estreita, comprida e pouco profunda.

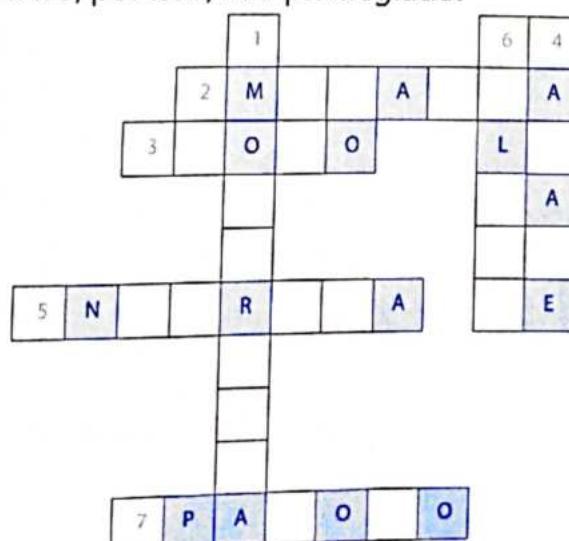


### Exercícios de aplicação

1. Atribui um título ao documento D.
2. Explica como a utilização da charrua e a adubação contribuíram para reanimar as trocas comerciais.
3. Estabelece a relação entre o abrandamento das invasões, a reanimação das vias de comunicação e o aumento da produção.
4. Lê o texto «A Sociedade» da página 112.

Transcreve o crucigrama para o teu caderno e completa, segundo as instruções:

1. Regime político que vigorou no Feudalismo.
2. Chefe máximo nos regimes políticos da época feudal.
3. Grupo social não privilegiado na Idade Média.
4. Membro do alto clero, por isso privilegiado.
5. Grupo social privilegiado.
6. Grupo social privilegiado.
7. Membro do baixo clero, por isso, não privilegiado.



## A sociedade

A sociedade estava estratificada em estados ou ordens: o clero, a nobreza e o povo (Documento E e Fig. 12). Cada um destes estados encontrava-se igualmente estratificado. Assim, existiam abades e bispos que levavam uma vida faustosa, comparativamente com os párocos das aldeias e com os monges, que viviam muitas vezes com dificuldades.

Dentro da nobreza distingua-se a nobreza de espada (guerreira, rural e tradicional) que, vivendo nas suas terras, podia perder prestígio, e a nobreza de toga (administrativa) que gozava de grande prestígio, pois vivia na corte.

Finalmente, havia o povo, que compreendia a burguesia (homens de negócios, de leis e de administração), os artesãos, assalariados urbanos, os camponeses, que podiam ser livres ou servos, os jornaleiros e a arraia-miúda.

Os dois primeiros estados constituíam os grupos privilegiados. A nobreza participava na vida política e estava isenta de pagamento de impostos e obrigações que o povo pagava. Para além dos privilégios indicados, o clero estava isento do serviço militar e era julgado em tribunais próprios (direito canónico). O povo era o estado social não privilegiado. Pagava pesados impostos e estava sujeito às obrigações feudais.

A mobilidade nesta sociedade era quase nula, isto quer dizer que raramente membros do estrato inferior ascendiam ao estrato superior.



### Documento E

#### A sociedade tripartida

A família do Senhor, que parece uma, está, portanto, dividida em três ordens. Uns rezam, outros combatem, os últimos trabalham. Estas três ordens formam um único todo e não poderiam ser separadas; o que faz a sua força, é que, se uma delas trabalha para as outras duas, estas, por seu lado, fazem o mesmo por aquela; é assim que todas as três satisfazem as necessidades umas das outras.

Adalberon (finais do século X), *Diálogo com o rei Roberto II de França*, in *Les Mémoires et l'Europe* (adaptado)

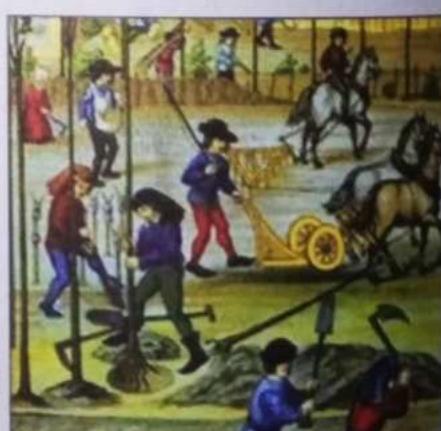
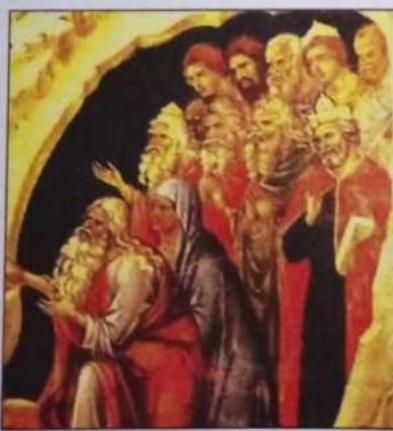


Fig. 12 A sociedade era hierarquizada ou dividida em estratos sociais. Nestas imagens, o primeiro grupo reza, o segundo combate e o terceiro trabalha.

## A organização política

A monarquia constituía a forma de organização política no Feudalismo. Contudo, a autoridade dos monarcas encontrava-se enfraquecida pelos domínios laicos e eclesiásticos que detinham privilégios especiais e ampla autonomia em relação ao rei. Os funcionários dos monarcas, por exemplo, não podiam entrar em domínios eclesiásticos, mesmo para fiscalizar, sem autorização do clero. O monarca, ou rei, detinha a autoridade religiosa symbolizada por: coroa, anel e cetro. Contudo, o poder deste era fragilizado pela nobreza e pelo clero.

Na luta contra este poderio dos senhores da Igreja, os monarcas defendiam a criação de concelhos, comunidades de habitantes, com autonomia concedida pelo rei ou pelos senhores através da carta de foral. Os habitantes pagavam impostos, fortalecendo, assim, o poder económico do monarca e eram importantes aliados do monarca na luta contra os abusos da nobreza e do clero. Ainda nesta luta pelo fortalecimento do poder, os monarcas reservavam para si a cunhagem da moeda, a chefia suprema do exército e a autoridade máxima da justiça, competindo-lhes, exclusivamente, a aplicação da pena da morte.



Fig. 13 Representação de monarca medieval com os símbolos de poder.

## A cultura

A cultura, durante o Feudalismo, obedeceu à estrutura da sociedade. A Igreja era, assim, o centro cultural por excelência. Era junto das catedrais que funcionavam as escolas episcopais. Os mosteiros eram responsáveis pelo funcionamento de escolas monásticas (Fig.14), oficinas de cópia de manuscritos (designadas por *scriptoria*, plural de *scriptorium* Fig.15) e de bibliotecas.

Assim, até ao século XII, o ensino era ministrado exclusivamente nas escolas episcopais e monásticas e destinava-se à formação de clérigos. Por isso, o clero constituía o grupo social mais culto (professores, escritores, legistas, entre outros).

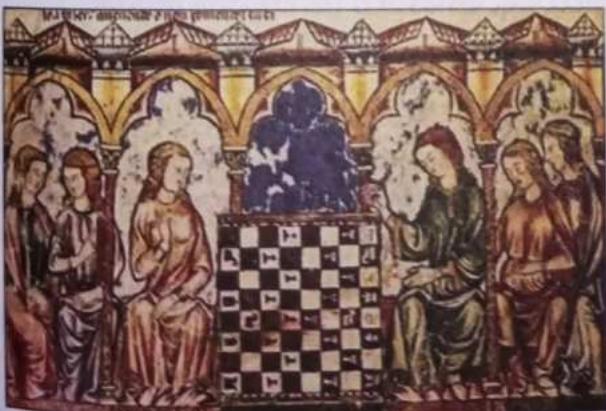


Fig. 14 Iluminura medieval, onde se representa uma sala de aulas da época.



Fig. 15 Era nos scriptoria que se copiavam laboriosamente os manuscritos.

Em domínio eclesiástico, mesmo para fiscalizar, sem autorização do clero.

No século XII apareceram as primeiras universidades, com o objectivo de dar uma formação mais sólida ao clero e de formar médicos e «técnicos» administrativos dos reinos. As ordens mendicantes, concretamente os dominicanos, tiveram um grande contributo no ensino.

A acção cultural da Igreja e o desenvolvimento, em geral, que a partir do século XII se passaram a viver na Europa contribuíram igualmente para que a nobreza transformasse os seus palácios em centros culturais. Assim, apareceu a cultura cortesã, dominada por poesia cantada, prosa, serões da corte, torneios e festas animadas por trovadores que cantavam e dançavam ao som da música. O povo buscava na tradição oral a sua inspiração cultural. Os provérbios, os contos e as músicas constituíam manifestações culturais que eram transmitidas de geração em geração. A religião constituía outra fonte de inspiração cultural (peregrinações, procissões e pregações).

Finalmente, na vida profana, o carnaval, as romarias, as diversões nas feiras constituíam também manifestações culturais do povo.



### Glossário

**Abade** – superior religioso de um mosteiro

**Carta de foral** ou **foral** – carta do rei ou do senhor que reconhecia ao concelho o direito de se governar e de eleger os seus magistrados; regulava os direitos e deveres dos habitantes e definia os limites territoriais do concelho.

**Faustoso** – pomposo, luxuoso

**Cunhagem da moeda** – fabrico de moedas. Quando são notas diz-se emissão de notas.

**Profano** – estranho ou contrário às coisas sagradas



### Exercícios de aplicação

1. Num desenho simples, mas criativo, representa as funções de cada grupo social referidas no texto. Faz a legenda das tuas ilustrações.
2. Durante o Feudalismo, os senhores laicos e eclesiásticos representavam uma verdadeira ameaça ao poder dos reis.
  - a) Identifica as medidas adoptadas pelos reis para afastar aquela ameaça.
  - b) Num desenho, representa um senhor laico e eclesiástico na Europa feudal.
3. Fundamenta a seguinte afirmação: «O clero influenciou as manifestações culturais dos restantes grupos sociais.»



## Curiosidade

## O surgimento das ordens mendicantes

Os prazeres e o luxo gozados por alguns membros do clero (bispos e abades) constituíam comportamentos pouco condizentes com o Cristianismo primitivo. Assim, em gesto de discordância e de renovação dos ideais cristãos, surgiram, no início do século XIII, as ordens mendicantes: a dos Franciscanos, fundada por S. Francisco de Assis, e a dos Dominicanos, fundada por S. Domingos de Gusmão. Ambas caracterizaram-se pela imitação da pobreza e humildade de Cristo, apoio aos pobres, desprotegidos, doentes e pelo trabalho missionário. Os Dominicanos destacaram-se igualmente no ensino, sobretudo nas universidades que então surgiam e no combate às heresias (actos ou palavras ofensivas à religião), tendo muitos integrado a Inquisição (Tribunal criado pelo Papa no século XIII, para combater as heresias).

## A crise do Feudalismo

Vimos que o Feudalismo assentava na exploração da terra e na dependência entre pessoas a partir de um contrato. Enquanto vigorou a instabilidade provocada pelas vagas e invasões, a economia predominante era de subsistência e o comércio baseava-se na troca de produtos.

Os progressos técnicos verificados a partir do século XI contribuíram para o desenvolvimento da agricultura e para a reanimação de outras actividades económicas e sociais (transportes e comunicações, navegação, urbanismo e outras).

Os senhores das terras tiraram proveito deste crescimento económico, pois podiam colocar os seus produtos no mercado e deslocar-se, com relativa facilidade, quer para negócios, quer para simples lazer.

Os progressos técnicos, porém, não beneficiaram de igual maneira todos os senhores de terras. Assim, os mais experientes e possuidores de terras mais férteis ou próximas das vias de comunicação puderam produzir, comercializar e enriquecer, comparativamente com os restantes proprietários.

Por outro lado, entre os séculos XII e XIII, alguns camponeses (Fig. 16), servos, colonos e demais trabalhadores rurais abandonavam o campo, atraídos pelo desenvolvimento e liberdade que as cidades ofereciam. Esta situação contribuía para a escassez de mão-de-obra e quebra das dependências pessoais.

Os progressos técnicos, pode-se concluir, contribuíram para o surgimento da crise entre alguns senhores de terras ou para a do Feudalismo. A crise mais generalizada do Feudalismo apareceu, porém, no século XIV.

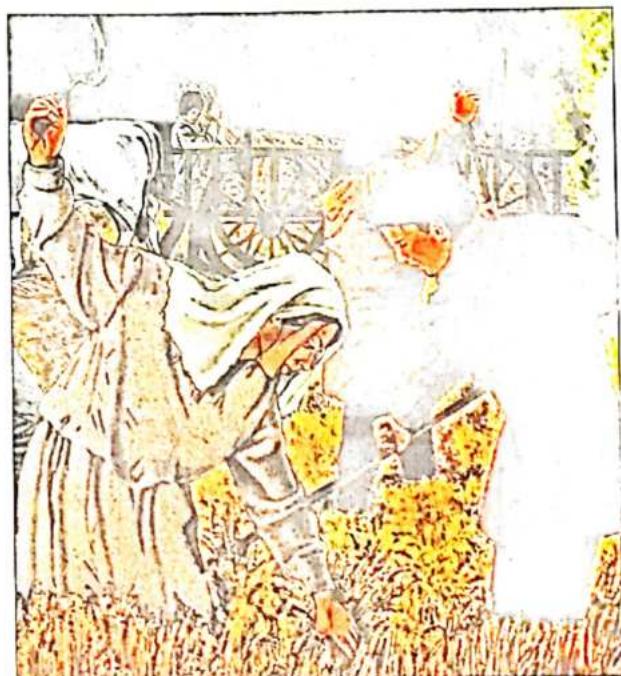


Fig. 16 Camponeses na idade média

Durante este século, o clima da Europa foi caracterizado por períodos de chuvas excessivas durante anos consecutivos (1315-17), que provocavam a redução das colheitas dando lugar a fomes dramáticas. A agravar esta situação estavam as guerras (Guerra dos Cem Anos, entre a França e a Inglaterra (Fig. 17), Guerra Ibérica, entre Portugal e Espanha) e revoltas populares rurais e urbanas (Fig. 18) a peste negra, epidemia proveniente da Ásia Central que chegou à Europa em 1347 (Fig. 19).



Fig. 17 Aspecto de batalha da Guerra dos Cem Anos



Fig. 18 Revoltas populares. Pormenor de iluminura representando o assalto a um castelo.

Apesar dos esforços feitos pelos médicos naquela altura (Fig. 20) a epidemia espalhou-se rapidamente, matando grande parte da população europeia (Documento F). A mortalidade e a fuga dos camponeses agravaram, neste século, a falta de mão-de-obra nos campos. Assim, os poucos assalariados que permaneciam exigiam melhores salários. Perante a não satisfação das suas exigências, os assalariados abandonavam os campos ou produziam abaixo da suas capacidades, o que contribuía para a diminuição da produção agrícola e dos lucros dos proprietários.

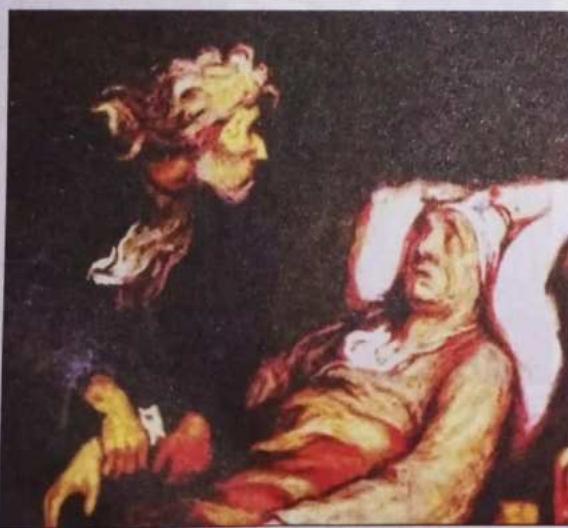


Fig. 19 Doente de peste negra



Fig. 20 Médico em visita a um doente, vítima de peste negra

**Documento F****Agnolo di Tura, cidadão de Siena (Itália)**

Perante a calamidade, os irmãos abandonavam os irmãos, os tios os sobrinhos, as mulheres os seus maridos. O que é ainda pior e quase inacreditável é que os pais e as mães se recusavam a ver e a tratar dos seus filhos, como se estes não lhes pertencessem.

Eram enormes as dificuldades em achar coveiros: não se encontrava ninguém que enterrasse os mortos, nem por dinheiro nem por amizade. E em muitos locais de Siena escavaram-se grandes valas onde se empilharam os montões de mortos... E eu, Agnolo di Tura, conhecido por Gordo, enterrei os meus cinco filhos com as minhas próprias mãos. E também havia aqueles que estavam cobertos por tão fina camada de terra que os cães os desenterravam, devorando muitos cadáveres.

Testemunho de um sobrevivente da peste negra (adaptado)

Tentando repor as suas fontes de rendimento, os proprietários agravavam as rendas que os camponeses tinham de pagar e dirigiam-se aos monarcas solicitando a tomada de medidas contra os camponeses. Assim, os monarcas publicavam leis que obrigavam os assalariados a trabalhar mediante salários tabelados, sob pena de serem considerados vagabundos e, consequentemente, presos.

Em consequência das medidas tomadas, apareceu um forte descontentamento, dando lugar a revoltas rurais por toda a Europa. Mesmo não tendo problemas graves de falta de mão-de-obra, as cidades foram assoladas por revoltas (revoltas urbanas) opondo burgueses ricos aos artesãos que reclamavam melhores condições de vida. Os revoltosos assaltavam castelos e conseguiram até matar alguns nobres. Mas os exércitos dos senhores retomaram o controlo, acabando por esmagar as revoltas.

**Exercícios de aplicação**

1. Com base no Documento E e nos teus conhecimentos, explica a crise do Feudalismo.
2. A partir do documento e das Figs. 19 e 20, fundamenta a seguinte afirmação: «A peste negra era implacável e desumanizou a sociedade da época».

**A África: do século V ao século XV****A Etiópia**

Segundo a tradição, Menelik I, filho do rei Salomão e da rainha do Sabá, de que fala a Bíblia, foi o fundador da monarquia da Etiópia no ano 1000 a.C. Assim, a Etiópia constituiu uma das primeiras, senão a primeira monarquia africana ao sul do Saara. As origens da Etiópia estão ligadas ao estado de Axum. As primeiras referências aos axumitas como etíopes datam do século II e ao autor do geógrafo grego Cláudio Ptolomeu. No capítulo que se segue faz-se a localização geográfica deste país e a caracterização da sua estrutura económica, política e sócio-ideológica dos séculos V a XV.

### Localização geográfica

A Etiópia é um país que se localiza na África Oriental. Do Norte a Nordeste tem como limites a Eritreia, o mar Vermelho e o Djibouti. A Este é limitada pela Somália. Finalmente, o Sudão e o Quénia limitam o país a Noroeste e a Oeste e a Sul, respectivamente (Fig. 21). De relevo bastante diversificado (montanhas com alturas de mais de 4 000 metros, altos planaltos e vales profundos), a Etiópia fica isolada das regiões vizinhas. Mais recentemente, a desmatação e as consequentes erosões têm sido responsáveis pelas frequentes secas que têm caracterizado este país.

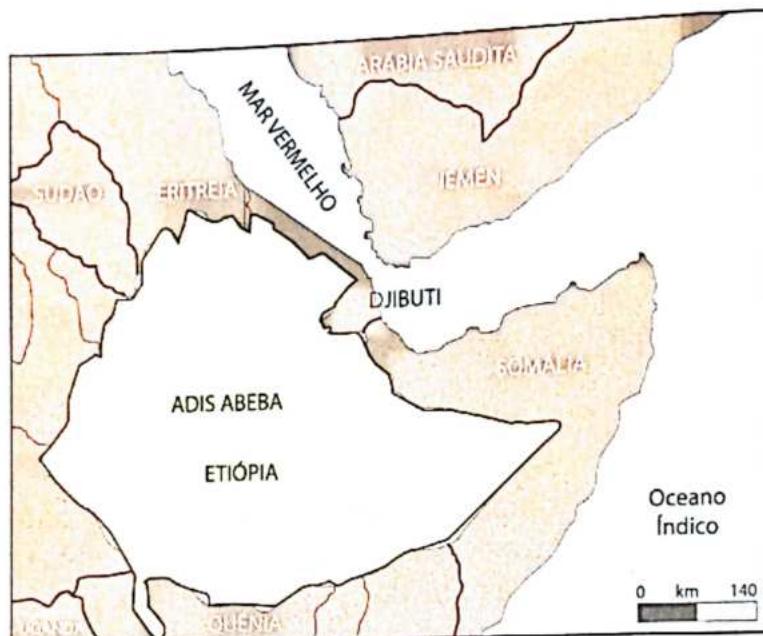


Fig. 21 Localização geográfica da Etiópia

### A estrutura económica, política e sócio-ideológica

A estrutura económica, política e sócio-ideológica da Etiópia entre os séculos V e XV esteve condicionada a factores como o comércio marítimo, o aparecimento do cristianismo e do islamismo e, ainda, dos períodos de guerra e de paz. Assim, passamos em seguida a caracterizar a economia e depois a estrutura política e sócio-ideológica.



#### Exercícios de aplicação

Completa os espaços em branco com as palavras que se seguem: Rei Salomão, Bíblia, pobre, desmatação, cristãos, pobre, rainha do Sabá, secas frequentes, meio ambiente, Etiópia, Adis Abeba.

\_\_\_\_\_ é a capital da \_\_\_\_\_, país cujas origens mais remotas estão ligadas ao \_\_\_\_\_ e à \_\_\_\_\_, figuras evocadas pela \_\_\_\_\_, livro sagrado dos \_\_\_\_\_. País bastante \_\_\_\_\_, devendo-se este facto, em parte, a \_\_\_\_\_ resultantes da \_\_\_\_\_ degradando assim o \_\_\_\_\_.

## Economia

A economia da Etiópia baseava-se na agricultura de cereais, viticultura e criação de gado. Para a prática desta actividade, os axumitas, ou etíopes, construíam nas encostas das montanhas terraços que eram irrigados pela água canalizada das torrentes. Nas planícies construíam cisternas para o armazenamento das águas utilizadas para o consumo e para a irrigação. Os etíopes já utilizavam, entre outras alfaias agrícolas, o arado puxado por bois.

A criação de gado constituía outra actividade económica. Criavam bois, carneiros, cabras, asnos e elefantes, sendo estes últimos reservados ao uso exclusivo da corte.

O artesanato constituía outra actividade económica dos etíopes. Neste domínio distinguiam-se os artesãos metalúrgicos (ferreiros), oleiros (Fig. 22), pedreiros, canteiros e escultores. Estes ofícios proporcionaram, por sua vez, o desenvolvimento da agricultura, do comércio, da arte militar e da construção de habitações, templos e palácios.

Outra actividade que mais marcou a Etiópia foi, certamente, o comércio marítimo. Axum tornou-se o centro do comércio, entre o vale do Nilo e os portos do Mar Vermelho, das rotas para a África e Índia. Os axumitas ou etíopes exportavam produtos como obsidiana, mármore, cornos de rinocerontes, couro de hipopótamos, trigo e escravos e importavam, entre outros produtos, óleo de oliva, óleo de sésamo e cana-de-açúcar. Para garantir a sua hegemonia nesta actividade, os etíopes recorriam à pirataria intensa através do Mar Vermelho e costas árabes.

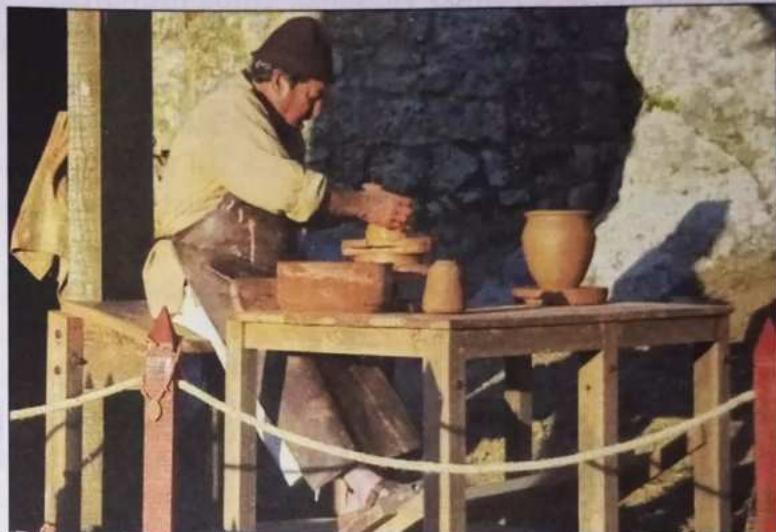


Fig. 22 Actividades económicas



### Exercícios de aplicação

1. Utiliza setas para fazer corresponder, entre si, os elementos das colunas **A**, **B** e **C**, seguindo o exemplo.

A	B	C
Pirataria marítima	barro	talassocracia
Artesão metalúrgico	charruas/armas	templos/palácios
Oleiros	argamassa	agricultura/guerra
Pedreiros	obsidiana	exportações etíopes
Cutelos/espelhos	navegação	potes de água

2. Explica os factores que contribuíram para a produção de excedentes agrícolas entre os etíopes.

## Organização política e social

A monarquia constituiu um dos primeiros regimes políticos da Etiópia. Neste estatuto político, ainda no século IV, os axumitas ou etíopes submeteram ao seu domínio o Sudão, a Arábia Meridional e as terras situadas entre o Saara, a Oeste, o deserto de Rub al-Khall, no centro da Arábia, a Leste, e o reino de Méroé, então em decadência.

Assim, no século V, a monarquia etíope deu lugar a um império. Na administração deste vasto território estava o imperador, «Rei dos Reis», coadjuvado por membros da corte (dois comandantes do exército) e governadores (os Ras). Estes tinham por função manter o exército e garantir a cobrança de impostos. O império dividia-se em Axum, ou Etiópia propriamente dita, dirigida pelo «Rei dos Reis» e reinos vassalos, cujos monarcas estavam sujeitos ao pagamento de tributo e obediência. No mesmo século, o país tornou-se católico, sendo, assim, o primeiro estado a Sul do Saara a praticar esta religião. Contudo, o Sul resistiu à conversão católica, permanecendo animista.

Na segunda metade do século VII (622), os árabes unificaram-se à volta do islamismo sob a direção de Maomé (Fig. 23).

Em nome da religião, os árabes expandiram-se pela África do Norte, África Ocidental e Oriental e para outras partes do Mundo (Fig. 24).

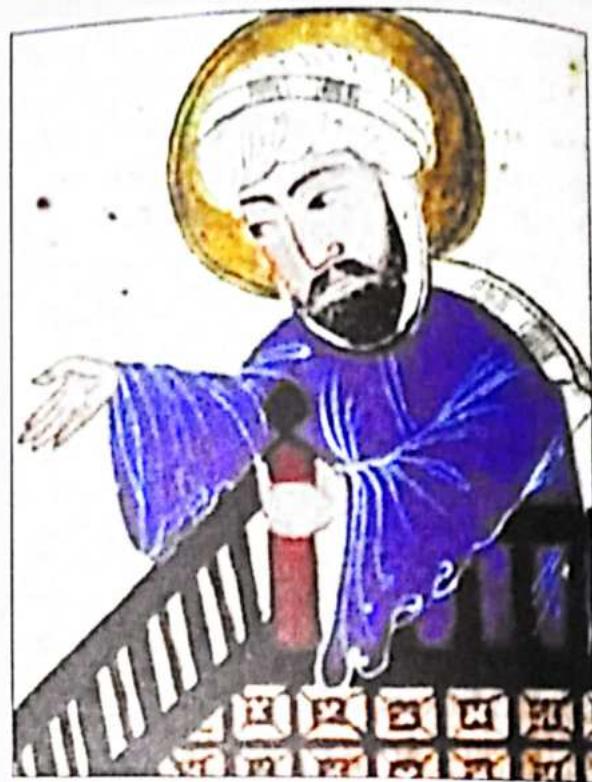


Fig. 23 Representação do profeta Maomé

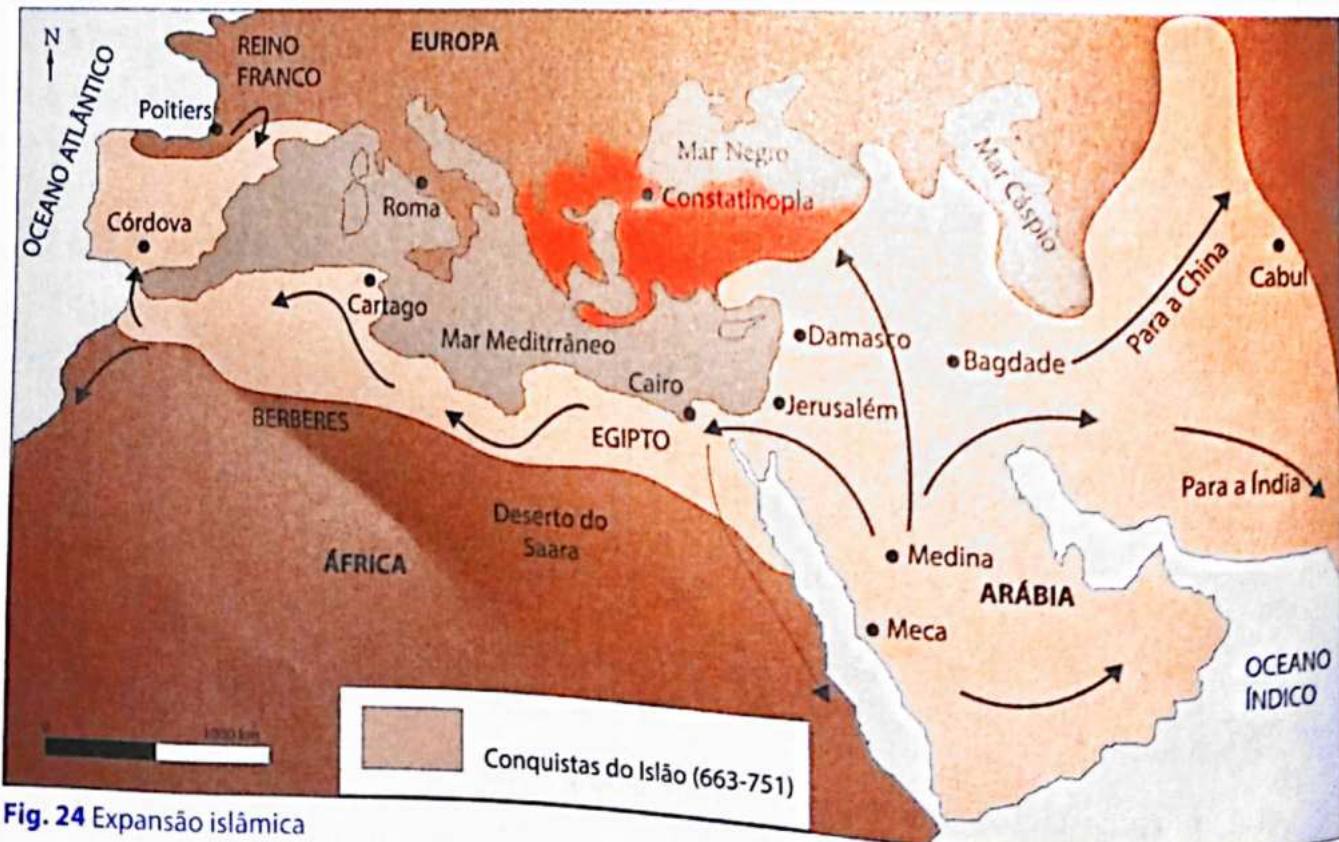


Fig. 24 Expansão islâmica

A Etiópia passou, assim, a enfrentar dois inimigos: os estados vassalos do Sul e o islamismo. O primeiro inimigo lutava pela sua independência e o segundo contribuía para o enfraquecimento do Império ao substituir axumitas ou etíopes por árabes muçulmanos, egípcios, gregos e judeus no comércio marítimo.

Mesmo enfrentando estes inimigos, a Etiópia apoderou-se, no século X, das regiões de Massawa, Dahlak e Zeila, cujos habitantes eram muçulmanos, consolidando a sua posição de potência marítima e comercial. Assim, para assegurar a sua hegemonia e sobreviver neste meio hostil, a Etiópia optou por uma igreja mais próxima da Síria e do Egipto do que do Ocidente. Esta situação explica, em parte, o não surgimento de hostilidades permanentes entre cristãos e muçulmanos, até ao século XIV.

Por isso, a verdadeira crise da Etiópia, nos finais do século X, não proveio dos muçulmanos, mas dos estados vassalos do Sul. Nesta época, um rei etíope dava a conhecer ao monarca da Núbia a situação de ruína em que o reino se encontrava por causa das invasões de Agau, reino vassalo situado na curva do Nilo Azul.

A decadência política e económica da Etiópia contribuiu para o avanço dos muçulmanos que estabeleceram pequenos reinos e ainda a edificação de uma nova dinastia não salomónica, tradicionalmente conhecida por dinastia dos Zagwe (Fig. 25). A Etiópia passou, assim, de estado imperial e centralizado para um processo de feudalização, caracterizado pela ausência de grande comércio e circulação da moeda. Um terço da terra passou a pertencer ao «Rei dos Reis», outro terço aos mosteiros e o restante dividia-se entre a nobreza e o resto da população. Para utilizar os tributos pagos em bens de consumo, o monarca transitava com a sua corte pelo país sem manter a capital fixa (Documento G).



Fig. 25 Um aspecto da dinastia dos Zagwe



### Documento G

Uma vez coroado na cidade de Aksum (Axum), o rei não tinha residência fixa. Deslocava-se consoante as necessidades. O acampamento real era uma verdadeira cidade ambulante, rodeado de paliçadas com portas guardadas. No centro, as quatro grandes tendas que abrigavam o rei, a rainha, os pajens, duas igrejas, o tribunal e os quatro leões domesticados que faziam invariavelmente parte do cortejo.

Faziam também parte da residência um mercado a fervilhar de mercadores e artífices.

O rei só se mostra ao povo numa tribuna elevada em três festas: Natal, Páscoa e Santa Cruz.

Joseph Ki-Zerbo, *História da África Negra I*, 1972

A dinastia Zagwe, então reinante, entrou em decadência no século XIV, período em que foi restabelecida a chamada dinastia salomónica. Ao longo desta fase, distinguiram-se dois monarcas: Amda Seyon ou Sion (1314-1344) e Zara Yacob (1434-1468).

Para centralizar o poder, os monarcas recorriam à imposição do cristianismo aos estados não católicos (animistas e muçulmanos). Para o efeito, adoptaram as seguintes medidas:

- Aplicação de pena capital a todos quantos adorassem o diabo e a confiscação dos seus bens.
- Instituição da Inquisição para julgar os hereges.
- Construção de igrejas
- Participação do país no Concílio de Florença, o que marcou a integração da igreja etíope no seio da Santa Sé.

A política desenvolvida pela dinastia salomónica encontrou forte resistência dos estados e cidadãos não católicos. Perante esta situação, as autoridades etíopes renovaram os seus contactos com a Europa solicitando ajuda militar que, no entanto, tardou anos a chegar. Durante este período, os monarcas etíopes sofreram pesadas derrotas. Os príncipes muçulmanos conquistaram e destruíram as províncias centrais da Etiópia e as cidades de Axum e Godjam.

No século XVI (1541), chegou finalmente a ajuda com o desembarque de tropas portuguesas. As duas forças conjuntas (etiope e portuguesa) obtiveram vitórias sobre as forças muçulmanas. Mas, os ataques ao Império Etiópico, quer por muçulmanos, quer por tribos nómadas, como a tribo Galla, continuaram, enfraquecendo política e economicamente a Etiópia.

### Sistematização

A partir do século V e até ao século XV, a Europa Ocidental tinha como sistema político o Feudalismo. Este sistema resultou, em grande medida, da queda do Império Romano do Ocidente motivada pelas invasões bárbaras. Enquanto duraram as invasões, e mesmo no período subsequente, a Igreja católica desempenhou um grande papel na pacificação, assistência às comunidades e desenvolvimento económico da Europa.

O recuo das invasões a partir do século X, as condições climáticas favoráveis e os progressos técnicos contribuíram para reanimar as diferentes actividades económicas. A terra deixou de ser o único bem de valor, o que foi contribuindo para o surgimento da crise do Feudalismo. Os invernos rigorosos que caracterizaram o século XIV, as revoltas populares, as guerras entre países, a peste negra e a fome, foram factores que agravaram a crise do Feudalismo.

No mesmo período, a Etiópia constituiu-se em império, submetendo reinos vassalos de quem recebia tributos. No domínio económico, a Etiópia constituiu-se como uma verdadeira potência marítima e comercial. À semelhança da Europa, a Etiópia foi alvo de invasões dos muçulmanos. O cristianismo triunfou na Etiópia, como na Europa e em particular na Irlanda dos séculos V e VI, como uma Igreja dos monges que influenciaram as comunidades pelo seu exemplo de vida e não apenas pela pregação. As mesmas invasões contribuíram para a passagem do regime imperial da Etiópia para um processo de feudalização, como aconteceu na Europa Ocidental: ausência de grande comércio e de circulação de moeda, bem como a concentração de terras nas mãos do monarca, do clero e da nobreza.



Fig. 26 Um aspecto das Invasões muçulmanas

O século XIV trouxe a crise para a Etiópia à semelhança da Europa. Contudo, a crise etíope não foi criada pela peste negra. O factor principal desta foi a guerra movida pelos árabes. Como na Europa, a Igreja católica, teve igualmente um papel importante na estabilização da Etiópia.

Ao longo do mesmo período, séculos V a XV, desenvolveram-se, na África Austral, onde se localiza Moçambique, os estados do Zimbabwe e de Mutapa. A origem destes estados ficou a dever-se à expansão dos bantu, povos conhecedores da metalurgia da ferro e da prática da agricultura e da criação de gado.

O comércio de ouro tornou estes estados nos mais famosos no mundo daquela época. Os árabes e os portugueses entraram em conflito pelo controlo deste metal. Por isso, a participação dos chefes neste comércio desempenhou um duplo papel: o de fortalecimento dos estados, por um lado, e o de declínio dos mesmos estados, por outro lado.



Fig. 27 Evangelização – aspecto comum entre Europa Ocidental e Etiópia

## Glossário

**Concílio** – reunião de bispos e cardeais da Igreja Católica para tomar decisões sobre questões de doutrina ou de organização e disciplina interna.

**Hegemonia** – superioridade em relação aos outros

**Hostil** – inimigo

**Hostilidade** – inimizade

**Obsidiana** – rocha eruptiva, vulcânica, de cor negra ou verde-escura, com que antigamente se faziam espelhos e instrumentos cortantes.

**Sésamo** – planta oleaginosa, termo por que também se denomina o gergelim.

**Sínodo** – antigo nome do Concílio, assembleia de eclesiásticos convocada pelo superior hierárquico.



## Exercícios de aplicação

1. Assinala com V as afirmações verdadeiras e com F as afirmações falsas. Reescreve correctamente as falsas.

- a) As conquistas aos vizinhos transformaram o reino etíope em império.
- b) No século V, a Etiópia inteira converteu-se ao catolicismo.
- c) O declínio da Etiópia, nos finais do século X, resultou equitativamente das investidas muçulmanas e dos estados vassalos do Sul.
- d) Na época feudal, a terra estava sobretudo concentrada nas mãos dos monarcas e do clero.

2. O cristianismo etíope foi caracterizado por períodos de distanciamento e de aproximação em relação ao cristianismo europeu.

Explica as razões que estiveram na origem deste comportamento da Etiópia.

**Ontem, foi a peste negra. Hoje, é o SIDA**

No século XIV, a Europa foi atingida pela peste negra, uma doença que para alguns era transmitida por ratos e terá chegado a este continente através de um barco genovês (italiano) proveniente do Oriente. A doença começava com alguns burbões (inchaços) nas virilhas e nas axilas. Estes cresciam até ficar do tamanho de uma maçã pequena ou de um ovo e em pouco tempo espalhavam-se por todo o corpo. Pouco tempo depois, os inchaços alteravam-se e apareciam manchas negras ou avermelhadas nos braços, nas coxas ou qualquer outra parte do corpo. O aparecimento destas manchas era sinal certo de morte, num espaço máximo de três dias.

Em algumas cidades da Europa, a população ficou reduzida a metade. Perante esta situação, as pessoas ficavam desesperadas. Sem ciência e medicina alternativa, os doentes eram abandonados pelos seus familiares e amigos e os mortos eram enterrados em valas comuns, sem que os familiares realizassem funerais condignos.

A peste negra atingia mais depressa as cidades do que o campo. No campo, as pessoas estavam mais isoladas uma das outras e, por isso, o contágio era menor. Por isso, as pessoas fugiam da cidade para o campo quando a doença atingisse a sua casa ou a casa vizinha. Mas, nem sempre os pobres tinham a possibilidade de fugir. Mal alimentados, mal vestidos e a viverem em condições de higiene precárias estavam mais expostos a esta doença.

Para os outros, a peste negra era castigo de Deus pelos pecados dos Homens. Por isso, as pessoas realizavam sacrifícios e passavam horas rezando.

Hoje é o SIDA, uma doença provocada por um vírus chamado VIH ou vírus da imunodeficiência humana. Este vírus actua destruindo, aos poucos, as defesas naturais do nosso organismo contra infecções.

Contrariamente a peste negra, muitas das pessoas infectadas pelo VIH têm um aspecto saudável, especialmente durante os primeiros anos. Por isso, a pessoa que contrai aquele vírus tem ainda muito tempo de vida, facto que não acontecia com o doente da peste negra. Os progressos na descoberta de novos medicamentos constituem outra vantagem em relação à época da peste negra.

O desespero de ontem levou ao abandono dos doentes e dos mortos. Hoje, não precisamos de ter este comportamento em relação aos nossos familiares e amigos.

O VIH não se transmite por partilha de pratos, copos ou no convívio com pessoas infectadas na tua escola, nos transportes colectivos ou nos postos de saúde.

Contudo, à semelhança de ontem, os pobres estão de novo mais expostos ao VIH, pois não têm acesso aos medicamentos, têm falta de alimentação em quantidade e qualidade e não têm igualmente acesso à informação sobre a doença.

O que deves fazer é evitar que o vírus se espalhe por mais pessoas. Para isso, apresentamos-te algumas recomendações:

- Falar sobre SIDA com os pais e com o (a) professor (a) de Ciências Naturais.
- Não te envolver com drogas, pois são substâncias perigosas e os instrumentos usados são uma grande fonte de transmissão do vírus.
- Não partilhar seringas.

- Exigir que nas vacinas tradicionais a que os teus parentes ou tu mesmo fores submetido nunca sejam partilhadas lâminas ou outros objectos cortantes.
- Manter relações sexuais com parceiros múltiplos aumenta o risco de infecção. Ainda é muito novo para manter relações sexuais mas quando chegar a altura, sé fiel ao teu parceiro. Usar sempre o preservativo nas relações sexuais.

O estado e as organizações anti-SIDA têm feito muito trabalho para melhorar a qualidade de vida dos doentes e evitar a propagação da doença, organizando palestras, exemplificando o uso do preservativo, distribuindo alimentos para os doentes, assistindo as crianças órfãs cujos pais morreram de SIDA, etc. Estas actividades não são apenas reservadas ao estado e às organizações anti-SIDA. Tu podes, igualmente, participar em campanhas de prevenção desta doença ou mesmo na melhoria das condições de vida dos doentes.

Fonte: Cristina, Griné et al. *Oficina da História*. Texto Editora, LDA. Lisboa, 2003

Folhetos sobre SIDA



### Exercícios de aplicação

A partir do Documento F (p.117) e do Documento G, diferencia a peste negra do SIDA.



### Curiosidade

#### A herança grega

Para além da Democracia e dos Jogos Olímpicos que constituem herança grega, ainda podemos salientar a Matemática e a Medicina. Na Matemática, temos o Teorema de Pitágoras que certamente irás estudar (se ainda não estudaste).

Na medicina ficou famoso o juramento de Hipócrates, grego da Antiguidade. Considerado o "pai da medicina", por muitos. Segundo este juramento, os médicos comprometem-se a tratar todos os doentes da mesma maneira. Isto quer dizer que os médicos comprometem-se a tratar os doentes independentemente do seu estado social e económico (rico ou pobre) cultural (analfabeto ou escolarizado) político (deste ou daquele Partido) religioso (desta ou daquela religião).

Em conclusão: Segundo o juramento de Hipócrates, o médico trata apenas do doente.



Hipócrates

1. Os domínios senhoriais dividiam-se em laicos e eclesiásticos.  
a) Refere dois factores que contribuíram para a formação dos domínios senhoriais  
b) Diferencia uns dos outros.
2. Observa as figuras 3 e 4 da página 106.:  
• Explica como cada uma delas contribuiu para a conversão dos bárbaros ao catolicismo.
3. Transcreve a alínea correcta em cada grupo de afirmações que se seguem em I e II
- I
- a) O Feudalismo na Europa Ocidental foi resultado da queda do Império Romano do Ocidente e consequente ruralização.  
b) O Feudalismo na Europa Ocidental foi resultado da queda do Império Romano do Ocidente e consequente urbanização.  
c) O Feudalismo na Europa Ocidental foi resultado da queda do Império Romano do Ocidente e consequente desenvolvimento dos transportes.  
d) O Feudalismo na Europa Ocidental foi resultado da queda do Império Romano do Ocidente e do desenvolvimento das feiras.
- II
- a) Os mosteiros e as catedrais eram centros da vida política e militar na Europa Medieval.  
b) Os mosteiros e as catedrais eram centros da vida política, económica e militar na Europa Medieval.  
c) Os mosteiros e as catedrais eram centros de vida religiosa, cultural na Europa Medieval.  
d) Os mosteiros e as catedrais eram centros de vida política e de diversão.
4. Indica as alíneas que contribuíram para o progresso ou retrocesso da economia europeia (sécs V-XV).  
a) Invasões bárbaras e magiares.  
b) Introdução de afolhamento trienal em substituição da bienal.  
c) A prática da troca directa.  
d) Utilização da bússola e portulano na navegação.  
e) Evangelização dos bárbaros  
f) Invernos rigorosos e prolongados.
5. Num mesmo período que a Europa Ocidental foi caracterizada por Feudalismo, a Etiópia também conheceu o mesmo sistema político e económico.  
• Indica três manifestações do Feudalismo na Etiópia que justifiquem esta afirmação.
6. Observa a personalidade representada na Fig. 23. Explica como ela se relaciona com as culturas do mundo dos nossos dias.



## Unidade 1 – A História como Ciência

Exercícios propostos p. 27

1. Ida da turma à Praça dos Heróis, dado que ele acompanhou a turma e esteve certamente envolvido nos preparativos da visita de estudo. Celebração do dia do professor, pois, ele é professor e certamente membro da organização. De acordo com a idade é provável que tenha sido protagonista da luta armada, quer como combatente, quer como estudante.

2. Fonte escrita: Constituição da República de Moçambique e revista *Tempo*.

Fonte material ou arqueológica: o carro utilizado pelo primeiro presidente da FRELIMO e as moedas que circularam na Companhia de Moçambique.

Fonte oral: Vovô Difia (99 anos). A idade da vovô indica que acumulou muitos conhecimentos e experiência transmitidas pelos pais ou avós. Sendo assim estes saberes e experiências são úteis para a reconstituição do passado de Moçambique, sendo assim fontes valiosas.

3. a) Falso. É património cultural e pode constituir fonte material para a reconstituição da História da região e, por isso, de Moçambique. b) Verdadeiro c) Falso. Para tempos mais recuados a arqueologia e a tradição oral são as fontes mais importantes, dado que a divulgação da escrita no nosso país foi tardia e ainda continua a não abranger parte considerável das populações. d) Verdadeiro e) Falso. Em 2011 passavam 36 anos o que corresponde a 3 décadas e 6 anos e em 2012 passaram 37 anos o que corresponde a 3 décadas e 7 anos. f) Verdadeiro

4. b), f), c), d), a), e), e g).

## Unidade 2 – A Origem e Evolução do Homem

Exercícios propostos p. 45

1. a) Os nossos antepassados eram nómadas porque viviam daquilo que a Natureza oferecia: frutos, raízes e animais. Assim, a medida que o tempo passava, os frutos e os animais iam escasseando no espaço em que se encontravam. Por isso, tinham de se mudar sempre que um lugar já não oferecesse condições para outros lugares onde pudessem encontrar aquelas mesmas condições.

b) Apanha de vegetais. Esta expressão mostra que os Homens estavam bastante dependentes do que a Natureza oferecia, limitando-se apenas a apanhar.

2. a), e), b), c), e d)

3. I. a), II. c) e III. b)

## Unidade 3 – A Diferenciação Social e a Formação de Estados

Exercícios propostos p. 101

1. c), 2. b), 3. b), 4. b) e 5. c)

6. a) Roma b) Grécia c) Grécia d) Roma e) Roma f) Roma g) Grécia. h) Roma. i) Grécia j) Roma k) Grécia.

## Unidade 4 – As Relações Sociopolíticas na Europa e em África entre os Séculos V e XV

Exercícios propostos p. 126

1. a) Invasões bárbaras, doação de terras aos nobres e igreja pelo trabalho prestado, entrega de terras por parte de camponeses e outros a nobreza e ao clero em troca de proteção.

b) Domínio laicos pertencentes aos reis ou aos senhores feudais. Domínios eclesiásticos - pertencentes à Igreja (mosteiros, catedrais)

2. a) Fig. 3 – A conversão do rei bárbaro, neste caso Clóvis, poderia constituir exemplo para a população que iria igualmente converter-se; ou então o rei já convertido ao cristianismo poderia influenciar o resto da população.

Fig. 4 – A junção dos símbolos pagãos dos bárbaros aos cristãos mostrava aproximação entre os cristãos e os pagãos, o que contribuiria assim para estes últimos aceitarem a religião cristã, uma vez que não estava muito distante das suas crenças.

3. I. a) e II. c)

4. Progressos: b), d), e e)

Retrocesso: a), c), e f)

5. Estado deixou de ser centralizado passando a estar dividido em domínios.

- Monarca passou a ter um terço das terras.
- Outro terço ficou dividido entre os nobres e Igreja.
- Monarca que transitava com a sua comitiva pelo país.
- Ruralização
- Fraco desenvolvimento da comercialização e consequente desenvolvimento da troca directa

6. A figura representa Maomé. Esta personalidade é considerada profeta (enviado de Alá) para os muçulmanos. Responsável pelo surgimento do islamismo, que nos nossos dias não é apenas uma religião, mas uma verdadeira civilização ou cultura dado que para além da religião inclui a maneira de estar e de ser.

- AAVV. História de Moçambique - Primeiras Sociedades Sedentárias e Impacto dos Mercadores (200/300-1886), Vol I, Maputo, in: *Tempo*, 1988.
- Barca, Alberto (dir.) *A História da Minha Pátria*, 5.ª classe. Maputo, INDE, Editora Escolar, 1994.
- Barreira, Aníbal et al. *História Activa 2. Da expansão europeia às vésperas da primeira Guerra Mundial*, 8.º ano, Porto, Edições ASA 1991.
- Bouzon, Emanuel. *O Código de Hamurabi*, Lisboa, vozes s/d.
- Fernando, Luís & REIS, Honório. *História*, 8.ª classe. Maputo, Diname 1999.
- Freitas, Gustavo de *Vocabulário de História - Política, social, económica, cultural, geral*. Lisboa, Plátano Editora s/d.
- Griné, Cristina et al. *Oficina da História 8*, Lisboa, Texto Editora 2003.
- Griné, Euclides. *Oficina da História 7*, Lisboa, Texto Editores 2006.
- Kirkby, Cristina & Louro, Cristina. *Viagem na História*, Lisboa, Texto Editora 1994.
- Marisa, Carla & Bettencourt Jacinto. *História*, 7.º ano, Lisboa, Plátano Editora 1998.
- Monteiro, José Peres. *A Bíblia Ilustrada Para Crianças*, Brasil, Sociedade Bíblia do Brasil, s/d.
- Nelva, Moreira (dir.). *Guia do Terceiro Mundo*, Lisboa, Trinova 1997.
- Oliveira, Ana et al. *História 7*, Lisboa, Texto Editores 2006.
- Oliveira, Ana Rodrigues et al. *História 7*, Lisboa, Texto Editora 2002.
- Rebelo, Carlos & Lopes, António. *História 7*, Lisboa, Didáctica Editora 2002.
- Roland, Oliver & Fage, J.D. *Breve História de África*. Lisboa, Livraria Sá da Costa 1980.
- Taju, Gulamo Etal. Da Comunidade Primitiva ao Feudalismo. 8.ª classe, Edições ASA, Portugal 1998.
- Zerbo-Ki Joseph. *História da África Negra*. Vol I, Portugal, Publicações Europa-América 1999.
- Zerbo-Ki, Joseph (coord.). *História Geral da África . I – Metodologia e Pré-História da África*, Vol. I. São Paulo, Unesco 1980.



## Lázaro Impuia

Natural da Zambézia. Mestre em História Contemporânea pela Universidade de Bordéus III, França. Leccionou nas Províncias de Nampula, Sofala e Maputo cidade. Em Sofala desempenhou ainda as funções de Chefe do Ensino Secundário e Médio e do Departamento de Direcção Pedagógica na Direcção Provincial de Educação e Cultura. Professor auxiliar na Universidade Pedagógica. Desempenhou igualmente as funções de chefe do Departamento de História. A sua experiência de ensino nos níveis básico, médio e secundário é extensiva ao currículo de ensino português. Actualmente é Director Geral Adjunto do Instituto Superior de Administração Pública (ISAP).

### 8.ª Classe

<b>Biologia<sup>1</sup></b>	978-902-47-5935 4
<b>Física<sup>1</sup></b>	978-902-47-5933 0
<b>Geografia<sup>1</sup></b>	978-902-47-5937 8
<b>História<sup>1</sup></b>	978-902-47-5934 7
<b>Matemática<sup>1</sup></b>	978-902-47-5939 2
<b>Português<sup>1</sup></b>	978-902-47-5940 8
<b>Química<sup>1</sup></b>	978-902-47-5938 5
<b>Agro-Pecuária<sup>2</sup></b>	978-902-47-5948 4
<b>Educação Visual<sup>2</sup></b>	978-902-47-5932 3
<b>Inglês<sup>2</sup></b>	978-902-47-5936 1

### 9.ª Classe

<b>Física<sup>1</sup></b>	978-902-47-5945 3
<b>Geografia<sup>1</sup></b>	978-902-47-5946 0
<b>História<sup>1</sup></b>	978-902-47-5947 7
<b>Matemática<sup>1</sup></b>	978-902-47-5924 8
<b>Português<sup>1</sup></b>	978-902-47-5950 7
<b>Química<sup>1</sup></b>	978-902-47-5944 6
<b>Empreendedorismo<sup>1</sup></b>	978-902-47-5920 0
<b>Agro-Pecuária<sup>2</sup></b>	978-902-47-5949 1
<b>Educação Visual<sup>2</sup></b>	978-902-47-5942 2
<b>Inglês<sup>2</sup></b>	978-902-47-5941 5

### 10.ª Classe

<b>Agro-Pecuária<sup>1</sup></b>	978-902-47-5472 4
<b>Física<sup>1</sup></b>	978-902-47-5469 4
<b>Geografia<sup>1</sup></b>	978-902-47-5468 7
<b>História<sup>1</sup></b>	978-902-47-5466 3
<b>Matemática<sup>1</sup></b>	978-902-47-5496 0
<b>Empreendedorismo<sup>1</sup></b>	978-902-47-5471 7
<b>Química<sup>1</sup></b>	978-902-47-5465 6
<b>Tecnologias de Informação e Comunicação<sup>1</sup></b>	978-902-47-5470 0
<b>Biologia<sup>2</sup></b>	978-902-47-5467 0
<b>Educação Visual<sup>2</sup></b>	978-902-47-5463 2
<b>Inglês<sup>2</sup></b>	978-902-47-5464 9
<b>Português<sup>2</sup></b>	978-902-47-5430 4

<sup>1</sup> Livros no sistema de ensino

<sup>2</sup> Livros de apoio e consulta



## HINO NACIONAL

## Pátria Amada

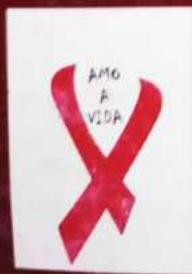
Na memória de África e do Mundo  
Pátria bela dos que ousaram lutar  
Moçambique o teu nome é liberdade  
O sol de Junho para sempre brilhará.

Coro

Moçambique nossa terra gloriosa  
Pedra a pedra construindo o novo dia  
Milhões de braços, uma só força  
O pátria amada vamos vencer.

Povo unido do Rovuma ao Maputo  
Colhe os frutos do combate pela Paz  
Cresce o sonho ondulado na Bandeira  
E vai lavrando na certeza do amanhã.

ores brotando do chão do teu suor  
entes, pelos rios, pelo mar  
os por ti, ó Mocambique  
no nos irá escravizar.



LeYa

Texto Editores

978-902-47-5934-7